



3 1761 07046990 3





ALBERTO PIMENTEL

A Porta do Paraíso



Arães & C.^a—68, Rua do Mundo, 70—Lisboa

A PORTA DO PARAISO

ROMANCES
DOS
BONS AUCTORES PORTUGUEZES

VOLUMES PUBLICADOS D'ESTA COLLECÇÃO

- I—OS GUERRILHEIROS DA MORTE, *original de Manuel Pí-
nheiro Chagas.*
- [II—A SEREIA, *original de Camillo Castello Branco.*
- III—A PORTA DO PARAISO, *original de Alberto Pimentel.*

Romances dos Bons Auctores Portuguezes

III

ALBERTO PIMENTEL

A PORTA DO PARAISO

(Chronica do reinado de D. Pedro V)

4.^a EDIÇÃO REVISTA E MELHORADA PELO AUCTOR



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

95, Rua Augusta, 95

TYPOGRAPHIA

35, Rua Ivens, 37

1900

PQ
9261
P46P7



...comecei a gosar no seio da
familia uma felicidade até ali
desconhecida.

D. PEDRO V—*Resposta á Camara
Municipal de Lisboa em 1859.*

Ao Ex.^{mo} Sr.

Bento de Freitas Soares

actual governador civil do Porto

(1873)

bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra,
antigo deputado da nação,
do conselho de oua magestade fidelissima, dignitario da ordem da Rosa do Brazil,
gran-official da Coroa de Italia, etc.

Off.

ρ AUCTOR



Prologo da 4.^a edição

ESTE livro poderá parecer hoje uma novidade, por isso mesmo que é antigo.

Eu proprio, quando agora o reli, cuidei penetrar n'um mundo desconhecido; — desconhecido, não porque jamais existisse, mas porque os sentimentos e as idéas, as correntes de opinião publica que então predominavam, deixaram de existir ou grandemente se modificaram no decurso de vinte e sete annos.

Podem muitos leitores suppor hoje que eu fiz um livro falso, excessivamente romantico, exagerando o ideal religioso até ao beaterio, e a convicção monarchica até ao fanatismo. Comtudo, deixem-me dizel-o francamente, este livro é a expressão fiel, rigorosamente exacta, da sua epoca, que foi muito mais religiosa, muito mais monarchica, muito mais apaixonada, quanto ás manifestações da intelligencia e da sensibilidade, do que a epoca actual.

Ainda tinhamos então crenças vivas e profundas, esse crêr antigo, patriótico e tradicional, que foi apanágio dos bons portuguezes de outras eras. Estavamos a muito menor distancia que hoje dos grandes rasgos de dedicação nacional, affirmados, na guerra e na paz, na terra e no mar, aos vivos ou aos mortos. Ainda nos aquecia a alma o rescaldo d'esse sagrado fogo de patriotismo, que os nossos predecessores alimentaram com fé viva, animo deliberado e braço forte.

Existiam, velhos mas intransigentes, muitos dos soldados do cerco do Porto, que puzeram D. Pedro IV no throno e ficaram amando convictamente a dynastia do Rei-Soldado. Tinham-n'a implantado á custa de sangue e esforço; eram os seus legitimos defensores. A paz geral só então principiava a sorrir como sação propicia ao desenvolvimento economico do paiz. Havia passado a hora das refregas partidarias, das escaramuças e revoluções que agitaram constantemente o reinado de D. Maria II. D. Pedro V era o representante directo d'essa dynastia, o que lhe attrahia as sympathias dos velhos, porque viam n'elle o neto do Imperador. Alem d'esta qualidade, o joven monarcha exornava-se de outras, rarissimas n'um mancebo: a intelligencia, a illustração, a bondade, a abnegação, a cortezia e a modestia, que se impunham a velhos e novos.

Como a tornar mais suggestivos todos estes excepçoes predicados, acrescia o influxo de uma estrella infeliz, porque nada ha que logre captar maior numero de adhesões e condolencias do que a infelicidade dos bons

O proprio monarcha chegara a convencer-se, e com elle o paiz, de que obedecia a uma sina de desgraça, e se o sr. D. Pedro V era o primeiro a lamentar-se d'essa inexplicavel fatalidade, o paiz mais lamentava ainda que recahisse tão amargo destino sobre o melhor dos principes, uma especie de Tito portuguez, compassivo e doce. Lamental-o era o mesmo que duas vezes amal-o: por ser bom e por ser infeliz. D'aqui veiu uma intima communhão de affectos entre o rei e os seus subditos: porque o rei julgava vêr soffrer a nação por sua causa e como que pedia perdão de ser rei; e o povo, reconhecendo que o rei se reputava desgraçado por não poder felicital-o, pagava-lhe em adoração essa mesma amargura.

Quando, ao cabo de pouquissimos annos de reinado, accidentado de muitas calamidades publicas, de que o rei fóra a primeira victima, sua magestade veiu a fallecer prematuramente, o povo, sinceramente crente em Deus e na monarchia, julgou que D. Pedro V era um santo, que por suas virtudes e soffrimentos conquistara o reino do ceu, e que a Providencia se havia amerciado d'elle fazendo-o soffrer muito em pouco tempo, para lhe conceder o mais depressa possivel a bemaventurança e gloria eternas.

Tal é, em resumo, a historia do rei e do seu reinado.

Não parece tudo isto inverosimil e inacreditavel hoje? hoje, n'uma epoca de crenças frouxas, quasi nullas; de egoismo e interesse, em que pullulam os indifferentes ou antes os quietistas, porque o egoismo é actualmente bem maior do que a indifferença.

¶ Parece, decerto. Mas tal epoca existiu, e está fielmente descripta n'este livro.

A saudade pelo rei teria chegado ao desespero, se não a suavisasse a convicção de que o senhor D. Pedro V era no ceu um bemaventurado, depois de ter sido um martyr na terra.

Fortalecido n'esta fé, o povo procurou eternisar em monumentos de pedra e bronze, e em escolas, asylos, hospitaes, monumentos de caridade, a memoria do rei bom e desventuroso, ao passo que lhe dirigia supplicas e orações, como a um eleito do Senhor, para que fosse no empyreo seu protector e advogado, porque o não podia ter melhor este pobre paiz, tão carecido de amparo e tão digno de lastima por suas accumuladas desventuras.

Todas as classes sociaes promoveram suffragios religiosos. Fundaram-se asylos, como o do Campo Grande em Lisboa, com o nome de el-rei. No Porto, além da «memoria» mandada levantar pela fabrica de estamperia do Bolhão, erigiu-se uma estatua de bronze na Praça da Batalha. Braga tambem teve a sua estatua, homenagem da familia Costa Rebello; e Castello de Vide, no alto Alemtejo, não quiz ficar atraz d'aquellas duas cidades: ornou a melhor praça da villa com a figura do rei modelada por Victor Bastos.

Não tivera limites a devoção, o fanatismo, que rapidamente se estendera aos mais remotos recantos do paiz.

A dôr nacional fizera o povo poeta: «entrei em Castello de Vide — diz um escriptor alemtejano¹ — já de

¹ José Frederico Laranjo, hoje lente da Universidade.



El-Rei D. Pedro V

noite; por todas as ruas se ouvia uma melopea tristissima. Eram elegias ao Rei; letra e musica tinha-as composto o coração do povo.»

Que admira, pois, que n'este romance o casamento de Alvaro Vaz e Clarinha fosse attribuido a milagre realisado por intervenção da alma «santa» do rei?

Era uma crença propria da epoca; a expressão, religiosa e monarchica, do sentir publico, sob a commoção de uma saudade enorme, produzida por uma irreparavel perda nacional.

A factura d'este romance resente-se um pouco da inexperiencia do auctor e muito da simplicidade dos processos exclusivamente romanticos, que então eram os geralmente seguidos em Portugal. A narrativa decorria facil e sentimental em todas as novellas, ainda as melhores; a descripção costumava ser rapida, pouco pormenorizada; o completal-a era um encargo mental e não sei se um goso do leitor. Os episodios, levemente tocados, deixavam desembaraçada a acção. Nada de complicações de enredo. Todo o entrecho derivava como um fio de agua limpida, direito ao seu fim.

Este processo póde talvez ser accusado de ingenuo, mas era sincero e honesto.

A *Porta do Paraiso* agradou muito, porque feria a «corda sensivel» do povo, evocando a recordação de um rei querido e chorado. Foi o primeiro romance, de maiores dimensões, que se propôz tratar essa epoca, despertando a saudade mal adormecida no coração dos contemporaneos de D. Pedro V. O publico não en-

controu novidade no livro, que lhe relembra factos recentes; mas achou-lhe verdade e verosimilhança, fidelidade e singelesa. As edições repetiram-se. E todos applaudiram a ideia de aproveitar, como fundo de novella, um reinado que ficou celebre apesar de ephémero, abençoado apesar de angustioso.

Uma das personagens do livro, Alvaro Vaz, pôde hoje parecer uma figura de sonhador, de visionario, excessivamente phantasista.

Mas é verdadeira, com relação ao seu tempo.

D. Pedro V, amando fervorosamente a sciencia e as letras, convivendo assiduamente com escriptores e artistas, dera exemplo aos moços, que se abrasaram, por uma nobre emulação, na febre do saber. A instituição do Curso Superior de Letras, planeada e realisada pelo rei, enlouquecera Lopes de Mendonça e extenuara D. José de Almada. Esta triste realidade, que devia corroborar ao monarcha a superstição do seu destino infeliz, não é, porventura, superior ao que pôde ter havido de idealidade na figura de Alvaro Vaz? O proprio rei fôra um poeta com a preocupação de victimar, como um contagio, todos os que se aproximavam d'elle: a rainha, os infantes, os dignitarios da casa real, o paiz inteiro.

Poderá parecêr, ainda hoje, menos inverosimil, se bem que exagerada, a figura de Clarinha.

O publico actual está habituado a encarar a mulher portugueza que sae moralmente escalavrada dos modernos romances realistas. Mas os typos femininos que se encontram nos romances de Camillo e Julio Diniz cara-



Rainha D. Estephania

cterisam os ultimos vestigios da antiga tradição amorosa dos portuguezes, especialmente na mulher : são copia fiel das grandes paixões absorventes, que, se eram contrariadas, submettiam o coração humano a uma doce resignação, que se espiritualisava no mysticismo soffredor. Eu escrevia *A Porta do Paraiso* dentro d'essa mesma epoca. E não sei ainda hoje ao certo se foi a mulher portugueza que se degradou, ou se, em virtude de uma preocupação de escola, foram os romancistas que principiaram a encaral-a sob outro ponto de vista — o mais immoral e o menos sympathico.

Mas, pelo que respeita á depreciação da mulher, tendo sempre a lançar maior responsabilidade aos homens do que a ella propria.

João Vaz é o typo do lavrador portuguez, affectuoso no lar, bom, dedicado, passivo ; um typo eterno, reproduzido de geração em geração, menos corrompido do que o operario, por mais distanciado dos grandes focos de infecção moral, que se chamam cidades. Creio que a natureza bella é uma escola de educação intuitiva : produz almas boas e corações de oiro. E acredito que o ar puro dos campos é a mais effcaz hygiene do corpo e da alma.

O mestre-escola, João do Couto, foi copiado, até no nome, de um que eu conheci em certa provincia do norte. E eram todos assim. *Ab uno disce omnes*. Liam mal e, ás vezes, ensinavam bem, pela simples razão de que os discipulos sabiam quasi sempre mais do que elles, e completavam-n'os.

O esboço do rei e da rainha reputo-o delineado conforme a verdade historica.

Não me quererão desmentir decerto aquelles leitores que se derem ao trabalho de passar pela vista as publicações, que lhes indicarei na primeira das notas com que vae augmentada esta edição.

Não toquei agora na traça geral do romance. Modesta e simples, a architectura é a mesma. Os livros são como os monumentos: têm a sua epoca. Apenas, como se lava a pedra, bruni a linguagem, quanto possível, sem comtudo desfigurar-lhe a primitiva feição, e aclarei um ou outro episodio, rapidamente.

Reservei para o fim algumas considerações de caracter pessoal, que me dizem propriamente respeito, mas de que não quero dispensar-me n'este logar, porque justamente entre todos os meus livros é a *Porta do Paraíso* aquelle a que ligo maiores e mais saudosas recordações do passado.

Mediante recommendação de Camillo Castello Branco, encontrei, vivendo eu ainda no Porto, um editor em Lisboa: eram os Lucas da rua dos Calafates, o pae e o filho mais velho, que tinham mettido hombros a uma empreza literaria. Editaram-me o *Annel mysterioso*, que foi recebido com agrado, e logo me propuzeram que escrevesse outro romance. Escolhi o assumpto e o titulo. Camillo disse-me: «E' uma epoca excellente, a de D. Pedro V. Escolheu muito bem.»

Comecei a escrever a novella, que, como todas as publicações dos mesmos editores, era distribuida em fasci-

culos. Escrevia cada semana o original preciso para o fasciculo da semana seguinte.

Bento de Freitas Soares, o primeiro homem politico com quem tratei mais de perto, era então governador civil do Porto. Muitas vezes me dizia elle que para «fazer carreira» pelas letras era preciso viver em Lisboa.

Citava-me o exemplo de Delfim de Almeida, que tinha «empurrado para a capital», sem o que haveria ficado esquecido no Minho. E promettia «empurrar-me tambem» logo que se lhe ageitasse occasião para o fazer.

Estavam apenas escriptos os primeiros capitulos da *Porta do Paraiso*, quando, sem o esperar, appareci despachado para um logar na Procuradoria Regia de Lisboa. Freitas Soares tratara de tudo, dera todos os passos. O despacho foi para mim, no primeiro momento, uma surpresa estonteadora, mas não deixou de entristecer-me quando, passada a primeira impressão, me vi obrigado a deixar a minha terra, a minha familia, os meus amigos; os montes, os campos, a cidade que me costumara a vêr desde a infancia.

Freitas Soares, sempre amavel e patrocinate, impoz a sua auctoridade aconselhando-me a seguir o exemplo de Thomaz de Carvalho, Ricardo Guimarães, Ramalho Ortigão, Sousa Viterbo, que, tambem portuenses, haviam trocado o Porto pela capital, do que não estavam decerto arrependidos.

Parti mais depressa do que queria, «empurrado», quasi á força.

Foi n'uma noite clara de outubro que eu vi pela pri-

meira vez Lisboa, «mãe de vícios, heroes, crimes, virtudes», como então se dizia repisando Thomaz Ribeiro.

Quando cheguei a Santa Apollonia, o aspecto da cidade, escassamente illuminada, deu-me uma impressão muito differente da que eu esperava receber. O Tejo, vagamente doirado pela lua, fez-me tristeza. A casaria irregular, amontoando-se violentamente sem nenhum cunho de grandeza, reforçou a primeira impressão. O trem ia rodando por uma rua torcida e pouco ampla. Arcos abertos na antiga muralha deixavam vêr nesgas sombrias do bairro de Alfama. Nas vendas fumarentas da Ribeira Velha uma grossa matalotagem grunhia. A cidade que eu ia vendo desagradava-me e entristecia-me.

Quando cheguei ao Terreiro do Paço, senti-me um pouco mais desopprimido. Mas achei fria a vastidão da praça, onde tudo me pareceu morto, incluindo... D. José I; e achei monotona a construcção pombalina das secretarias de estado — uma semsaboria de pedra.

De relance, avistei os grandes arruamentos da Baixa, e foram elles que principiaram a dar-me a noção de ter entrado n'uma capital.

O trem metteu pela rua do Oiro clareada pela luz que irrompia das lojas de commercio e animada pela concorrência de guardas-marinhas, aspirantes da escola do exercito e mulheres esguias que passavam charlando alegremente ou paravam fascinadas pela tentação das *montres* n'uma cobiça gulosa de luxo caro.

Principiei ahi a sentir a vida de Lisboa, onde tudo me era indifferente, e através da qual eu passava quasi aban-

donado, como se fosse um estrangeiro, dentro de um trem de praça.

No Rocio, a luz alastrava nos passeios e a população agitava-se em vai-vem, vitalisando o coração da cidade. Senti-me mais corajoso. O theatro de D. Maria, que me deu a impressão de ser lindamente recortado em cartão branco, não tinha aberto ainda. Mas ao chegar ao largo do Camões, o aspecto ruidoso dos botequins foi prejudicado pela voz plangente de um realejo, que torturava a *Norma*, annunciando a exhibição de figuras de cêra n'uma loja dos predios altos que defrontavam o theatro.

Esse realejo, que moía Bellini em soluços, nunca mais o pude esquecer.

Ao entrar na rua occidental do Passeio Publico as sombras do arvoredo, caindo sobre o longo gradeamento de ferro, deram-me a illusão de ir costeando um cemiterio.

Foi sob esta ultima impressão de tristeza que eu cheguei á rua Nova da Alegria, solitaria e escura, e que apeei á porta de uma casa de *pension*, para onde vinha sobrescriptado.

Tal fôra a minha primeira noite de Lisboa, ha vinte e sete annos—o tempo preciso para consolidar uma acclimação.

No dia seguinte, despertado pelos preções berberescos dos vendilhões e dos aguadeiros, continuei a escrever *A Porta do Paraiso* e, horas depois, fui eu mesmo entregar uma porção de original na rua das Calafates.

Conheci então pessoalmente os meus editores: o

pai, um velho ainda vigoroso; o filho primogenito, já minado pela tuberculose, que d'ahi a pouco o victimava.

Parti para o Porto, passados alguns dias, na hesitação de ficar ou voltar. Bento de Freitas Soares reanimou-me com os seus conselhos e com a sua benevolencia carinhosa. Voltei e fiquei. E conclui em Lisboa o romance, que o publico recebeu ainda com maior agrado do que *O anel mysterioso*.

Camillo não se tinha enganado: o éxito do livro provou que o assumpto fôra bem escolhido.

Já não existem Camillo Castello Branco, os editores Lucas, Delfim de Almeida Bento de Freitas Soares. . .

Mas, depois d'estas revelações, o leitor comprehenderá o motivo por que mantenho a dedicatória a um morto, que tamanha influencia exerceu, pelos seus estímulos e pelos seus conselhos, na minha vida, animando-me e guiando-me

Eu não ficaria bem com a minha consciencia se, no momento de reimprimir-se agora *A Porta do Paraíso*, calasse todas estas recordações do passado e todas estas revelações que são como que um desafogo de saudade calma: saudade de tempos e amigos que não voltam; saudade dos outros e . . . de mim proprio.

Lisboa, setembro de 1900.

ALBERTO PIMENTEL.



I

Um serão em Alcobaça

UM talento delicado como o de Garrett escreveria formosas paginas para acompanhar o leitor até onde o quizesse levar. Faria outro livro de viagens, contaria o romance d'outra janella, phantasiaria rouxinoes no bosque, amores no coração, suavidade no ceu, harmonia na natureza. . . Tudo isso era bello! se fosse possivel haver outro Garrett. Aquelle notavel talento que brincava com as idéas e com as palavras, que tinha o condão de fazer com que as alegrias e as magoas lhe sorrissem sob a penna, de pôr em tudo um raio de sol, que nem a saudade lhe escapou, e ficou parecendo mais formosa poetisada por elle, fugiu com as suas *azas brancas* a esconder-se no mysterio da eternidade, e não dei-

xou á terra o segredo do seu pensar e dizer. Portanto, leitor amigo, vamos para Alcobaça, sem conversarmos a historia do seu famoso mosteiro de bernardos, das regalias prelaticias dos seus abbades, das largas mercês que lhe fizeram os primeiros reis portuguezes, de tudo o que anda nas chronicas e podia dar colorido ao romance.

Entremos sem detença ao lar que nos espera.

João Vaz, o velho camponez, está avisado da visita e sente-se ancioso de nos mostrar a sobrinha e o sobrinho. Clarinha, uns meigos vinte e quatro annos, está costurando e olhando d'esconso para o primo. Alvaro Vaz, mettido entre rumas de livros, não faz senão folheal-os, annotal-os, esquecido de que tem vinte annos e de que a prima está alli perto.

O velho, cansado d'ouvir ranger os livros e a agulha, começa a apertar com o sobrinho para que deixe os in-folios, e a sobrinha de boa vontade corrobora os piques do tio. Não basta dizer boa vontade; da melhor vontade, é que se devia ter dito. Essa é a que vem do coração; essa era a de Clarinha.

— Deixa os alfarrabios, rapaz! Pareces um frade, no tempo em que Alcobaça os teve, com o nariz mettido nos latins da livraria! Como vaes a Lisboa assistir ás festas da aclamação do sr. D. Pedro V, queres fazer pasmal esse Tejo com a tua sabença. Tó carocha! Ha por lá sabios d'arregalar o olho! És creança; estás muito verde. . .

— E não é com o trabalho de todos os dias que o

tio ajuda a amadurecer os fructos do pomar? replicou um pouco enfadado Alvaro Vaz, sem despregar os olhos de cima d'uma chronica e escrevendo á margem uma nota.

— Ahi me vens tu com as tuas philosophias! Não sou eu que faço tudo; mais do que eu faz a terra — esta boa terra de Alcobaça, que não a ha melhor para fructa e vinho. Se eu tomasse a freima de querer ter uvas em maio, dava commigo no hospital de doidos ou no cemiterio, tanto monta.

— O tio tem razão, objectou timida e docemente Clarinha. Eu tenho pena de não saber ler, mas que soubesse, não me havia de afadigar como o primo, que parece um moinho que não descança todo o dia!

— A prima é rica, atalhou com desdem Alvaro Vaz d'entre os seus livros.

— Isso é, respondeu o camponez. Falaste ha pouco de pomares; de Clarinha são. Eu, seu tutor e seu tio, tu, seu primo, da sua generosidade vivemos.

Clarinha, sobremodo afogueada das faces, e sem levantar olhos da costura, murmurou com voz tremula:

— Meu tio! Que mal me faz ouvil-o! O tio é meu pae, Alvaro é meu irmão, somos todos uma familia.

— Teu pae sou, porque te amo como se fôras minha filha, e Alvaro, que só vive a remexer nos livros que manda vir de Lisboa, tambem te estima, a final de contas. Quando tua mãe mcrrreu, Clarinha, pouco me faltava resolver para ir por esses mares fóra até ao Brazil. Tua mãe sabia-o e disse-me alguns dias antes de pas-

sar: «Não vás, João. Eu pouco posso viver. Quem havia de olhar por Clarinha? Cuidarás das suas terras, e tirarás do teu trabalho com que viver. Se nosso irmão José, que está tísico, succumbir, leva para casa o Alvaro, e faze de conta que é irmão de Clarinha.» Aqui está o que me disse tua mãe. Que boa alma a sua! Já vê, meu sr. Alvaro, que não ha aqui prima nem primo, ricos nem pobres. Ora então não torne a offender Clarinha, que lh'o não merece.

—Eu não quiz offender Clarinha! exclamou Alvaro Vaz, que levantou os olhos e viu chorosa a prima. Bem sabe como eu a estimo. Tenho, porém, este invencivel amor aos livros. É uma febre, bem sei, mas o doente não se cura quando quer. Muitas vezes tenho contado a Clarinha os meus sonhos, as minhas visões, as minhas phantasias. Queima-me o peito esta ancia de saber. Sou como a salamandra: quero viver no fogo das idéas. Ha quem viva contente n'um palmo de terra; eu desejo o mundo para mim. Comprehando que o sol da ambição me póde derreter as azas como a Icaro, mas que querem? É assim. Vivo entre os livros melhor do que em parte alguma. Às vezes tenho delirios. Queria poder resolver todos os grandes problemas da sciencia, rasgar as trevas que ainda cingem a cabeça do homem. É a anciedade de Fausto e, assim como elle despertou no mundo real ouvindo o côro das camponezas, acórdo eu muitas vezes escutando a voz de Clarinha. . .

—Que estiveste tu ahi a dizer? interrogou com jovial physionomia João Vaz. Razão tens, Clarinha, quando me

dizes que teu primo é poeta. Em Alcobaça conheci eu um frade a quem chamavam poeta, porque fazia todas as lôas para a festa da Nazareth. Tu sabes fazer lôas, ó Alvaro?

— Não sei, meu tio, respondeu o moço com o sorriso meiado de altivez e benevolencia.

— O primo também escreve coisas muita bonitas! acrescentou Clarinha.

— Eu, prima!

— Mas não lhe chama lôas; chama-lhe versos. Eu bem lhe ouvi dizer outro dia ao seu amigo de Coimbra, que esteve em Alcobaça nas ferias: «Anda ouvir uns versos que eu fiz». E foram para debaixo da ramada. Eu, confesso o meu crime, fiquei na janella a escutar. O primo disse então coisas muito bonitas, e muito doces também. . . Mas — que pena eu tive! — não as entendi bem. Falava d'uma folha e d'um coração. . . Pois não era? Quem me dera adivinhar o que tudo isso queria dizer! Pareceu-me que o primo escreveu aquillo com algum sentido. Lá o mais não sei. . .

João Vaz ouvia sorrindo machinalmente com os labios e os olhos, ora fitando Clarinha, ora fitando Alvaro.

— Bravo! sim, senhor! disse elle quando a sobrinha se calou. Temos aqui um João Nepomuceno!

— Um quê, meu tio? perguntou Alvaro, por lhe ser inteiramente desconhecida a pessoa que João Vaz citava.

— Frei João Nepomuceno se chamava o frade d'Alcobaça que fazia as lôas para a Nazareth.

— Ah! exclamou Alvaro.

— Não te sabia da prenda! continuou bondosamente o lavrador. Então que estavas tu dizendo ao teu amigo de Coimbra?

— Eram versos, meu tio.

— Que eram versos sabemos nós. O que queremos saber é o que elles diziam.

— O primo não quer dizel-os... atalhou Clarinha com manifesta reserva.

— Não está para gastar cêra com ruins defuntos. Tem razão, o senhor frade novo! Nós cá somos uns pobres camponezes. A culpa de o fazer sabio tiveste-a tu, Clarinha, que o deixaste andar lá por essa Lisboa com livros vae e livros vem. Agora não quer gastar comnosco a sua mestrança...

Alvaro Vaz ouvia encantado a linguagem rude e sincera do tio. As palavras do camponez fizeram-n'o por momentos deslembrar a faina dos livros. *Vale a alma o que a intelligencia valer*, disse uma vez D. Pedro V, cinco annos depois, aos academicos de Coimbra. Esta phrase, que deixa entrever o homem no monarcha, é uma profunda verdade. A intelligencia d'Alvaro Vaz tinha quilates de subido valor e a alma valia tanto como a intelligencia. O coração, que era irmão do espirito, usou da palavra que o irmão lhe concedia. Alvaro Vaz disse:

— Eu faço versos por distracção. Gosto de ler poesia, e muita tenho lido. A's vezes, se estou triste, escrevo no papel alguma coisa. Foi o que outro dia me aconteceu. Fui para o meu quarto e comecei a rabiscar.

Ao outro dia lembrei-me de dizer os versos ao Montenegro. Disse-os. A prima ouviu ás escondidas. Ora eu auctoriso Clarinha, sempre que saiba que eu fiz versos, a ordenar-me que lh'os recite.

— Bondade do primo! respondeu Clarinha purpurejando-se. Que direito tem a essa honra uma pobre camponeza? As senhoras de Lisboa, aonde o primo vae agora, melhor devem entender os versos do que eu. Guarde-os o primo para ellas. Eu fico muito agradecida, mas não posso acceitar um sacrificio.

Alvaro Vaz ia falar, mas o camponez deteve-o:

— Ó Clarinha! Se tu queres ir a Lisboa com teu primo, vamo-nos todos tres com mil venturas. Ora deixa ver... Estamos em 1855. Eu fui a Lisboa em 47 levar o Alvaro ao collegio. Já lá vão oito annos na paz de Deus. Que novidades hei de achar agora por lá! Ó Clarinha, fala com franqueza: se queres ir, basta-te dizer que queres.

— Não, meu tio, não, muito obrigada, atalhou com vivacidade Clarinha, cujas faces pareciam afogueadas de maior rubor. — Nós iremos para outra vez. Deixemos ir agora o primo. Temos muito tempo, meu tio.

O colorido, que abrazava o rosto de Clarinha, era traiçoeiro. Conhecia-se a boa alma sem coragem e competencia para se nivelar com as mulheres que o primo veria em Lisboa, agora que elle estava um homem; Clarinha preferia viver recolhida na sua dôr a ver-se esquecida a par d'outra que o amasse menos. Lia-se-lhe no rosto este secreto pensamento.

João Vaz, apesar de rude, comprehendeu-o e não insistiu. Entendel-o-ia Alvaro? Entendeu de certo, porque se deu pressa em replicar :

— Peza-me que a prima não vá. Eu tinha muito gosto em lhe mostrar Lisboa, e não haveria de envergonhar-me de apresentar a formosa camponeza d'Alcobaça ao lado das mais bellas senhoras da capital. Visto, porém, que a prima recusa dar-me esse prazer, não me recusará de certo o d'ouvir os meus versos. Elles ahi vão :

Aquella folha cortada,
Que vae rolando no chão
Varrida pela nortada,
Faz lembrar o coração.
Nasceu, cresceu, vicejou,
Interposta ao céu e á terra,
A ver do cume da serra
A planicie onde estou.
O ar, o solo, o calor
Conservavam-lhe a verdura.
Estava n'aquella altura
A ver o mundo em redor.

Coração que sente e crê
É como a folha, não é ?

Eu sinto, eu espero, eu creio.
Encontra-me o somno exausto
Da febre que tinha o Fausto
De saber. E leio, e leio.
Quero a luz! Em luz immerso
Quero ter azas, voar.
É da nossa alma o universo,
Da aguia a amplidão do ar.
Desejo, aneio o renome
Dos que legam ao futuro
Na eternidade da historia



—O tio tem razão. (pag. 3)

Um alicerce seguro,
Da sua propria gloria.
Sou a folha vicejante
Interposta ao céu e á terra.
Estou no topo da serra
A olhar o céu, anhelante.

Coração que sente e crê
É como a folha, não é ?

Mas se eu cair como a folha
Na onda do vento inquieta,
— Que o vento tudo desfolha,
Olaya, rosa ou violeta —
Tal como a folha é guardada
Dentro d'um livro querido,
Guarda o coração ferido...
Se o não quereis dar ao na la.

Clarinha e João Vaz entre-olharâm-se como se mutuamente se confessassem não haver comprehendido o sentido dos versos.

— Eu bem dizia, observou desconsolada Clarinha, que falava d'uma folha e d'um coração!

— Sim, isso entendi eu, respondeu João Vaz. Mas, para dizer a verdade, não entendi o mais lá muito bem!

Alvaro olhava com expansiva physionomia para os dois e, ao mesmo passo que o coração selhe dilatava, exaltava-se-lhe o espirito com o legitimo orgulho de abranger um horisonte fechado para os seus dois unicos ouvintes. D'este duplo sentimento proveio a benevolencia com que se propoz quebrar a concha para extrahir a perola.

— Quero eu dizer, observou elle, que amo muito os meus livros, que tenho muita vontade de saber, mas que

se a sorte me fôr adversa, e eu não puder chegar até onde desejo ir, só algum bom coração, que se condôa da minha sina, me poderá salvar da morte. E' que a gente, quando vive sósinha e ralada de desgostos, parece soffrer duas vezes: soffre por si propria e pelo amigo que lhe falta. Eu conheci em Lisboa um rapaz, que ficou indevidamente reprovado um anno. Oh! mas era um grande espirito! Não quiz voltar para a familia. Ficou sósinho com o seu desgosto. Lembrei-me d'elle quando escrevi os versos . .

— Coitado! murmurou Clarinha. E então não dizem mais nada os versos? perguntou passando subitamente da compaixão ao jubilo, que não pôde dissimular, porque lhe ria nos olhos.

Jubilo de não serem aquelles versos escriptos a outra mulher, e da convicção de não deixar morrer o primo se por acaso a sorte lhe fosse adversa. Não pedia elle um coração para a desgraça? Pois bem. Teria o seu coração, que já lhe pertencia. Elle queria voar para as alturas em que o espirito se libra. Ella estava alli para o vêr partir. Se elle subisse muito alto, morreria ella contente de saber que era feliz. Se voltasse ferido nas azas da esperança, encontral-a-hia como na hora em que partiu e a esqueceu pelos livros. Esta ideia, explicado o sentido dos versos, deu-lhe alvoroços de alegria.

— Mais nada, respondeu Alvaro. Pois a prima pôde duvidar de mim? O que elles dizem, disse-o eu.

— Perdão! murmurou Clarinha confundida. Eu não pensei o que disse.

— Já sabes, acrescentou João Vaz, que tua prima

nunca tem a ideia de te offender. Estima-te muito, que eu bem a comprehendo, e está sempre receiosa de que tu a estimes menos. Ora, sim senhor! O que tu sabias fazer! O que é a differença de se saber dizer as coisas! Ao teu amigo de Coimbra disseste essas coisas bonitas; a nós, para t'as entendermos, falaste como a camponezes. O rouxinol canta, o melro assobia, o mocho não faz senão piar, e só o homem, Deus louvado! pôde ter tantas vozes quantas são as pessoas com quem fala! Bem se diz que somos feitos á imagem e semelhança do Creador!

— E' verdade! exclamou Alvaro, subitamente impressionado de vêr luzir aquelle lampejo de sã philosophia na alma inculta do tio. E' verdade! O homem pôde exprimir os seus pensamentos por mil maneiras differentes. Para elle não ha gamma que o obrigue a conter-se dentro de certo numero de sons. Basta dizer que a escala da musica a tiraram os antigos da linguagem do homem. Quantas melodias estarão ainda desconhecidas na palavra do mais obscuro orador! E' preciso provocar as vibrações, roubar á materia todos os segredos da musica, desvelar á humanidade as harmonias ignotas. . .

Mas, lembrando-se de que estava falando a Clarinha e seu tio, deu-se pressa em atalhar o que bem se podia chamar um enyigma, porque elles ouviam e não comprehendiam.

— Pois estuda, rapaz, estuda, visto que é esse o teu desejo e tua prima t'ó concede. Eu quero o que quizerem. Se não vaes para Coimbra é porque não queres; tua prima bem vezes t'ó tem lembrado.

— E eu outras tantas o tenho agradecido e recusado. Bem sei como Clarinha é boa para mim. Mas eu do fundo do coração rejeito a idéa de me fazerem sabio em cinco annos; de medirem os homens, talentosos ou ineptos, pela mesma biçola; de galardoarem o inepto porque elle leu melhor um livro lido por centenas de gerações, ao passo que o talentoso, fazendo do gabinete Universidade, reparte o seu espirito pelas provincias do saber, acompanha de longe os progressos da sciencia, não se prende a um livro, a um assumpto, a um professor. Aprende em todos os livros, tracta de todos os assumptos, ouve de todos os mestres. O espirito não póde voar sem liberdade. Deixem-me ser livre, guiar os meus estudos como eu quizer. Aprendo mais e melhor aqui, enquanto Clarinha costura e o tio fala, do que se estivesse na Universidade. O meu espirito está desopprimido, liberrimo. A aula é uma prisão, e n'uma prisão vive-se sempre revoltado.

— Faze o que quizeres, Alvaro, repetiu o tio. Vive lá onde te apetercer, visto que tua prima quer que se te façam todas as vontades; mas não te esqueças d'ella, que é tua prima, nem de mim, que sou teu tio, nem te faças maçon lá por essa Lisboa. Ora por hoje basta de lêr e palrar. Dá cá o meu beijo, Clarinha, e vae dormir. Olá, frei João Nepomuceno, basta de latins e livraria.

Acabava o serão de familia, sereno como principiára. Essa é a grande felicidade do lar, até mesmo quando não se é feliz.



II

Tristezas no lar

É-NOS já conhecida a familia d'Alcobaça. Retiramos admirados de que se conciliem na serena harmonia do lar condições tão oppostas, genios tão distanciados, aptidões e almas que vivem juntas e não são inteiramente irmãs. Falamos com especialidade dos primos. Clarinha e Alvaro são a antithese um do outro. Elle é louco pela gloria; ella amatissima da obscuridade. Elle tem ambições, sonhos, esperanças; ella só ambiciona e sonha e espera possuir-lhe o coração. Elle aspira a crear-se nome pelo desenvolvimento da sua em verdade robusta intelligencia; ella nem sequer sabe lêr, porque nunca se lembraram de a instruir, se bem que a sua linguagem, quasi sempre corrente, denuncie um espirito apto para enriquecer-se, e uma clara intuição. Elle tem aspirações e é pobre; ella não as tem e é rica. Notavel

antagonismo da sorte, que só o amor poderia compensar. E amar-se-hão? Oh! se se amam, não ha differenças que valham! O amor alhana todas as difficuldades; vae lentamente rasourando todas as divergencias da natureza. Até me parece que o amor o creou Deus para completal-a. Nasce ás vezes um coração aspero e malevolo. Chove n'elle o amor as primeiras lagrimas do seu balsamo divino: fica outro. E' pouco luminosa a razão em muitos homens. Recebe um raio do amor, e aclara-se. Não raro cede a natureza os seus direitos de propriedade á sociedade; deixa que lhe perverta um coração que era seu e era puro. Já quando, dado mais um passo, seria impossivel a reabilitação, surge o amor, e realisa subitamente a cura que todos os outros medicos da alma presumiam irrealisavel. São bastantes os exemplos. O que importa saber é se Clarinha e Alvaro se amam. Oh! que ella o idolátra conheceu-o o leitor desde o primeiro capitulo; que elle, sem a desestimar, a esquece pelos livros, tambem cuida que ficou sabendo. Isto não é o verdadeiro amor, que, para o ser, cumpre estar representado n'uma balança. E' preciso que as duas conchas tenham o mesmo pezo. Para que o amor seja verdadeiro, é mister que os corações fiquem ouro e fio. Não importa que sejam identicas as indoles; se o amor não nivelasse, não seria prodigio. O que importa é que collaborem em partes eguaes, que dê um o que do outro recebe, para que se não desconcerte o equilibrio.

Alvaro Vaz, obcecado pelos sonhos de gloria, não lia bem na alma da prima. Não se julgava tão extremo-



Calou-se Clarinha, afogueada do rosto .. (pag. 21)

samente amado. Que ella o estimava, era manifesto; bastava, para acreditar-o, a liberalidade de facultar-lhe recursos para estudar. O resentimento que mostrára Clarinha por elle querer ir ás festas de Lisboa, e por lhe occultar os versos, tomara-o Alvaro á conta de orgulho ferido, por isso que era bonita e nova. Não lhe comprehendeu bem o coração, elle. Dava-se pouco a estudar a alma na mulher; toda a sua ancia era estudal-a na humanidade. A analyse é o meio de conhecer os corações; o espirito d'elle fugia para as alturas da synthese, e queria ver o mundo á roda de si, como a folha dos versos. Tinha as doidas chimeras dos poetas aos vinte annos. Aos doze foi para Lisboa estudar por seu proprio desejo e annuencia da prima, que contava então dezeseis annos. Aprendera as linguas e disciplinas que se estudam nos collegios. Fez exames no lyceu e saiu distincto em todos. No collegio lia-se muita litteratura; elle leu quanta lhe chegava ás mãos, como já disse. Nos ultimos dois annos, voltou-se para a sciencia. Tinha visto o céo e a terra como poeta; quiz vê-los como astrónomo e geologo. Estudava discutindo comsigo mesmo, e com alguns condiscipulos. A discussão, embora não saíamos para fóra de nós a procurar interlocutor, pareceu-lhe um methodo preferivel ás interrogações academicas ou ás prelecções em que não é licito replicar. A' superficie da terra pullulava um sem numero de sciencias: a botanica, a zoologia, a phisiologia, a mineralogia, todas quantas evidenceiam que Deus é grande e o homem pequeno. Entrou de estudar um pouco de tudo isso. Nas sciencias, que são

os banquetes do espirito, em se provando o primeiro prato logo apparece o desejo de conhecer todas as iguarias. Não tinha quem lhe regulasse as horas e os livros de estudo. Lia sempre e lia tudo. D'ahi proveio uma excitação nervosa, que precisava ser reprimida com prudente conselho. As palavras de Clarinha eram brandas, as de João Vaz sempre benevolas; pouco peso lhes dava. Convidou-o a prima a ir graduar-se a Coimbra. Recusou. Achava, como já lhe ouvimos dizer, que o bacharelado era apenas uma habilitação official. Não se queria conter dentro dos limites universitarios. Era aguia: desejava que o deixassem voar livremente. Chegou á exaltação, constante, da monomania. Não falava senão das suas phantasias, das suas visões, dos seus sonhos.

Clarinha ouvia-o resignada. Queria chorar, por se vêr tão esquecida, e lograva, por esforço dolorosissimo, retrair-se. Bastára-lhe a triste lição d'uma só tarde para aprender a resignar-se. Iam uma vez passeando ambos, seguidos por João Vaz. Fôra isto dois annos antes. Alvaro tinha dezoito. A prima, que já o ficou estimando quando elle partiu para Lisboa, sentiu que o amava mal que elle voltou. Desde pequeno lhe conhecia o coração: era de fino ouro. Sentiu pejo de ser rica ao pé de seu primo, que era pobre. Havia uma solução para equiparar os haveres d'ella e d'elle: era casarem. Antes que Alvaro Vaz tivesse tempo de aborrecer n'ella a superioridade que lhe déra a sorte, perguntou-lhe Clarinha docemente o que destinava fazer. Foi n'essa tarde. O moço respondeu com altivez:

— Trabalhar para indemnisar a prima das muitas quantias que tem desembolsado em meu beneficio.

Alvaro comprehendera mal a pergunta. Suppoz que a prima, receiosa de sustentar-lhe uma ociosidade dispendiosa, iria aconselhal-o a procurar trabalho.

Calou-se Clarinha, afogueada do rosto, com os olhos postos no chão para esconder as lagrimas.

O moço, um pouco embaraçado, replicou:

— Pois não era sentido da prima perguntar-me se eu estava disposto a trabalhar?

— Não era. . . murmurou Clarinha.

— Perdõe-me então, se entendi mal, e explique-me o que queria dizer.

— Lembrava-me que o primo poderia ir formar-se a Coimbra. . . aventou ella com timidez encantadora.

— Não, prima, não, muito obrigado. Já lhe devo muito. A sua generosidade é inexgotavel, é certo, mas eu. . .

Clarinha tregeitou procurando mostrar-lhe que elle estava em erro. Alvaro Vaz comprehendeu-a e concluiu a phrase:

— Mas eu entendo de mim para mim que em nada enriqueceria o espirito com a pouca e pesada sciencia que se digere em Coimbra. Muito lhe agradeço, prima, e do fundo do coração. Eu contava demorar-me em Alcobça algum tempo a concluir uns estudos que em Lisboa principiei. Depois tencionava ir procurar trabalho á capital. A instrucção publica está por lá uma lastima. E' de suppôr que o Senhor D. Pedro V, que toda a gente

considera principe muito estudioso, a reforme. Poderei então concorrer a qualquer logar. Muitos devem ser elles, e chegarão para todos, protegidos e desprotegidos. Não valem compadrios políticos quando o concurso affirma eloquentemente a superioridade d'um espirito sobre outros. As batalhas campaes são hoje um absurdo, porque os direitos individuaes e os direitos collectivos principiam a ser respeitados. As unicas luctas permittidas ao homem n'este seculo são as do espirito, e o concurso é a victoria por excellencia em todas as luctas do espirito. Quem quer vencer, arma, prepara, robustece a sua intelligencia. Defronta-se com o contendor, esgrime, combate lealmente, e ou vence ou é vencido. No primeiro caso não póde haver favoritismo que se atreva a empanar a superioridade do espirito laureado; no segundo, deve recommençar a campanha para o soldado bisonho, que mais tarde voltará ao campo. Aqui tem a prima a rasão por que eu me preparo para qualquer concurso ao magisterio. Logares publicos, d'outro genero, não os quero, que entorpecem corpo e alma. Restava-me o commercio, mas quem nem para as idéas quer tarifas não se póde resignar ás pautas das alfandegas e aos preços reguladores dos mercados. Um guarda-livros é um criado do patrão e da Bolsa; eu só se fosse rico negociaria, unicamente para me confiar ás alternativas do cambio.

Clarinha apenas entendera a summula do que dissera o primo; o mais, que era sabor litterario, não o podia avaliar. Ainda assim tinha entendido o bastante para dizer:

— Mas para que anda o primo a pensar em modo

de vida? Quem o manda trabalhar? Tudo o que ha n'esta casa nos pertence a nós e ao tio. Façamos o contrato—animou-se ella a dizer—de ficarmos aqui de vez. Viveremos aqui tão bem, tão bem! A mim não se me dá de saber do mundo. Em eu estando em Alcobaça, e com quem estimo, já não penso em nada mais. Fique o primo comnosco. Ficaré sendo o que quizer ser. Terá livros para ler, muitos livros. . .

—Muito obrigado, Clarinha,—atalhou Alvaro Vaz com vivacidade—mas Alcobaça é muito pequena para mim. Bem sabe a prima que se respira melhor no topo d'uma grande serra do que n'uma planicie muito amena e muito funda. Comprehendo o nobre coração da prima. Vejo que me estima, e eu tambem a estimo, Clarinha; acredite. Mas Lisboa é a montanha, e Alcobaça a planicie de que lhe falo. Aqui adormece o espirito; lá accorda todos os dias para contemplar o azul luminoso do Tejo e do céu, e para se baloiçar nos reflexos de um formoso sol que parece brincarem no ar interposto ás duas margens. Lá ha o ruido, o movimento, a animação que provocam ao trabalho, porque são, para assim dizer, o rumor da grande officina das ruas em que todos labutam. Lá é que os homens combatem e porfiam para supplantar-se uns aos outros. A ambição do poder é uma lucta perpetua, auxiliada pela quotidiana discussão do parlamento. A camara é o Circo; o poder é o Capitolio. O athleta que sae victorioso dos combates da palavra, dos pugilatos da eloquencia, das tempestades do parlamento, vae sentar-se na cadeira curul seguido pela cohorte dos seus altivos

correligionarios. Em Lisboa o individuo deixa de viver em si para viver na sociedade. Póde-se portanto ir para lá sem coração; sem espirito é que não. A vida de lucta é dispendiosa; d'aqui procede ser Lisboa uma cidade pobre. A' noite, quando se illuminam as ruas e a casaria, e a cidade se corôa da aureola phosphorescente do gaz, resplendem os letreiros que em letras sanguineas convidam a empenhar a casaca e o relógio para não se morrer de fome essa noite. Quantos ministros que foram e quantos ministros que hão de ser não sobem a escada da casa de penhores, acompanhados pelo criado que leva a baixella a empenhar! E para quê? Para triumpharem, unicamente; para sustentarem o apparente prestigio da sua posição, porque estão interessados ha muitos annos na lucta politica, que é a mais voraz de todas as luctas. Todos lá teem a sua idéa fixa. Vivem para ella e com ella. Apenas conhecem os homens que lhes hão de servir de degraus. Sabem quem está no ministerio, porque em torno do ministerio giram todos os negocios publicos, mas não sabem quem habita o primeiro andar da casa em que moram. Passam na rua uns pelos outros, e não se cortejam, porque não se conhecem. Lá tudo é grande: a intriga, a miseria, a devassidão. Precisa um homem d'estudar-se para tirar de si recursos que lhe permittam resistir á grande devassidão, á grande miseria e á grande intriga. Tudo isto obriga a um trabalho intellectual, que auxilia o desenvolvimento do espirito. Em Alcobaça, na nossa casa, já que a prima me permite que eu diga assim, tudo é paz, serenidade, conforto. Eu avalio qualquer d'esses

bens, que fazem cortejo á alma da prima. Mas a prima nasceu violeta para o seu canteiro d'Alcobaça; a mim fadaram-me para ludibrio da onda, que eu bem o conheço. Pois bem, deixe-me ir na onda, Clarinha, e peça a Deus, como eu dizia nos versos, que não tenha de naufragar. Viva um homem na independencia da miseria, mas viva independente.

Da longa dissertação do primo, apenas desculpavel, dirigida a Clarinha, pela habitual exaltação de Alvaro, o que ella julgou entender melhor foi a ultima phrase. Já a esperava, como vimos, e desejava prevenil-a convidando o primo a ficar, até como seu marido, se elle mostrasse querer entender a indirecta proposta.

Clarinha viu n'essa tarde desabar o castello encantado que o seu coração architectára emquanto o primo vivera em Lisboa. Não havia remedio senão deixal-o partir outra vez, adormentar a esperança que estava á espera da manhã da felicidade, e dos que hão de lêr este livro muitos saberão quanto custa acalentar a alma depois que as afflicções a despertaram.

A ella muito lhe custou. Não perdia hora de espreitar o primo. Andava contemplando-o ás escondidas, e muitas vezes o via com difficuldade, porque as lagrimas esbatiam a vizão. Se elle ia sentar-se no banco sotoposto á ramada, lá se pendurava ella da janella sobranceira a afastar de mansinho as folhas para vel-o. Se elle passeava em frente de casa, mirava-o por uma nesga de cortina, que lhe permittia vêr e não ser vista. . . Era como se, flôr da sombra, vivesse condemnada a namorar de longe o sol.

A ambição é a loucura dos felizes. Teem muito e querem mais; dá-se-lhes o mais e querem tudo. O coração de Clarinha seria um thesouro para outro homem, que, orphão na infancia, entrasse no mundo pela porta dos desamparados. Para Alvaro era apenas um lago crystallino, cavado entre as alterosas montanhas a que elle desejava subir. Um viajante menos affeito não iria mais além. Ficar-se-ia para sempre embellesado na superficie limpida e mansa das aguas. Contemplando os alcantis, que se erguiam em redor, não teria a coragem de os vencer. Olhando para os cimos penhascosos diria a si mesmo: «Não vou lá; n'aquella altura só as aguias poderão fazer o ninho. Que as aguias estejam no seu throno baloiçado pelos vendavaes; eu cá me ficarei á beira do meu lago em que as brisas poisam beijos.» Elle não era assim. Viu, muito novo, o mundo. Familiarisou-se com as grandes distancias; acabou por querer medil-as. «Lá em cima — dizia-se elle — é que o tufão dedilha o hymno temeroso da tempestade na harpa granitica da serra. Quero ir ouvir de mais perto o concerto formidavel do mar, do céo e da terra. Bem sei que me não aconteceria perigo na serenidade d'este lago, que é o coração de Clarinha, dentro da gondola segura do seu affecto. Mas Clarinha, cujo espirito é inculto, chamar-me-ia louco quando eu lhe apontasse para as agulhas da serrania e lhe dissesse: «Tinha vontade de vêr o mundo d'acolá.»

Os espiritos vulgares não desculpam estes caprichos aos espiritos superiores. Olham para a flôr, não querem saber d'onde nasce. Ouvem o mar, não querem saber

porque sôa. Firmam-se na terra: não querem saber onde a terra se firma.

Alvaro Vaz estimava Clarinha, sabia que ella o estimava, mas parava ahi. Não a suppunha capaz de comprehendel-o, nem de amal-o como elle queria ser amado. E por que a prima lhe estranhava a ambição de gloria, insurgia-se contra a ideia de ter que acceitar-lhe beneficios, que o vexavam como se fossem esmola.

Então era o revoltar-se o orgulho peculiar aos espiritos sonhadores. Procurára a principio o pretexto da aclamação de D. Pedro V para sahir d'Alcobaça. Dizia ao tio que ia assistir ás grandes festas que se preparavam, e tinha assente o proposito de ficar para sempre em Lisboa. Revelára o seu designio a Clarinha, porque comprehendera que só com a maxima sinceridade se devem tirar os homens nobres dos apertos decisivos. O que lhe não disse claramente, mas só lh'o deixára perceber, era que não podia continuar a acceitar os beneficios com que ella o obrigava. Achava aviltante que um homem novo e intelligente se dispensasse de trabalhar para acceitar o immerecido salario d'uma ociosidade affectuosa. Estava no proposito de recambiar a Clarinha a primeira mezada que seu tio lhe enviasse para Lisboa. Recebera o beneficio emquanto lhe era absolutamente indispensavel, porque até então não se reputava apto para trabalhar.

Os seus planos iam ainda mais longe.

Pediria suavemente licença a Clarinha para indemnisa-la das quantias que ella havia dispendido.

Aproximava-se o dia 16 de setembro, destinado para a acclamação solemne do príncipe, e cada vez Alvaro Vaz se sentia mais arreigado aos seus pensamentos, se bem que o contristassem o silencio e melancolia de Clarinha. Estimava-a de mais para deixar de sentir o vel-a triste; amava-a pouco para impedir que se entristecesse.

A pobre menina, nos ultimos dias, não despregava os olhos de cima da cambráia em que errava o bordado.

João Vaz, santa alma que se sentia confrangida no meio das correntes oppostas em que mareavam sobrinha e sobrinho, e se julgava inválido para norteal-os em demanda do porto de commum salvamento, ficava-se a olhar para Clarinha, com a voz embargada, o olhar torvo, a alma escurecida.

— Oh! Clarinha! que não dizes nada! Censuravas teu primo por viver curvado sobre os livros, e tu vives agora curvada sobre o bordado! Se teu primo vae ás festas, deixal-o ir, que vae divertir-se. Tu se não vaes é porque não queres. Se reconsideraste, olha que ainda estamos a tempo de metter alguma roupa nos bahús. Nem tanta é ella precisa! Quando ha dinheiro, apparece tudo. . .

— Menos a alegria, meu tio! murmurou ternamente Clarinha.

— Sim, essa não se compra nem se vende. Se se pagasse a dinheiro, aposto que se te não dava de ficares pobre para compral-a. . .

— É verdade, meu tio! respondeu Clarinha com certa resolução.

— Pódes falar com franqueza, que teu primo não está presente. Eu bem te entendo a tristeza, Clarinha: bem sei que amas teu primo, e que o doido do rapaz te troca pelos livros. Não te afflijas, Clarinha. Elle ha de acabar de os lêr. Olha que eu sei mais do mundo do que tu. Sou velho duas vezes: tenho idade e experiencia. Tudo conheço na terra. Até já vi a pobreza. Foi tua mãe, que Deus haja em gloria, que poz a mão de per-meio para eu não continuar a vel-a. Deixa ir o Alvaro com as suas idéas. O homem põe e Deus dispõe. Nem só o que elle disser se ha de fazer. As folhas dos livros não hão de ser tantas que não tenham conta. Alguma vez se ha de lembrar de ti, que t'ó digo eu.

— O tio diz-me isso? interrogou Clarinha abrindo desmesuradamente os seus bonitos olhos.

— Agora não digo mais nada, que elle vem ahi! segredou João Vaz.

E pondo a cabeça fóra da janella acrescentou :

— Olá, senhor poeta! Pensei que já estivesse de botas de montar para se metter a caminho!

E falando para dentro de casa :

— Socega o teu coração, Clarinha. Pede a Deus que te socorra.

Entrava Alvaro á sala, e dizia-lhe jovialmente o camponez :

— Então quando é a ida, Alvaro?

— Tenciono partir ámanhã, que são quatorze. Vou de madrugada.

— Ora Deus vá contigo!

Clarinha interrompeu murmurando :

— Eu queria pedir-lhe um favor, primo. Era o de me dar uma copia d'aquelles versos.

Alvaro fez um gesto de surpresa.

— Não se admire, primo, — tornou Clarinha — bem sabe que eu não aprendi a ler. São para uma menina minha amiga. Posso contar com elles ?

— Logo lh'os darei, prima.



III

Como a alma de Clarinha quer ter azas

PARTIU Alvaro Vaz para Lisboa, como dissera, na manhã seguinte.

A conselho do tio, não se despediu de Clarinha, que esperava vel-o ainda, como lhe haviam prometido. Quando ella despertou d'um somno de breves horas, porque as outras as desvelou chorando, já lhe não foi possível vêr o primo, que partira ao romper do dia.

— O menino já lá vae ha muito! respondeu uma criada velha, que desde meninos os tratava.

— Enganaram-me! exclamou Clarinha rompendo em angustiado chôro.

Acudiu solícito João Vaz a confortar a sobrinha por quem se morria d'amores. Nada valeu a principio a consolação das palavras. Longo tempo chorou Clarinha até

que, exaurida de forças, se foi sentar a uma janella d'onde se avistava a estrada que o primo devia ter seguido. Ahi, já sem voz para soluçar, caíam-lhe em silencio as formosas lagrimas, que derivavam dos olhos fixos no horisonte claro e macio.

João Vaz passeava a largos passos na sala proxima com o coração dilacerado, frenetico, impaciente, espreitando, de instante a instante, a sobrinha, sempre que passava em frente da porta. Via-a chorosa e anciada, e segredava-se apostrophes que despeitoravam em parcellas o amoroso odio com que n'esse momento estava pensando no sobrinho.

— Que ingrato aquelle! dizia-se baixinho o velho camponez, caminhando açodado contra a parede fronteira, como se quizesse aggreir um retrato d'Alvaro, que lhe ficava á altura dos braços.

Retrocedia, espreitava para dentro da sala, via ainda Clarinha lacrimosa, e, tomando a mesma direcção, apostrophava ao aproximar-se do retrato:

— O que te perdeu, bem sei eu: foram os versos. Frei João Nepomuceno tambem era de manias.

E, descripto identico movimento, novo monologo:

— Meu pateta! Como diabo se te metteu na cabeça essa diabrura de querer saber mundos e fundos!

E depois:

— Anda que nem tu sabes o preço do coração de tua prima! Que, diga-se a verdade, o teu tambem não vale pouco; a cabeça é que te perde. . .

Ao passar de novo em frente da porta, como se já



Meu tio I respondeu a menina com voz flebil, voltando se para vel-o. (pag 35)

houvesse esgotado o vocabulario das apostrophes, poz a cabeça dentro da sala e disse amoravelmente:

— Clarinha! Ó Clarinha!

— Meu tio! respondeu a menina com voz flebil, voltando-se para vel-o.

Animado por tão bondosa recepção, João Vaz entrou, e vivamente instou com a sobrinha para que fosse almoçar. Escusou-se a menina a principio com falta d'appetite, mas o tio colheu-a docemente nos braços e pediu-lhe que se erguesse.

Clarinha annuiu e foi, apoiada no braço do tio, sentar-se á mesa.

Deitou elle mesmo o chá, pôz em torno da sobrinha quantos pratos havia na mesa, e sentou-se na cadeira immediata instando para que comesse.

A menina levou a chavena á bocca e bebeu o primeiro gole, pousando-a outra vez.

— Olha que te esqueceu o assucar! exclamou João Vaz.

— É verdade! disse ella sem saber o que respondia.

Temperado o chá pelo tio, bebeu Clarinha segundo gole, e affastou a chavena.

— Não queres mais?

— Não quero, meu tio; tenho um nó na garganta. Preciso tomar ar. Quer o tio fazer-me um favor que bem poucas vezes lhe costume pedir? Quer ir dar um passeio commigo?

— Vamos lá, Clarinha. Pois não havemos d'ir! O que tu quizeres é o que se faz. Mas para que lado havemos d'ir?

— Para o da escola.

— E que queres tu ir fazer á escola?

— Por ora é segredo, respondeu Clarinha procurando compôr um sorriso que expirou n'um geito doloroso. O tio logo saberá.

— Pois muito bem: logo saberei.

Prepararam-se e sahiram. Dados alguns passos, volta-se de repente o camponez para a sobrinha e diz-lhe:

— Ó Clarinha, faz mingua levar dinheiro para o que tu queres?

— Ha-de fazer, meu tio, mas hoje não. Muito obrigada.

E seguiram silenciosos pela estrada, onde estavam ainda patentes as pégadas do cavallo em que Alvaro partira, até que ambos se afastaram do caminho publico mettendo por um atalho que ia dar á escola.

E Alvaro Vaz?

Alvaro Vaz jornadeava, estrada de Lisboa, mais absorto em esperanças do futuro que em saudades da prima. Lembrava-se d'ella, porque sempre lembra, quando se está só, uma pessoa que nos estima. Depois, quando a phantasia desvaira em arrojados projectos, não ha fortaleza de espirito que a espaços se não sinta accommettida de vagos receios. N'essas breves intermittencias sombrias, lembrava-se Alvaro da serenidade que lhe ficava na casa d'Alcobaça, do amor da prima e da benevolencia do tio. Mas acudia-lhe a imaginação a soccorrer as tibiezas do animo. Fiava muito do novo rei, e architectava o destemido projecto de solicitar uma audiencia, e

expor ao monarcha as circumstancias que embaraçavam a realisação dos seus planos. Portugal inteiro punha extrema confiança no senhor D. Pedro V, não obstante subir ao throno no verdor dos dezoito annos. Era notoria a esmerada educação que D. Maria II dera aos principes seus filhos. A rainha, que teve de dirigir os negocios publicos n'uma epoca politicamente accidentada de torvos episodios, não deslembrou, ao pensar no paiz, os deveres da maternidade, que a chamavam junto dos berços da sua prole. Soubera conciliar, por exemplar prudencia, as obrigações que impunha a corôa com a escabrosa missão de educar os principes. Repartia-se entre o throno e o lar, de modo a não deixar vacuo em nenhum dos dois logares. A'cerca dos sentimentos e indole do principe real, docil, estudioso e delicado, diziam de sobra as informações dos mestres do Paço. Desde tenros annos antepunha o senhor D. Pedro as praticas frias, mas reflectidas, dos velhos fidalgos, que o cercavam, ás alegres, mas frivolas conversações da nobreza moça.

Fez-lhe d'uma vez este reparo o seu professor de latim, Francisco Antonio Martins Bastos.

O principe respondeu com modesta convicção :

— Que proveito ou que instrucção posso eu tirar de ouvir rapazes?

Aos doze annos de idade já o principe era sobremodo entendedor da lingua latina ; aos treze escrevia de Cintra áquelle professor uma eloquente epistola n'essa mesma lingua. Tambem se maravilhavam dos progressos do discipulo os professores de inglez, desenho e

musica. Introduziu-se no Paço o costume de serem os principes mais velhos chamados a dar provas do seu aproveitamento perante a côrte. Era o senhor D. Pedro V pasmo de seus mestres e auditorio, não só pela firmeza da palavra como pela justeza com que reproduzia os conhecimentos assimilados. Desde meninos que o senhor D. Pedro e seu irmão o senhor D. Luiz se davam a trabalhos agricolas e bótanicos na real quinta das Necessidades, onde lhes eram destinados alguns talhões de terra para que por suas proprias mãos os cultivassem. A rainha, impellida por sua clara intuição, e aconselhada pelos mestres e medicos do Paço, queria equiparar em seus filhos o desenvolvimento das forças intellectuaes e phisicas, para que não viesse a florescer o espirito, esmeradamente cultivado, em corpos doentios e unicamente propensos aos regalos da côrte. Parece que foi assim que os principes se entraram de amor pela historia natural, que mais tarde melhor puderam estudar praticamente em muzeu; principiaram a colleccionar com tão boa vontade e ardente afan, que dentro em pouco foi preciso transportar as *vitruines* para mais espaçosa sala. Era manifesta a humildade e sentimento religioso do herdeiro da corôa. Convém apresentar provas. Para exemplo de submissão bastará dizer que, depois de lida uma lição de latinidade, se queixara o principe de violentas dôres de cabeça ao respectivo professor; por isso, sobraçando os livros inglezes, dispunha-se a recolher-se ao seu quarto, onde, desopprimido de etiqueta, mais commodamente poderia estudar os poetas da Grã-Bretanha. Encontrou-se, porém,

á sahida com o seu aio, o velho visconde da Carreira, que lhe perguntou aonde ia :

— Vou estudar para o meu quarto, porque me sinto doente da cabeça.

O visconde da Carreira limitou-se a apontar para a mesa das lições, e a dizer :

— Aqui é que se estuda.

O principe retrocedeu e, poisando os livros, correu a enleiar-se no velho fidalgo, pedindo-lhe meigamente perdão d'uma involuntaria falta de respeito.

Depois sentou-se, e começou a estudar.

Era o senhor D. Pedro V sobremodo religioso, e desde os primeiros annos dera edificantes mostras de sua piedade. Momentos antes de fazer o primeiro exame de latim perante a côrte, acercou-se do professor Bastos e manifestou-lhe o desejo de ir fazer as suas orações á capella do Paço, onde havia lausperenne, para invocar o auxilio divino. Jámais se deitou ou levantou sem orar na presença do aio; se elle não estava presente, esperava que viesse, para lhe dar a certeza de que o não illudia. De anno para anno se tornavam mais brilhantes os exames dos principes. Como porém estamos escrevendo uma chronica do reinado do senhor D. Pedro V, só d'este principe falaremos. Era merecida a approvação unanime do auditorio em todas as disciplinas. O principe revelava igual vocação para as letras e artes. O professor de musica, Manuel Innocencio dos Santos, ligitimamente se orgulhava da aptidão do discipulo; o mesmo acontecia ao professor de desenho, Antonio Manuel da Fonseca. Já-

mais o principe interrompeu as lições, sem que primeiro pedisse auctorisação aos professores. Não ousava sequer mudar um livro sem previamente haver solicitado licença.

Á mistura com tão modesta doçura havia na alma do principe uma tristeza precoce que muitas palavras, e sempre o olhar, denunciavam.

D'uma vez, em 1847, fez reparo o professor de latini-
dade na excessiva melancolia do principe, que respon-
deu, a carinhosas interrogações, d'este modo:

— Sonhei esta noite que uma aguia me levantava ás nuvens; que, lançando-me da maior altura, me deixára cair em terra despedaçado, levantando ao meu logar meu irmão Luiz. Foi um terrivel pesadelo, e ainda me parece sentir a queda!

As prophcias do coração!

Que muito que a alma adivinhe, se nada tem de terrena? É uma particula emanada do alto, e que de lá desceu animada. A cada passo revela a sua essencia, como o perfume denuncia a flor a que pertenceu. Subsistem entre a particula e o foco mysteriosas ligações, que o homem não póde explicar senão por tentativas e hypotheses, porque apenas conhece a terra: falta-lhe conhecer o ceu. Reputa-se absurdo o presentimento, porque não podemos dizer como é que nos fala do futuro a voz que nos murmura dentro; do mesmo modo os que não são sabios se admiram de que um fossil baste para cimentar uma fauna remota, e não seja preciso mais que uma flor para organizar uma flora desconhecida. Façam-se em-

bora livros negando a verdade dos presentimentos; os factos dirão sempre mais do que os livros. Todos os homens vaticinam. Conta-se que Cesar prophetisára a sua grandeza, como D. Pedro V adivinhára a sua prematura morte.

Querem alguns que estas apprehensões do principe procedessem da tradição de morrerem moços os primogénitos da familia de Bragança. Para combater esta idéa em espirito tão esclarecido bastava o exemplo da rainha sua mãe, que era primogenita e reinou. Parece igualmente que não devia semelhante presagio escurentar o animo de principe tão pouco saboreado em felicidades terrenas. Não queiramos nós, os homens, explicar tudo. Ha alguma coisa superior a nós: é o eterno enigma da Providencia. Oh! mas que os presentimentos hão de ser eternos companheiros da alma, não é licito duvidar: é um facto repetido de geração em geração, de idade em idade.

Tambem João Vaz, caminho da escola, ia dizendo á sobrinha:

— Tenho cá um presentimento a respeito do Alvaro. . .

— Se é mau, não diga. . . acudiu Clarinha, receiosa de não ter forças para arrostar com novas infelicidades.

— Está bom, não direi.

— Mas é muito mau, muito mau?

— O que tu quizeres! Então digo ou não digo?

— Eu sei! respondeu ella perplexa.

— É que ainda ha de quebrar por lá a cabeça!

— Jesus! Então suppõe que lhe acontecerá algum desastre?

— Isto é um modo de falar, Clarinha. Supponho que nem tudo nos sahe á feição dos nossos desejos. Quem regula o mundo, é quem lá está em cima e vê chorar os tristes.

— Se Deus me visse chorar! soluçou Clarinha.

— Ha de vêr, filha, deixa estar que ha de vêr. Não tens ouvido dizer que Deus não dorme?

— Tenho, meu tio, mas a dizer a verdade nunca dei-tei grande sentido.

— Quer dizer que Deus não esquece nunca os homens.

— Pois que Deus me não esqueça a mim, que tanto preciso da sua misericordia.

E, como as lagrimas affluissem abundantes aos olhos de Clarinha, apostrophou o camponez:

— Olha lá! que vaes tu fazer á escola?

— Eu, meu tio!

— Então ainda se não póde saber?

— Póde, sim... é que eu vou... O tio ha de dar licença...

— Eu sei lá o que é! mas sendo idéa tua não póde trazer mal algum.

— É que eu vou aprender a... lêr.

— A lêr! repetiu João Vaz, abrindo desmesuradamente os olhos.

— Sim, meu tio. Minha mãe, que Deus tenha em gloria, não se lembrou, com a faina dos campos, de me tomar mestre. Pensava a pobresinha que só o dinheiro é felicidade. Pois não é, não. Ó minha santa mãe! vê lá do céo como a tua filha está chorando n'este momento.

— Basta de lágrimas, Clarinha! Mas que lembrança foi essa agora?

— É que eu tenho muita vontade de saber . . .

— Adeus! Muda-se o convento de Alcobaça para nossa casa. Não me vão faltar freis Joões Nepomucenos. Ora a galanteria! Também tu queres metter-te em sabenças!

E, curvando-se para rir, deixou pender o queixo até o poisar no peito. Assim deu, muito concentrado, alguns passos, e, apumando-se de novo, parou estendendo a mão esquerda para a sobrinha e exclamou:

— Ó Clarinha, has de me dizer uma coisa . . .

— Digo, meu tio.

— Tu queres aprender para leres os versos de teu primo . . . É ou não é?

— É, meu tio. Respondeu Clarinha pondo os olhos no chão e córando.



IV

Um coração que sofre enquanto um povo jubila

QUANDO Alvaro Vaz entrou em Lisboa, preparava-se alegremente a cidade para as festas da aclamação do senhor D. Pedro V.

Alvorecia no principe uma grande esperança para todo o reino; era portanto geral o enthusiasmo. Ninguém então suspeitava, a não ser o novo rei, que tamanhas alegrias houvessem de esfriar, poucos annos volvidos, nos gelos do sepulchro. Era que a população da capital, alvoroçada com os preparativos dos festejos, nem tempo tinha de consultar a propria alma, como não fosse para phantasiar novas pompas e affagar novas esperanças. O rei, estudando-se na meditativa concentração de quem ao outro dia tem de fazer uma viagem arriscada — e não a ha mais arriscada do que pelas alturas do poder — distinctamente ouvia no silencio da sua camara a mysteriosa voz do presentimento.

Foi Alvaro Vaz alojar-se n'uma trapeira da rua da Quintinha. Da janella do seu cubiculo avistava á esquerda uma formosa nesga do Tejo, e em frente o vasto edificio das côrtes. Não podia encontrar-se sitio mais de geito para tão ardente devaneador. D'alli via elle, no espelho da natureza, a magestade de Deus, e representada no velho edificio de S. Bento a idéa mais liberal que os progressos politicos trouxeram ás sociedades — o parlamento. D'um lado a eloquencia de Deus; do outro a eloquencia dos homens. O esplendor da suprema omnipotencia do Creador a par do fastigio das posições politicas. Tudo isto foi o que primeiro lembrou a Alvaro Vaz quando chegou á janella da sua trapeira, mas logo acudiu a razão, serenadas as impressões do momento, a advertil-o de que a acção dos homens variava como elles, e a obra de Deus permanecia na belleza e orientação primitivas.

O Tejo amanhecia todos os dias imponente na correnteza e largura de suas aguas, e o parlamento, cujos membros deviam ser os estrenuos advogados da justiça do povo, que lhes dá na urna um voto de confiança para que elles lhe dêem no parlamento uma palavra de protecção, era algumas vezes a maxima irrisão e outras vezes o maximo escandalo.

Não ha realmente instituição mais apropriada para estabelecer nas sociedades cultas o verdadeiro equilibrio em que se deve manter a balança da justiça, do que o parlamento. Devia de ser aquelle um templo em que os representantes do povo se reunissem para falar pelo povo.

A voz das multidões devia ecoar alli. A alma popular devia palpitar na eloquencia dos tribunos. Requeria atu-rada reflexão — se os homens se fizessem para as insti-tuições — o alcance de cada palavra, porque uma palavra, pronunciada no interesse do povo, pôde representar as lagrimas do orphão, o suor do operario, e o sangue de todos. Mas os homens converteram o parlamento na praça publica em que a justiça dos eleitores é vendida despejadamente pelos trinta dinheiros da politica. A ambição pesscal envenenou o direito collectivo. A vasa da cubiça manchou a corrente da eloquencia, e todo o arti-ficio da palavra não pôde occultar a mácula da idéa. E o Tejo, tal como Deus o creou, tem ainda, e terá sempre, a mesma profundeza e a mesma serenidade. Ponham-lhe barreiras no caminho; elle arremessal-as-ha ao céu. Irá noite e dia levando ao mar o feudo que lhe deve, porque a obediencia realisa o ideal da justiça. Este devera ser o caminho dos homens, porque o dever nasceu compa-nheiro do direito, mas a caudal da eloquencia, em vez de seguir a linha recta da equidade, espraia-se muitas ve-zes em discussões estereis, em inundações de palavras, que deixam cobertas de limos as areias do parlamento.

Alvaro Vaz pensou n'isto, calmado o primeiro enthu-siasmo, e sentiu um pouco abalada a cega esperança com que entrara em Lisboa, credulo na pureza das instituições e dos homens.

Era o primeiro desengano.

O coração é como os fructos: só com o tempo vae amadurecendo.

Na noite do dia 15 foi Alvaro Vaz procurar um antigo condiscipulo, que dois annos antes obtivera um importante cargo publico, e em cuja casa achou reunidos dois jornalistas e dois deputados.

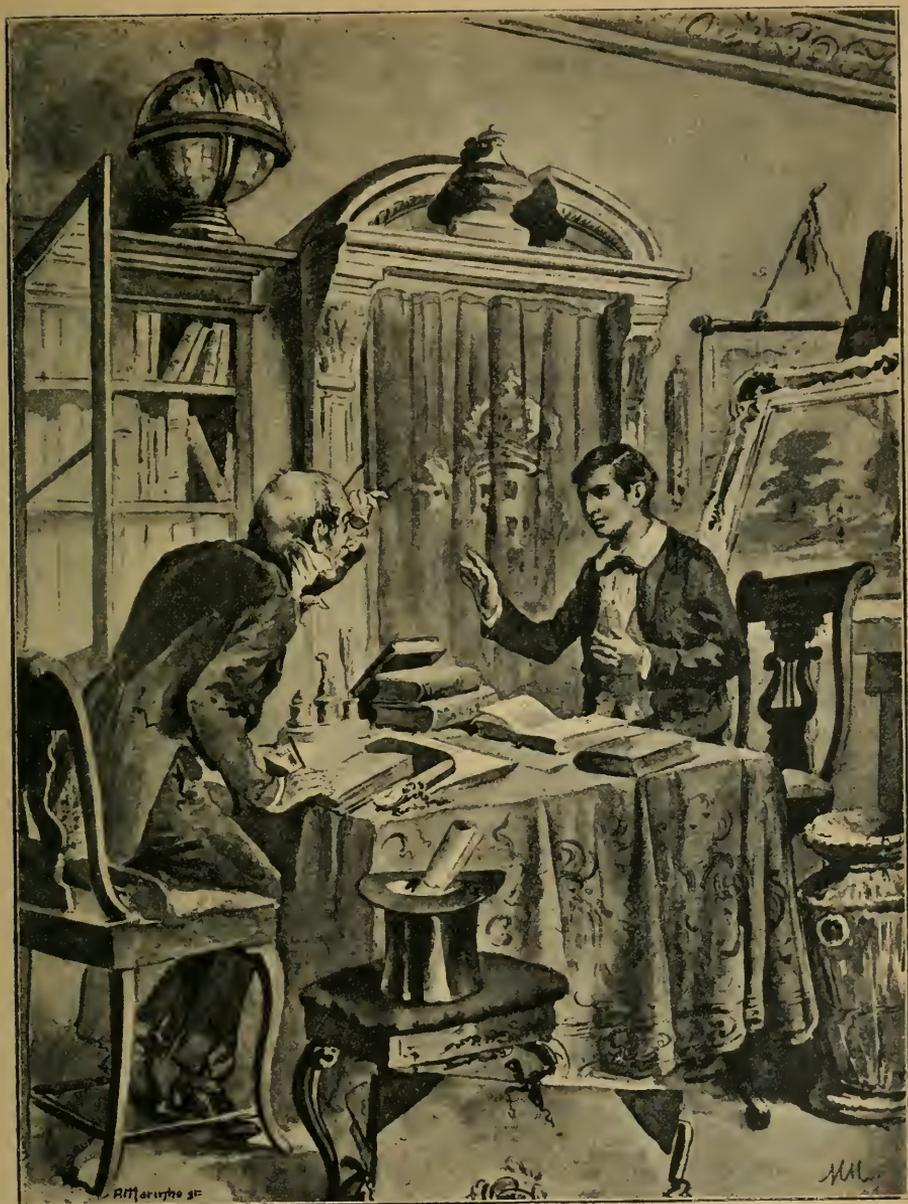
Entrou de animar-se a conversação em que Alvaro Vaz para logo se denunciou o ardente sonhador que em verdade era. O dono da casa, os jornalistas e os deputados por mais d'uma vez tiveram de combatel-o com a bateria dos factos no campo das suas abstracções predilectas.

Imaginava o moço d'Alcobaça que a administração publica podia ser radicalmente melhorada, presidida pelo nobre coração e brilhante espirito do principe que no dia seguinte devia ser acclamado rei.

Ria ironicamente d'ouvil-o a companhia, e replicava que elle, durante a sua estada em Lisboa, teria frequentes motivos para desilludir-se. O que lhe diziam aquelles homens, mais sabedores do que era a governação em Portugal do que elle, porque haviam tratado com todos os governos, viera completar a tristeza que as suas meditações sobre a representação nacional haviam suscitado.

Entrelembrou-se d'Alcobaça, e sentiu doer-lhe no coração uma vaga saudade... Era-lhe sobremodo pungente aquelle descer-se do céu das suas queridas esperanças. Perguntou-lhe o amigo se tinha vindo a Lisboa com o simples proposito de assistir ás festas, cujo pregão attrahira á capital grande numero de provincianos.

— Não, respondeu Alvaro Vaz. Vênho estabelecer residencia aqui. Sou novo, corajoso e forte. Sei que a vida



— Sonhei esta noite que uma aguia me levantava ás nuvens (pag 40)

nas captaes é uma lucta permanente, e venho luctar. Não me assusta a perspectiva de privações quasi certas. É no soffrimento que se retempera a alma; acceitarei resignadamente o meu quinhão de lagrimas. O mundo de Alcobaça é tão pequeno, que perfeitamente cabe n'um valle, e bem sabes que a atmospherá do carcere tanto definha o corpo como o espirito. Alcobaça era para mim um carcere.

— Suppuz que estivesse tratando do teu casamento, replicou o amigo, com tua prima, que me dizias ser rica, e que no collegio a miudo te brindava com mimosos presentes de excellente fructa.

— Não, observou Alvaro Vaz. Minha prima é um coração de pomba, e mais nada. Os homens que, como nós, vivem mais do espirito que do coração, porque o coração doideja e o espirito raciocina, são um pouco mais exigentes, do que os amorosos por indole, na escolha de esposa. Minha prima estima-me, mas não me comprehende. Teria muitas vezes ciumes dos meus livros e queimal-os-hia se soubesse que alguns eram impios. D'aqui podes inferir que eu teria farta mesa, regalos de pessoa abastada, uma carinhosa enfermeira, mas uma impertinente esposa. Decidi-me a vir para Lisboa explorar caminho que me podesse levar a uma honesta mediania. Vim, e aqui estou n'esse proposito.

— O peior proposito! atalhou o amigo. Um verdadeiro desproposito! Deixas de ser um venturoso marido para te converteres n'um lastimoso candidato. Vejo que a tua imaginação é ainda fogosa como eu a conheci no

collegio, e que o teu coração vem a Lisboa procurar as dôres que não podia conhecer no tranquillo lar d'Alcobaça...

Um dos deputados, em cuja physionomia parecia ler-se uma precoce experiencia da vida publica, observou amavelmente:

— Era-me absolutamente desconhecida a pessoa do sr. Alvaro Vaz, mas os dotes pessoaes que lhe dão lustre de primoroso cavalheiro, e os seus brilhantes talentos, que á primeira vista se revelam, obrigam-me a prevenil-o de que o seu generoso animo entra sobremodo desprevenido na vida de Lisboa. Todos os caminhos, que um explorador inexperiente poderia demandar, estão atravancados por centenas de pretendentes que lhe não será difficil encontrar no Terreiro do Paço, debaixo da arcada, das tres ás quatro horas da tarde. Não imagine porém que são os frequentadores da arcada os unicos candidatos a exploradores de caminhos publicos. Ha mais, ha muitos. Os que não vêm a Lisbôa, porque lhes falta dinheiro ou tempo, escrevem trinta cartas por mez ao deputado do circulo. Eu tenho as minhas gavetas coguladas de cartas, que todos os dias recebo de eleitores que não conheço...

— Que vossa excellencia não conhece?! interrogou com surpresa Alvaro Vaz.

— Que não conheço pela simples razão de não conhecer o meu circulo.

Alvaro Vaz não pôde esquivar-se a uma insistencia pouco delicada e exclamou:

— Pois vossa excellencia tambem não conhece o circulo que o elegeu ?

— Razão tinha eu, sr. Alvaro Vaz, quando ha pouco estranhava a sua perigosa inexperiencia. Permitta-me que lhe diga que eu sou deputado da maioria. Não saí precisamente da urna eleitoral; nasci do chapéu do ministro do reino. Não pense porém que eu sou o unico feto de tão illustre procedencia; tenho numerosos irmãos. A minha familia politica reconhece, como nos parentescos de sangue, a auctoridade suprema do commum genitor. Não procedemos independentemente. O dever figura-se n'uma linha recta, como perfeitamente sabe, mas nós somos condemnados a volteiar em torno do chapéu ministerial, que não é geometricamente recto, como tambem sabe. Não satisfazemos senão as pretensões que o ministro auctorisca, e são as que podem trazer immediata popularidade ao governo.

— E as outras ? perguntou Alvaro Vaz.

— As outras dormem o placido somno do esquecimento na gaveta do deputado ou do ministro.

— Mas permitta-me vossa excellencia observar-lhe, contestou Alvaro Vaz, que não é isso corresponder á confiança dos eleitores. Vossa excellencia não conhece a terra que o elegeu, nem os habitantes d'essa localidade. Ainda mesmo que vossa excellencia não tivesse de subordinar-se á vontade do ministro, não poderia representar no parlamento as urgencias do seu circulo, onde provavelmente não ha estradas, escolas, hospitaes, e onde o povo, que pontualmente paga os impostos que lhe são lançados, não

tem o indispensavel direito de eleger quem o conheça e o proteja. Perdôe-me vossa excellencia se me demasiei, mas não era a censura dirigida a vossa excellencia, senão que á tolerancia d'estas anomalias politicas, que lentamente vão corrompendo a vida popular do paiz.

— E quem é criminosamente tolerante: o povo ou o governo? O povo que voluntariamente aliena os seus mais sagrados direitos, especialmente nos districtos ruraes, ou o governo que tolera que se vá prolongando de dia para dia, á custa de repetidos sacrificios da nação, o detestavel systema administrativo por que nos regemos? A centralisação convém a todos os governos, porque lhes auxilia as ambições. Reajam os municipios, conspirem os povos, rehabilite-se o paiz. Mas o que é certo, sr. Alvaro Vaz, é que enquanto os negocios publicos seguirem o velho e relho caminho da tolerancia, o seu lucido espirito e o seu corajoso coração não poderão melhorar a sociedade nem o individuo. Tudo correrá mal; é inevitavel. O sr. Alvaro Vaz cansar-se-ha da improficua lucta em que vae empenhar-se em Lisboa, e sentir-se-ha doente e desilludido. Ha de atordoal-o o primeiro passo nas tumultuosas regiões burocraticas. Verá como referve inquieto o exame do functionalismo na colmea das secretarias. Verá numerosos continuos e amanuenses. Os chefes de repartição e os ministros são invisiveis para os candidatos. Verá entrar os ministros, verá apeial-os da carruagem, e não lhes poderá falar, porque os estão esperando, nas escadas e nos corredores, os deputados, os influentes electoraes, as grandes potencias politicas. Ficará preterido

hoje e amanhã. Ou se desalenta ou quererá ainda soccorrer-se da coragem que lhe restar. Se não fugir de Lisboa para esconder-se no seu ninho d'Alcobaça, do coração o lamento, porque talvez já seja tarde quando quizer voltar.

— Se me desattender o governo, appellarei para o rei, apostrophou Alvaro Vaz, que começava a soffrer dolorosamente.

— O rei! acabou de me dizer. O rei vive cercado de poderosos aulicos, que não fazem mais do que lisongeal-o, consolando-o de que o poder d'um monarcha constitucional não corresponda na minima parte ao esplendor com que se exorna tão pouco invejavel realza. Um rei constitucional não concederá certamente audiencia ao sr. Alvaro Vaz sem medeiar apresentação do ministro do reino, e tão difficil reputo a interferencia do ministro em negocios estranhos á politica da situação como o empenho do rei em querer servir um desconhecido. Magoa-me ter de dizer-lhe estas amargas verdades, tanto mais que desde hoje o fico estimando, sr. Alvaro Vaz, mas considero menos doloroso que haja de desilludir-se com as palavras do que com os factos. Não me tome á conta de pessimista, que o não sou. Vá o sr. Alvaro Vaz assistir amanhã ao acto solemne da acclamação na sala das côrtes, que eu lhe obterei logar na galeria. Terá occasião de vêr como é numeroso o cortejo dos principes, e que de barreiras agaloadas é preciso transpôr para falar-lhes.

— Agradeço e acceito, respondeu Alvaro Vaz com melancolico assentimento.

Combinada a hora de se avistarem no dia seguinte,

saíu Alvaro Vaz sobremodo contrariado em suas esperanças.

Era tarde.

As lojas e os Passeios estavam fechados. Tinha cessado o vae-vem das carruagens, mas o silencio da noite era interrompido pelo carpintejar dos operarios que trabalhavam nos arcos e obeliscos levantados em varios pontos da cidade. Em muitas ruas fluctuavam já as bandeiras que deviam dar á madrugada seguinte o character festivo d'um dia solemne. Alvaro Vaz relanceou, passando, um dolorido olhar a esses espontaneos festejos d'um povo inteiro, que d'ahi a poucas horas afogaria no ruido geral as lagrimas d'uns e os gemidos d'outros. Ia derramar-se sobre Lisboa uma onda de alegria, e todavia sobre quantas cabeças avergadas pelo soffrimento não passaria ella sem refrigerar-as sequer! Nada ha mais ficticio do que o sentimento das festas publicas! pensava elle. O povo é como o oceano: póde ser crystallino á superficie e, não obstante, sempre no fundo é tenebroso. É quasi sempre durante os grandes jubilos populares que se ergue ameaçador o braço regicida. A historia o diz, e em mais d'uma pagina. Mas se ha vassallos que soffram n'esses dias de expansões ruidosas, quem póde negar que tambem soffram os principes, obrigados a atravessar de sorriso nos labios as vagas doidejantes da multidão? Como elles devem sentir-se tristes ao lembrar-se de que adormecerão essa noite em cama de rosas e hão-de accordar no dia seguinte em leito de Procusto!

Indignou-se Alvaro Vaz contra a organização social.

que obrigava a falsear a existencia. Absorveu-se em pungentes meditações, esbraseada a frente pela febre nervosa que em semelhantes lances accommette os temperamentos delicados. Foi andando, andando e deixou-se cair fatigado n'um dos bancos de S. Pedro d'Alcantara.

Alli esteve longo tempo, ora correndo com distrahido olhar toda a vertente oriental da cidade, escassamente illuminada, ora mergulhando a vista no arvoredado escuro do Passeio Publico, cujas arvores negrejavam, raro esmaltadas pela luz de candeeiros bruxoleantes.

Fez-lhe horror toda a cidade quasi mergulhada em trevas. Que pobreza a de uma nação, que fôra outr'ora poderosa e grande! A sua capital, magestosa e ampla, accusava a existencia de uma raça abatida e preguiçosa, que apenas contava com a luz do sol para vêr bem illuminadas as ruas e praças publicas.

Depois, fixando mais a attenção no trecho de cidade que tinha deante dos olhos, começou a procurar a direcção de alguns edificios publicos já seus conhecidos.

Leu no velho castello de S. Jorge os poemas guerreiros da conquista christã, a chronica do valor e da coragem dos primeiros homens da monarchia, grandes porque tinham fé. Viu mentalmente os soldados de Affonso Henriques escalando a muralha sob armaduras pesadas, menos fortes do que a intrepidez de quem as vestia. Cuidou ouvir a grita dos mouros, que soava no alto dos muros, casquinante de maldições e sarcasmos. Pareceu-lhe vêr, finalmente, a cruz de Christo arvorada sobre a muralha, como um signal de paz entre os vencedores,

que tinham conquistado o castello, e os vencidos, que ficaram tolerados em suas mourarias pela generosidade dos vencedores.

Que valor na guerra e que magnanimidade na victoria! Que raça de valentes, que, seculos volvidos, degenerára a ponto de precisar exhibir no pendor d'aquella encosta oriental um hospital para alienados, um asylo para mendigos, outro hospital para indigentes e, no fundo do valle central da cidade, um cemiterio sombrio, fechado dentro de grades de ferro, abafado sob arvoredos espessos, não para enterrar os mortos, mas para divertir os vivos: o Passeio Publico.

Exaltou-se de indignação pelo abastardamento de uma raça, que não tinha outr'ora conhecido obstaculos nem limites ás suas conquistas e navegações.

No macisso de casas, que se agglomeravam violentamente para os lados da Mouraria, bruxoleava alguma luz solitaria n'uma ou n'outra janella. Que dramas de pobreza, de indigencia, de perversão, de miseria physica ou moral, não representaria cada uma d'essas luzes aquella hora da noite!

Mais d'uma vez se entrelembrou d'Alcobaça, de sua prima, da tranquillidade que lá lhe ficára, das esperanças que lá vira nascer e pareciam condemnadas a desfolhar-se em breve.

O ar frio da noite, que soprava do Tejo, abrandara lentamente o fogo que lhe escandecia a cabeça. Levantou-se e foi caminho de casa, atrophiado pela indifferença que succede ás mais ardentes exaltações. Subiu á sua

mansarda e adormeceu de extenuado que estava. Accordou pela manhã ao troar da artilheria. Esteve fumando e pensando sentado no catre. No que pensava, não sabia. Quasi sempre, quando esperamos acontecimentos que se nos affiguram graves, sentimos o espirito atordoado n'um labyrintho de pensamentos. Alvaro Vaz estava n'um momento de vulgar indecisão. Procurara, ao cabo de longo tempo, arrancar-se a esse marasmo, increpando-se de cobarde á hora de principiar a lucta. Abriu ao acaso um livro: eram as *Contemplações* de Victor Hugo. A poesia é como o alcool: umas vezes excita, outras enerva. A poesia de Victor Hugo, que tinha a virilidade das estatuas de bronze, convidou-o a equiparar-se moralmente aos athletas musculosos e sombrios que ladeiam as galerias e os muzeus. Sentiu-se forte do alento que a emphase insinua á alma. D. Pedro V devia sentir igual impressão quando, lendo tambem as *Contemplações*, ficou amoroso da poesia lyrica moderna, cuja realza Victor Hugo representava entre os seus contemporaneos.

A' hora marcada Alvaro Vaz sahiu para encontrar-se com o deputado que o havia de introduzir na sala das côrtes. Obtido logar, ahí esperou a entrada do rei. Era em verdade um espectaculo novo e imponente. Luzia de custosas galas a fidalguia que precedia o principe; deslumbrava o sol ao brilhar nos carachás dos altos burocratas. A côrte era effectivamente o que o deputado dissera: uma longa muralha de venéras e arminhos que rodeiava a pessoa do rei. Como havia um homem desprotegido atravessal-a até se abeirar da realza! O nome de

Alvaro Vaz apenas era conhecido no collegio que frequentara. Diz-se que as paredes têm ouvidos; no Paço até os reposteiros os têm: quando ouvem um nome muitas vezes pronunciado pelos magnates, abrem-se de par em par; mas se o appellido não anda ainda no almanach da camarilha, deixam-se ficar descidos a empanar a entrada.

Assistiu Alvaro Vaz a todas as cerimoniaes da sessão real, impressionado da melancolica timidez que se debuxava no semblante do principe. D. Pedro V parecia confrangido do manto que lhe pesava sobre os hombros. A sua voz, ao recitar o discurso inaugural, era sensivelmente tremula e vacillante. Alvaro Vaz notou que a pronuncia cada vez se tornava menos clara no lance em que o monarcha fôra obrigado a ler estas palavras: «Espero que as côrtes da nação continuem a cooperar com o meu governo, e a prestar-lhe o auxilio necessario, para realisar os beneficios de que o povo carece, afim de gozar das vantagens da civilisação e de colhêr o fructo dos trabalhos uteis de que provém a sua felicidade, e a gloria do throno.»

Comprehendera a perturbação do rei, que perfeitamente media o alcance d'essas phrases sonoras e baldas de realidade que todos os soberanos são violentados a recitar. D. Pedro V conhecia a verdadeira accepção politica das palavras *parlamento*, *povo* e *beneficios*. Sabia que eram lantejoilas com que os governos representativos têm de deslumbrar os cidadãos que não conhecem o exacto significado d'esses vocabulos.

Comprehendera Alvaro Vaz a alma do rei e desde logo a suppozera maior do que os moldes ordinariamente talhados para os monarchas constitucionaes. Parecera-lhe que principe de tão fidalga indole teria a coragem de affastar os cortezãos que o rodeiassem, para enxergar do throno as necessidades collectivas e as desgraças individuaes. Conhecera que o deputado media o novo rei pelo typo que parlamentos e governos modelam para todos os reis.

E não se enganava.

De tal modo se illuminou de estranha auréola o principe aos olhos d'Alvaro Vaz, que, de namorado que ficou, o seguiu por toda a parte durante os tres dias de festas publicas. Arrostou com a turba que se agglomerava á porta da Sé Patriarchal para assistir ao *Te-Deum*, e foi depois ao Terreiro do Paço presenciar a entrega das chaves da cidade.

Sempre o rei se lhe affigurava constrangido em meio das ruidosas pompas com que se inaugurava o seu reinado.

Alvaro Vaz, por uma affinidade muito vulgar em naturezas e edades semelhantes, lamentava comsigo mesmo que um coração de dezoito annos fosse coagido a amortalhar-se na tunica de Nessus chamada realza.

Iam matar aquelle espirito, a seu vêr.

D. Pedro V seria feliz entre os seus livros, n'um lar modesto, estudando, trabalhando, amando. No throno, falando e ouvindo a linguagem da pragmatica, rodeiado de lisonjas cuja falsidade o havia de molestar, sentir-se-ia

definhar como as flores que requerem sombra e abrigo, quando são expostas em eminencias que o sol abraça e o vento açoita.

Vae desfolhar-se a flôr! conjecturava Alvaro Vaz.

Na noite do dia 18, depois do jantar de gala no Paço da Ajuda, foi el-rei, com a familia real, assistir do Terreiro do Paço ao fogo de artificio que se queimou sobre o Tejo.

Resoavam as musicas; illuminava-se a espaços o céu com a projecção de clarões phantasticos; fremia o povo que enchia a praça e rompia em saudações enthusiaslicas de instante a instante; brilhava como lençol de prata, agitado por invisiveis mãos, a corrente do Tejo; andava no ar o borborinho dos grandes ajuntamentos e das grandes festas, e todavia o rei, quando um reverbéro o deixava vêr á multidão ávida de contemplal-o, parecia procurar melancolicamente no solo a felicidade que tinha de calcar aos pés.

Quando o rei subia á carruagem, queimado o fogo d'artificio, estendera-se um braço agitando um papel: era decerto um memorial. Um ajudante do rei arrancára-o subitamente da mão convulsa do requerente anonymo.

Alvaro Vaz estremecera como se sentisse esfriar o coração, e lembrara-se do que o deputado lhe dissera na vespera.

Mas os factos vieram mostrar, a breve trecho, que este ligeiro episodio, n'uma noite de festa, impressionara tanto o senhor D. Pedro V como Alvaro Vaz.

A fim de evitar que ninguem se vexasse em publico supplicando na presença dos seus concidadãos, foi que

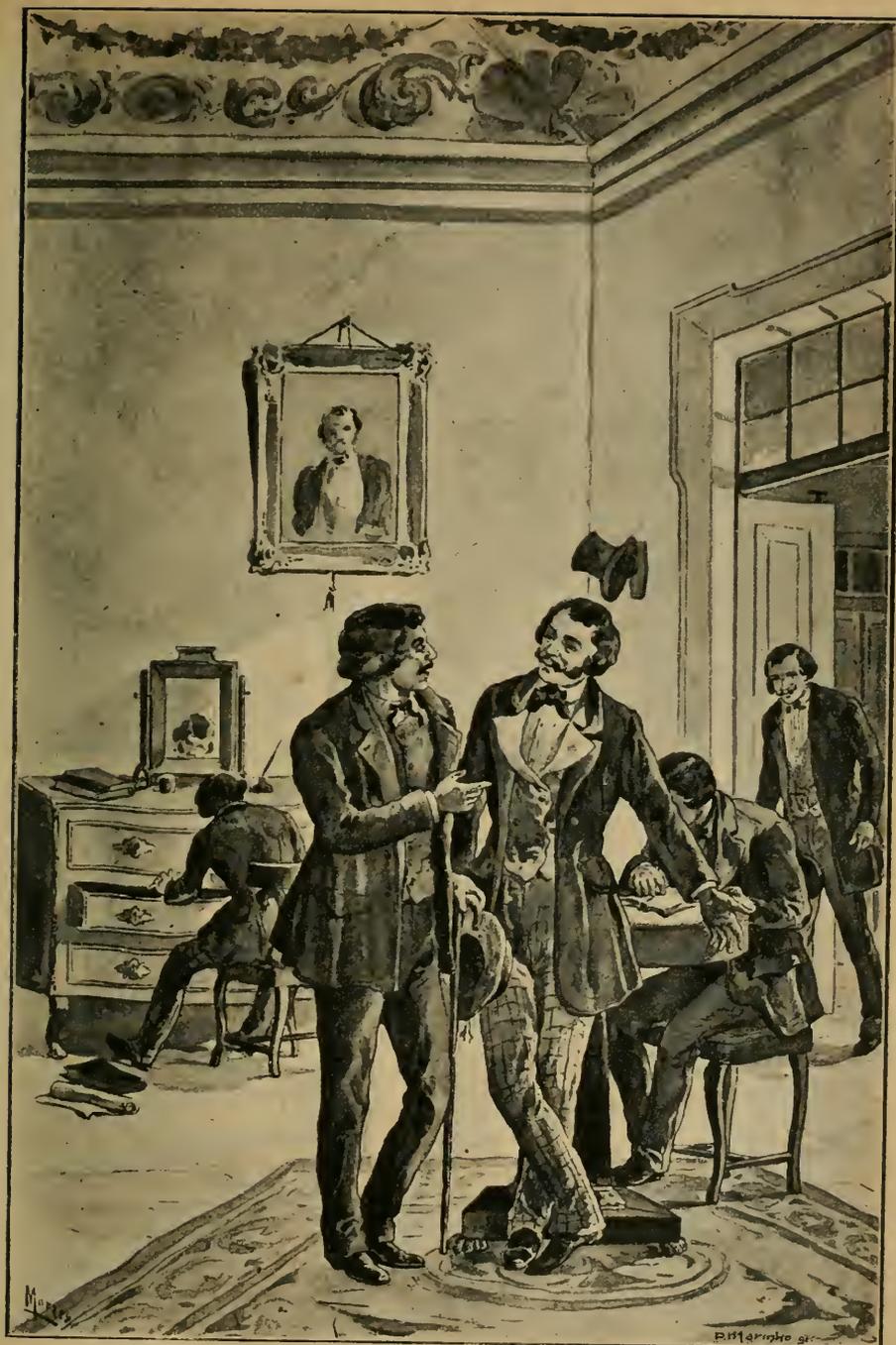
el-rei recorreu ao expediente de duas caixas para requerimentos, collocadas no Paço: uma, pintada de azul, destinada aos papeis que solicitassem soccorros ou esmolas; outra, pintada de verde, para receber as supplicas que visassem a diverso objecto.

D'este modo queria el-rei aproximar-se de todas as classes da nação, ouvil-as, estar em communição directa e constante com o seu povo, sobretudo com os infelizes. Aos sabbados pela manhã, estavam despachados os requerimentos recebidos durante a semana. Que rara intuição a de um principe tão moço, que via de longe os dramas da miseria humana, sem ter tempo ainda de os conhecer!

Alvaro Vaz adivinhara n'aquella noite que o senhor D. Pedro V era um principe excepcionalmente bom e sensivel, o verdadeiro rei dos tempos modernos, porque, vindo na hora em que já eram passadas as guerras e as conquistas, parecia fadado para reinar exercendo a virtude, batalhando contra os abusos e desigualdades sociaes, conquistando o coração do povo pela intelligencia e pela bondade, unicamente.

Recolheu a casa entre desalentado pelo que vira e fortalecido pelo que sentira.

Evidentemente, a lucta havia principiado.



— Que V. Ex.^a não conhece?! (pag. 52)



V

A leitura da primeira carta

Foi um dia de festa o da chegada da primeira carta de Alvaro Vaz a Alcobaça. Escrevera elle na noite do dia 18 sob a dupla impressão com que recolhera do Terreiro do Paço. Não tinha somno. Deixara correr a penna, interprete dos encontrados sentimentos que lhe tumultuavam no coração.

Clarinha, ao receber a carta, cuidou morrer d'alegria. Alvorocára-se-lhe o sangue a ponto de lhe embargar a voz na garganta. Quiz chamar pelo tio e não pôde.

Oh! que se ella já conseguisse lêr, ninguém primeiro saberia o que dizia o primo! Tinha apenas duas lições. Não era pequeno prodigio conhecer as letras; as palavras ainda não as conhecia. O desejo de ouvir o conteúdo da carta venceu a commoção da surpresa. Correu Clarinha á janella e chamou o tio.

João Vaz respondeu, afflictivamente, do pomar onde estava.

A sobrinha tornou a falar-lhe :

— Não se inquiete, meu tio. E' carta do primo!

— Pois o rapaz lembrou-se de nós! exclamou ainda a distancia o camponez, caminhando já para casa.

— Venha de pressa, meu tio! trinou Clarinha com a alegria da ave que sente os passos da pessoa amiga que lhe fala e a alimenta.

João Vaz, andando sempre, vinha dizendo comsigo a meia voz :

— Lá que o rapaz tem bom coração, sei-o eu. A cabeça é que precisava melhor amanhã. Mal faz elle em não consentir que a prima lhe cate as hervas damninhas que lhe vão comendo a sementeira do juizo. Dêmos tempo ao tempo. Largou a ser frei João Nepomuceno e não ha quem por ora o chame a bom caminho!

— Meu tio! tornou Clarinha.

— Lá vou, menina, lá vou.

E continuando o monologo:

— Como ella o ama! Ah! que se eu tivesse encontrado um coração como o de Clarinha, seria o mais feliz dos homens! Que Deus a proteja e a ampare, porque é bem verdade que se vae a vontade de trabalhar quando a terra é ingrata á charrua.

— Vê, meu tio! exclamou da janella Clarinha, mostrando a carta ao camponez, que chegara ao quinteiro. Olhe lá que não vá cair, mas venha de pressa, sim?

Entrou João Vaz á sala e logo se sentiu enleiado pela sobrinha que, doidejante d'alegria, não fazia senão agitar a carta deante do tio.

— Então o rapaz lembrou-se! apostrophou elle com affectuosa bondade.

— E' verdade... e eu que pensei que nos não tornava a escrever! Estará bom? Chegaria bem?

— Vamos ver, Clarinha.

— Mas... acudiu tristemente a menina.

— Mas?

— Mas quem nos ha de ler a carta?

— E' verdade! Quem a ha de ler?

— Só se for o João do Couto, que não tarda ahi para me dar lição! aventou Clarinha.

— Bem lembrado! Elle já lia as que o Alvaro escrevia do collegio. Ficaré com o cargo de leitor-mór da nossa casa, que é assim como quem diz capitão-mór... uma alta dignidade! Eh! Eh! riu jovialmente o velho.

— Mas — acudiu melancolicamente Clarinha — são onze e meia, e elle só vem ao meio dia...

— Que tem lá isso! Meia hora depressa se passa.

— Meia hora! É tanto! Se o tio dêsse licença eu mandava chamal-o pelo Sabino.

— Manda, manda, se te não pára o coração. Ó Sabino, enfia a jaqueta, que tens de sair.

Vestiu-se n'um momento o criado para receber as ordens. Deu-lh'as Clarinha com radiosa vivacidade:

— Vae á escóla, e diz ao sr. João do Couto que venha já para nos ler uma carta.

Virou de bordo o criado para sahir immediatamente.

— Olha, Sabino, lembrou a menina, vae pelo atalho para ires mais depressa.

Pousou Clarinha a carta sobre a mesa depois de haver limpado o pó. Pudera! Que não fosse macular-se a carta do primo! Sentou-se depois á beira do tio a olhar para o sitio onde a poisara. Passados cinco minutos, ergueu-se para a ir buscar, porque lhe pareceu que estaria mais segura em seu poder.

— Que não venham os espiritos levar-t'a! exclamou o tio, com amavel ironia.

— Não é, respondeu a menina; é para estar mais prompta. O João do Couto não tarda.

E foi espreitar á janella.

— Não se vê ninguem!

— Ainda não teve tempo.

Clarinha saiu da janella e exclamou:

— Quem sabe o que o primo diz? E se elle dissesse que se não dava bem e voltava!

— O que tu quizeres, filha! Não conheces o genio de teu primo! Deixa que o tempo o vá amadurecendo. Se Deus me der vida e saude, ainda o hei de ver em Alcobça, mas por ora não. Não te desespere, Clarinha. Eu é que estou velho e não posso esperar muito; tu tens ainda a vida toda deante de ti. . .

Tornou Clarinha a ir espreitar á janella, e tornou a vir falar do primo.

Decorrera um quarto d'hora sem que se avistasse o criado ou o professor.

Finalmente, Clarinha, chegando pela duodecima vez á janella, gritou para o tio :

— Vi passar um vulto ao pé da presa ! Agora é certo !
E ficou-se a olhar muito fixamente.

— Ora ! exclamou de repente.

— Que é ? perguntou João Vaz.

— E' o Sabino ! Não estava lá ? interrogou Clarinha alteando a voz para que o criado a ouvisse.

— Não estava, respondeu Sabino correndo e falando. Tinha já saído para vir dar a lição. É que se demorou em alguma parte, mas, deitando conta ao tempo que eu gastei no caminho, não póde tardar um credo.

— Não virá hoje ? disse a menina como se dialogasse comsigo mesma.

Responderam-lhe os olhos que, n'um rapido lance, avistaram o velho professor por entre a clareira que uma presa abria no arvoredado circumvisinho.

— Elle lá vem ! chalaceou ella.

— Parece-te que anda devagar ! gorgoeu João Vaz. Minha querida, a vida gasta-se com essas inquietações, e quando a gente envelhece já mal póde dispor das pernas e dos braços. O mais que tem é coração.

Consumira o professor doze minutos no caminho que Sabino transpozera em dois.

Mal que a menina o viu desembocar no quinteiro, acenou-lhe meigamente chamando-o. O professor respondeu espalmando duas vezes a mão direita no ar, como se quizesse dizer : « Ahi vou, ahi vou ».

Quem dera a Clarinha que o bom do João do Couto

fosse Mercurio uma vez na vida, e tivesse amanhecido n'esse dia com azas nos pés! O pobre homem não era Mercurio; era o que são todos os professores de aldeia: um desgraçado. Añdava já nos cincoenta e tres. Muito feio; tinha a pelle escabrosa e queimada. Os labios habituaram-se a um continuo geito de admiração: sempre entreabertos. João do Couto parecia admirado de tudo: até de ter competencia para ser professor. A voz era rouca por convenção comsigo mesmo: quando não sabia o que havia de dizer, crescia a rouquidão, e ninguem o entendia. As palavras saham por jactos, acompanhadas de maneiras agrestes. Vestia fato de saragoça; trazia chapau baixo e varapau para se abordoar. Esforçava-se por ser um bom funcionario: ensinava tudo o que podia ensinar; e não podia ser menos. No tempo em que elle concorreu á cadeira eram mais faceis os concursos. Em se sabendo ler, escrever, contar e trabalhar nas eleições, estava certo o despacho. Hoje o caso muda de figura. Augmentaram-se as exigencias officiaes do programma, mas, como não se póde augmentar tudo d'uma vez, ficaram os ordenados magros como antigamente. Acontece que ha bons concursos e pessimas escolas. Não é de todo mau.

João do Couto não sabia pedagogia, nem outras sciencias correlativas. Ensinava a soletrar e a lêr por cima. Se os discipulos se destinavam aos campos, não precisavam saber mais; se cursassem aulas, lá os aperfeiçoariam. Clarinha não seguia nenhum d'estes rumos, mas a ancia que tinha de saber dispensava melhor pro-

fessor. Para ler cartas servia o João do Couto, peor ou melhor, como vamos vêr.

— Está impaciente pela sua lição a flôr das minhas discipulas! exclamou o professor entrando á sala com o chapêu pendurado do varapau.

— Estou, se estou! respondeu Clarinha, mas é por ouvir ler a carta que nos mandou de Lisboa o primo.

-- Seu primo! repetiu atordoado João do Couto por se conhecer incompetente para deletrear epistolas em que os termos saíssem da vulgaridade familiar.

— Sim, o primo Alvaro. Até mandei chamar pelo Sabino o sr. João do Couto, tamanha era a minha ancia d'ouvir ler a carta. O Sabino voltou sem o ter encontrado. Não adivinha a minha impaciencia!

— Eu saí de casa um nadita mais cedo para vender um vinhito ao Manuel do Outeiro. Se a gente não trata de moirejar a vida por outro lado, a cadeira não chega nem para o triste pão de cada dia. Estes governos!

— Vamos á carta! vamos á carta! exclamou Clarinha, apresentando-a ao professor.

— Vamos lá, respondeu elle, resignado ao sacrificio.

E, para prevenir qualquer desastre na leitura, acrescentou, enquanto tirava da caixa os oculos de metal branco e cuidadosamente os limpava:

— Deus queira que não sejam os gatafunhos do costume!

Clarinha tregeitou de impaciencia ou resentimento. João do Couto replicou:

— E' que seu primo, minha menina, quando esteve

no collegio, muito má letra ganhou! Professor de aldeia sou eu, e mais os meus discipulos sabem escrever que parece uma pintura.

— Lá isso é verdade! ponderou João Vaz. O rapaz do regedor escreve que nem um tabellião!

— E' ou não é? repisou orgulhosamente João do Couto.

— E' e é, atalhou Clarinha, sorrindo, para que não fosse maior a delonga.

— Vamos lá! disse o velho professor sentando-se. Esta menina tanto quer ao primo, que nem me deixa tomar folego!

João do Couto foi abrindo com gesto grave a carta e, mal que a desdobrou, rompeu n'esta apostrophe:

— Ora, não dizia eu? E' uma charada!

— Quem me dera já saber ler! murmurou Clarinha.

— Se a menina soubesse ler, contrapoz João do Couto, havia d'estar como eu. Isto é lá coisa que se leia! Olhe que se eu a ler até ao meio já não faço pouco!

— Até ao meio! repetiu Clarinha.

— Sim, sim. . . Vamos lá a ver o que diz o sr. Alvaro.

E, entestando-se com o papel, começou o professor: «Meus bons amigos.»

— Isto entende-se, observou elle.

— E' para o tio e para mim! murmurou Clarinha um pouco contrariada.

«Cheguei a Lisboa sem incommodo physico que me reça referir-se. Outro tanto não posso dizer do espirito.»

— Sempre é letrinha levada da breca! interrom-

peu João do Couto entre contente de si e receioso de proseguir.

«São tão differentes as atmos...phe...ras d'Alco-baça e Lisboa, que não se deixa de respirar impune...mente uma para sorver o primeiro...»

As reticencias, como o leitor terá comprehendido, representam as difficuldades em que o professor tropeçava. Agora se viu elle sobremodo embaraçado para entender o substantivo precedido pelo adjectivo—primeiro—.

—Ora o diacho! exclamou. Que mafarrico de palavra poz elle aqui? *O primeiro...* E é que se lhe não póde metter dente!

—Passe adeante, João do Couto, alvitrou do lado João Vaz.

Clarinha, que ouvia attentamente com os olhos fitos no professor, pareceu acordar de subito.

—Vamos a ver se se entende, disse ella. Então a gente ha de ficar sem saber tudo o que o primo diz!

João do Couto começava a tornar-se apopleticamente vermelho, e a collocar o papel em diversas posições para aproveitar o auxilio da luz.

—O *primeiro...* Isto no fim de contas é um *a*, um *u*, um *s*, um *t*, e um *o*. Mas a inicial é que tem dente de coelho!... Esperem lá! Não póde deixar de ser um *f*. Não ha na lingua portugueza outra palavra que acabe em *austo* sem ser *fausto*. E' isto: *para sorver o primeiro fausto da outra...*

—*Fausto!* exclamou Clarinha. Não quadra lá muito bem!

— Não quadra, não, mas isto é falar de poeta. Nós cá temos outra linguagem. Vamos ao mais.

João do Couto estava ancioso de se tirar d'aquelle mau passo. Preferiria dar vinte lições, que eram outras tantas edições da primeira lição que dera na sua carreira de professor, a ler uma carta de Alvaro Vaz. Portanto, o que elle queria era andar depressa, ainda que as metamorphoses a realisar se bazeassem em accepções tão differentes como as das palavras *fausto e hausto*.

«Lisboa é o mundo; Alcobaça é a solidão. . . .»

— Isto não é tanto assim! Ha cá muita gente! observou sem levantar olhos do papel.

«. . . O espirito passa da quieta. . . ção para o tumult. . . o. . .»

— Para o tumulto! exclamou Clarinha sentindo palpitatar doidamente o coração.

— Se não é, parece-o. . . *para o tumult. . .* ah! para o *tumulto*. São duas hastes que parecem uma! O traço do *t* está a meia legua de distancia!

«. . . e não posso deixar de confessar que é dolorosa a transacção. . .»

Alvaro Vaz escrevera *transição*.

«. . . Tenho tido horas de melan. . . colia e desalento. Acreditem que ambos me têm lembrado com. . . saudade. Não se póde facil. . . mente esquecer Clarinha, que é uma pomba, e. . .»

— Uma pomba! exclamou delirante de alegria a menina.

— Eu não te dizia que o rapaz ha de entrar no bom

caminho? observou João Vaz não menos alegre que a sobrinha.

João do Couto, para adeantar terreno, proseguiu:

«... meu tio, é um bom coração.»

— Muito obrigado ao sr. Alvaro! acrescentou jovialmente o camponez.

«Mas a hora da lucta havia soado; era preciso luctar...»

— Lá vem tolice! ponderou João Vaz, olhando de soslaio para Clarinha.

E falando ao mesmo tempo para o professor:

— Ó João do Couto, como já se sabem as disposições do rapaz, se você não entende isso lá muito bem, não se esteja a encanzinar.

— Leia tudo, leia tudo! observou a menina.

«O homem nasceu para trabalhar como o passaro para voar...»

— Isto já é muito velho! commentou o professor.

«... e eu não podia consentir que Clarinha, porque é pomba, ade...»

— Agora não entendo bem o final da palavra!...

— Veja se entende!... pediu maviosamente Clarinha. Isso é commigo, e eu queria saber o que é.

— Vamos a ver: *ade...passe. Adepasse!* Deixe-me ver se elle faz assim os *pp*...

E, postoque contrariado pela supplica da menina, teve de retroceder na investigação orthographica dos *pp*.

— Cá está um sarrabisco parecido na palavra *amigos!* disse elle, percorrendo com a vista a carta até á pri-

meira phrase. É um *g*. Vamos agora a ver se quadra... *ade...gasse...* Percebo, percebo! *Adejar* é que se diz de passaros e elle fala de uma pomba. Mas que malditos *jj* que parecem *gg*! Verdade é que tudo pertence á mesma familia, a bem dizer.

E continuando a leitura:

«... adejasse em torno de mim, vivendo eu na ociosidade para que Deus não me destinou...»

— Ainda fala em Deus! observou radioso João Vaz. Por ora não se fez maçon.

— Não tardará! Aquillo lá são aos centos! replicou o professor.

— Deus ha de livral-o de todos os perigos! soluçou Clarinha, como se as lagrimas quizessem afogar-lhe a voz.

«... Vim, pois, para trabalhar; trabalharei...»

— Pois elle foi para trabalhar ou para assistir ás festas! exclamou João Vaz voltando-se para a sobrinha.

— O primo foi para viver em Lisboa, respondeu Clarinha, dando liberdade ás lagrimas que a estavam suffocando.

— Elle disse-t'ó?

— Disse-m'ó ha já dois annos e sempre depois m'ó deu a entender. O primo não queria comer á nossa mesa.

— Bem me bacorejava o coração! desabafou João Vaz visivelmente exaltado. Se eu t'ó não tinha dito, era para te não affligir mais. Sempre me quiz parecer que isto de ir ás festas da acclamação era capa de ruim panno! E porque não queria elle comer á nossa mesa?

— Pensava que . . .

Clarinha não pôde acabar por vexada e chorosa.

— Diz, Clarinha, diz tudo. Porque seria ?

— Porque pensava que era . . . esmola.

Esta ultima palavra custou a Clarinha abundantes lagrimas e soluços estrangulados.

— Deixa-o lá, filha, deixa-o lá, que tambem me diz o coração, e eu já t'ò disse, que o rapaz ainda ha de quebrar a cabeça por Lisboa. Leia, João do Couto, vamos a acabar com isso.

O professor, que aproveitara a pausa para ir estudando o final da carta, leu desassombradamente:

« . . . A coragem experimenta-se nos apertos e eu espero que ella me não ha de trahir. Acreditem, porém, que, qualquer que seja a minha vida, não os esquecerei nunca. »

«Lisboa, na madrugada de 19 de setembro de 1855.

Rua da Quintinha, n.º 17, 4.º andar.

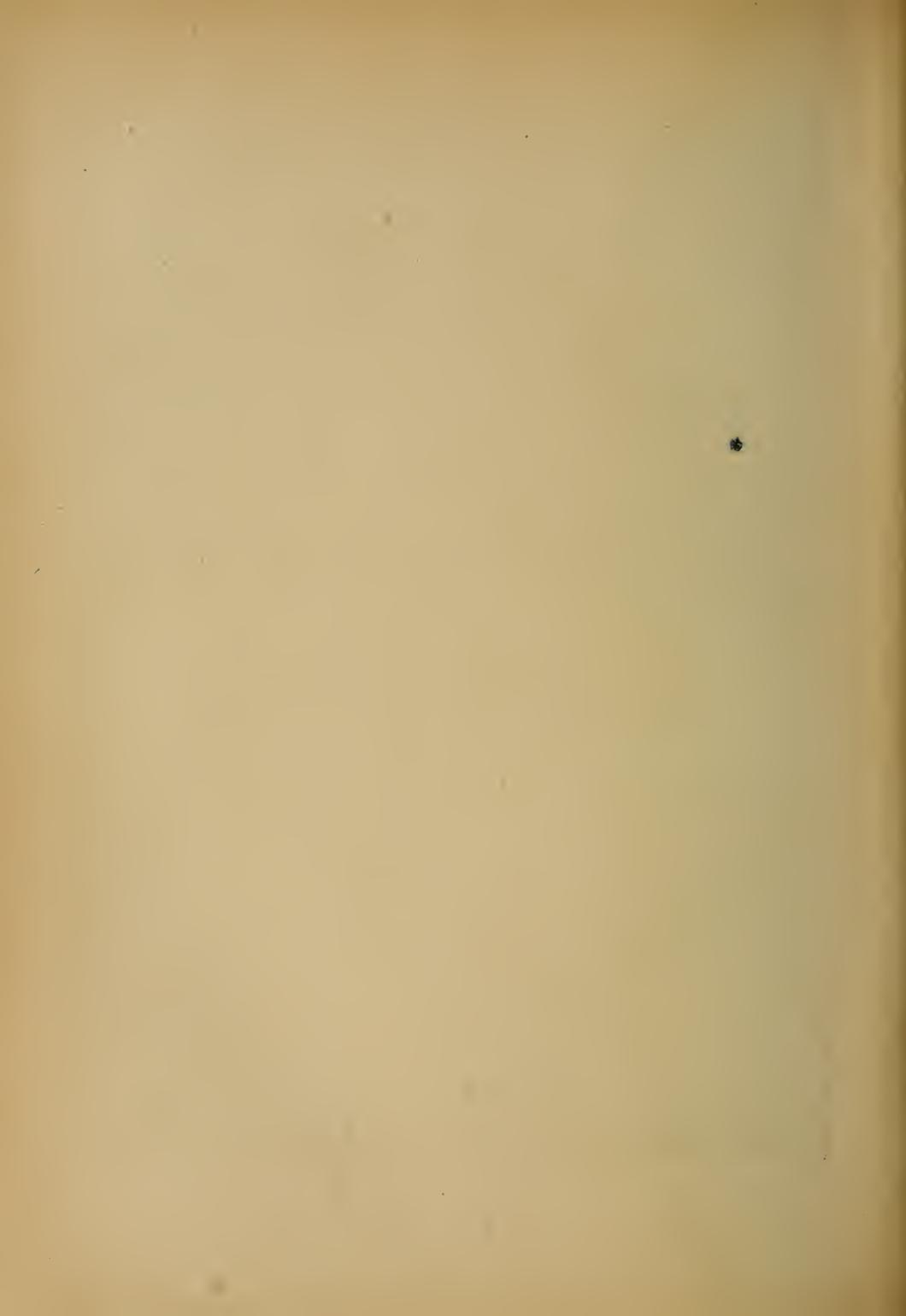
ALVARO VAZ»

— *Na madrugada!* observou João do Couto, que já se sentia desopprimido.— E não dormir as noites que faz tão mal!

João Vaz havia deixado cahir o queixo; Clarinha, encostada á janella, alongava o olhar pelos campos fóra, como se o tio e o professor não soubessem que ella estava chorando.



... estendera-se um braço agitando um papel (pag. 62)





VI

No Paço das Necessidades

O pobre João do Couto teve dois dias de angustiosos transe.

Clarinha quizera responder ao primo, por intervenção do professor, logo depois da leitura da carta. Seria porém exigir muito, que Christovam Colombo, depois de haver descoberto a America, descobrisse em seguida a Oceania. O professor, extenuado d'aquella verdadeira lucta com a pouco legível escripta de Alvaro Vaz, marcou o dia seguinte para redigir a resposta. Precisava restaurar alma e corpo. De mais a mais Clarinha não dispensara a lição. Queria antecipar, quanto lhe fosse possível, a hora de poder escrever pelo proprio punho ao primo que estava ausente. Sendo ella que escrevesse, ninguém saberia o que confiava ao papel. E que lhe confiaria Clarinha? Tinha vontade de dizer tudo o que sen-

tia, d'escrever com as lagrimas que chorava, mas, ao mesmo passo, o procedimento do primo acobardava-a de ser sincera. Muito tempo andou pensando no que seria a minuta da sua primeira carta, até que um dia teve uma idéa que para logo acceitou. Escreveria ella, e diria ao primo que a lettra era da menina para quem lhe pedira os versos. Se Alvaro voltasse, surprehendel-o-ia com a revelação do segredo; se não voltasse, quando se sentisse morrer, cansada de tão longo soffrimento, confessar-lhe-ia que por amor d'elle aprendera a escrever, e seria esse o seu ultimo adeus ao partir para a eternidade. Revelou este proposito ao tio, que o approvou. A boa alma approvava tudo quanto Clarinha pensasse.

Foi duplo o supplicio de João do Couto. Clarinha quiz que se escrevesse em seu nome; João Vaz tambem quiz que se escrevesse de sua conta. A sobrinha limitava-se a dizer que havia em casa muitas saudades; o tio foi mais longe, e mandava reprehender o sobrinho pelo haver enganado, se bem que a censura, ditada por elle, fosse tão doce, não obstante julgal-a aspera, que rematava por lembrar-lhe ternamente que o melhor era voltar outra vez para Alcobaça.

O coração desmente-se a cada hora. João Vaz bem sabia como Alvaro era persistente; não pôde contudo deixar de lhe dizer que alterasse todos os seus loucos projectos para ir viver entre os affectos da familia, que muito lhe queria.

Quando as duas cartas chegaram a Lisboa, encontraram Alvaro Vaz pouco disposto a recebê-las com funda

impressão. Trez dias depois do ultimo de festas publicas, constando que o senhor D. Pedro V havia determinado se collocassem na védoria das Necessidades duas caixas para requerimentos, resolvera dar o primeiro passo no caminho cuja exploração intentava entre desalentado e corajoso. Escrevera, declarando a sua idade e morada, e solicitando uma audiencia d'el-rei. Fôra ás Necessidades e lançára o requerimento na caixa verde, que era a destinada aos papeis d'essa especie. Não se fez esperar o despacho. Horas depois ia á rua da Quintinha um criado do Paço annunciar ao requerente que sua magestade se dignava recebê-lo, no dia seguinte, depois das onze horas da manhã.

Foi no dia marcado para a audiencia que chegaram as cartas.

Alvaro Vaz leu-as rapidamente e poisou-as. Estava febrilmente exaltado; receiava até enlouquecer antes de chegar ao Paço. Não se havia enganado: o senhor D. Pedro V não era um principe mediocre. O deputado, espirito vulgar, pautava todos os homens, reis ou vassallos, pela sua propria vulgaridade.

Que tumultuosos pensamentos não agitaram o espirito de Alvaro Vaz nas horas que precederam a entrevista!

Mal sonhariam seu tio, um pobre campones, e sua prima, uma flôr d'entre as serras, que lhe havia sido concedida pelo rei uma audiencia; que apesar de pobre e orphão, era admittido á presença do monarcha. Mas, para contrabalançar este licito orgulho, vinha a perple-

xidade precursora dos momentos supremos. Se estivesse em Alcobaça, poupar-se-ia áquellas violentas commoções que consomem n'um só dia muitos annos de vida. Parecia-lhe impossivel attingir tamanha felicidade; tinha receio de que a morte o surpreendesse antes de chegar ao Paço. Não ha espirito, por mais arrojado que seja, que não se prenda com estas phantasmagorias communs a todos os homens.

Pouco depois da rapida leitura das cartas, partira Alvaro Vaz, trabalhado de tão encontrados pensamentos, para o paço das Necessidades. Logo que foi annuciado o mandou sua magestade introduzir no seu gabinete, d'onde, por incommodado d'uma perna, não saíra durante alguns dos dias que se seguiram ás festas da aclamação.

Era mortal a pallidez d'Alvaro Vaz ao entrar nos aposentos do rei. Tremuras nervosas, que corriam ao longo da espinha dorsal e iam convergir ao cerebro, lhe embargavam a voz e o alento.

Os aposentos reaes eram onde, no tempo dos padres congregados, funcionavam as aulas da congregação denominada do *Oratorio*, e, onde, depois do terremoto de 1755, habitaram alguns padres notaveis. O quarto d'el-rei havia sido occupado pelo padre Joaquim de Foyos, e no immediato, destinado ao senhor infante D. Luiz, agonisára o padre Antonio Pereira de Figueiredo.

O gabinete d'el-rei D. Pedro V mais parecia o de um escriptor, de habitos simples, que o de um rei, que vive cercado de pompas. Havia grande desordem de livros e

papeis, o que denotava que o seu lucido espirito viajava infatigavelmente dentro do gabinete lendo, annotando, folheando sempre.

Das paredes pendiam dois quadros: um representando Jesus Christo crucificado; outro a Santissima Virgem. Alvaro Vaz, mal que entrou, atordoado pela commoção, correu a lançar-se aos pés do senhor D. Pedro V; quiz beijar a mão de el-rei, que lh'a recusou.

Sua magestade disse-lhe amavelmente estas palavras:

— Repugna ao meu espirito esta adulação official; algum dia a extinguirei.

E extinguiu trez annos depois; em 1858 foi abolido o beija-mão.

Accudiu el-rei a desculpar-se da familiaridade da recepção, attribuindo-a a incommodos que padecia.

— Aqui, acrescentou o senhor D. Pedro V, costume receber os ministros e os intimos, porque todos são familia. Como, porém, o seu requerimento declarava a sua idade, e vi que eramos ambos moços, deliberei-me a recebê-lo com a sem-cerimonia que o parallelo das edades justifica.

Alvaro Vaz cada vez se sentia mais profundamente commovido deante d'el-rei. A lhaneza do trato lustrava de tal modo as virtudes do soberano, que por egual confundiam, aos que recebiam a honra de falar-lhe, a nobreza do coração e a nobreza do nascimento.

As primeiras palavras do sobrinho do campones de Alcobaça eram cortadas, tremidas, vagas; o olhar, desde

que elle entrara no gabinete, enublara-se-lhe a ponto de mal poder distinguir os objectos

Pouco a pouco foi serenando o alvoroço, e aclarando-se a visão.

A conversação d'el-rei era sempre tendente a libertal-o dos deveres da etiqueta palaciana.

Mal que a palavra de Alvaro Vaz começou a derivar fluente, correcta, pittoresca, e a sua pallidez a animar-se dos reflexos da alma, ouvia-o el-rei com extrema attenção, levemente inclinado, como era seu costume, apoiando o braço esquerdo no joelho e o rosto na mão.

Alvaro Vaz, aquietado o espirito pela bondade d'el-rei, expoz serena e francamente as suas idéas como, por mais d'uma vez, o havia feito no lar d'Alcobaça. Contou que era orphão, que devendo á protecção de sua prima os recursos com que principiara a educar-se, julgava indigno continuar a defraudar o dote da boa e dedicada menina; que ella lhe offerecera meios de ir formar-se a Coimbra e por que havia recusado; manifestou a sua opinião ácerca da sciencia dos estabelecimentos superiores, que sua magestade reformaria decerto, e justificou o pedido da audiencia revelando a el-rei o seu vivo desejo de conciliar o trabalho, que dá independencia, com a acquisição da instrucção que, a seu juizo, dava a verdadeira felicidade. Era para realisar este ideal, por tantos annos affagado, que se resolvera a implorar a protecção d'el-rei.

O senhor D. Pedro V, depois de o ouvir attentamente, respondera :

— Acho nobre o seu intento, e sobremodo reflectidas.

as suas considerações. A instrucção publica requer uma larga reforma que eu tentarei seguramente, posto se me afigure carecido de forças para leval-a a cabo. É grande o trajecto a percorrer da instrucção primaria á instrucção superior; longa e trabalhosa a jornada. Tentarei lançar os alicerces e, se Deus me der vida e coragem para tanto, chegarei até á cupula do edificio que já na phantasia tenho architectado. Vou pois começar pela primeira escóla. Em breve, se não se frustrarem os meus desejos, fundarei em Mafra uma aula que possa ministrar á infancia o que de litteratura e religião primeiro se deve aprender. Depois, querendo Deus, irei até á creação d'um novo estabelecimento de instrucção superior. Será talvez um arrojio, mas não me prive o sr. Alvaro Vaz do prazer de submetter á sua sincera opinião o meu projecto.

Alvaro Vaz estremecera de surpresa ao ouvir pronunciar o seu nome, que o principe retinha de memoria, e ao mesmo passo se sentira impressionado de tamanha modestia e candura.

—Eu quero — continuou placidamente o rei — fundar uma especie de curso complementar a todos os cursos litterarios. Essa será a cupula mentalmente architectada; praza a Deus que me seja dado rematal-a. As aulas publicas são a escada analytica da instrucção. Vae-se d'ordinario, como o sr. Alvaro Vaz me disse, subindo degrau a degrau sem olhar para o lado. Ora eu bem lhe disse que o meu plano era audacioso! Não me contento com fazer olhar para o lado. Quero que a mocidade suba ao zimbório e de lá aviste, na grandeza da synthese,

as alterosas eminencias das letras. Deve o meu projectado curso compôr-se de cinco cadeiras. Na primeira se desenvolverá em toda a sua extensão o já vasto estadio da historia patria. Na segunda travarão os alumnos amplo conhecimento com as litteraturas antigas; na terceira, complementar da segunda, familiarisar-se-ha o espirito com as riquezas do moderno thesouro litterario; na quarta, já preparado o animo para viagem de maior folego, ascenderá ás regiões olympicas da philosophia e, como remate, virá a ultima cadeira que, intimamente relacionada com a quarta, é destinada ao estudo da historia universal sob um ponto de vista critico e philosophico. Aqui está, sr. Alvaro Vaz, exposto com a maxima franqueza o meu plano; dir-me-ha, com egual sinceridade, se o reputa exequivel e conveniente.

Alvaro Vaz estava maravilhado de tamanha largueza de pensamentos em principe que ainda se podia considerar imberbe, porque mal lhe loirejava o buço, que sua magestade constantemente torcera com os dedos emquanto falou.

Não obstante, tivera palavras para testemunhar o seu assombro e adhesão.

El-rei proseguira :

— Isto virá tarde, mas espero em Deus que virá. Primeiro é preciso povoar d'escolas o paiz; melhorar professores e alumnos; tornar menos pesado o fardo da velhice que ensina, e mais doce o fardo da infancia que aprende. Importa equilibrar as graves attribuições dos

cabellos brancos com os submissos encargos das cabeças loiras. Para que não falte a doçura do mel nos banquetes do espirito é indispensavel augmentar o numero das colmêas. Já vê o sr. Alvaro Vaz que estou empenhado em acompanhar a cultura intellectual do paiz desde a flôr que desabrocha até ao fructo que sazona. É preciso cuidar da primavera para que o outomno não seja escasso. D'aqui deve inferir, sr. Alvaro Vaz, quanto eu quero á instrucção da terra que me foi berço. Mas se permite que o aconselhe quem pela idade não póde ser conselheiro, deixe-me dizer-lhe que, se vale a alma o que a intelligencia valer, um elemento indispensavel ao remanso da intelligencia e da alma é seguramente a felicidade domestica. A rainha minha mãe, que Deus haja em sua santa gloria, afervorou-nos pela educação e pelo exemplo o sagrado amor de familia. Os infantes meus irmãos não prestam menos reverente culto á religião do lar do que eu. Os seus bons parentes d'Alcobaça devem estar saudosos. Se a ausencia lhe acorda na alma igual sentimento, volte para o seu lar, sr. Alvaro Vaz, que lá mesmo o irá procurar a sympathia que esta agradavel entrevista me radicou no coração.

Para quem não estivesse allucinado por invencivel paixão, seriam transparentes as palavras del-rei.

Alvaro Vaz havia falado d'uma prima que lhe facultara recursos para educar-se litterariamente. O senhor D. Pedro V, com a sua atilada intelligencia, conhecera que os laços do parentesco não eram bastantes a explicar a liberalidade.

Todavia era esse um assumpto sobremodo melindroso para que el-rei o tratasse com maior franqueza. A nossa alma é um altar que nós mesmos devemos enflorar ; affigura-se sacrilegio que mão estranha vá depôr sobre a ara qualquer oblata, ainda que seja uma flor. El-rei sabia-o e comprehendia-o. Hoje, que a sua historia está escripta, é licito suppor que a essa hora crepitava accesa no coração do principe a chamma dos intimos affectos. Era esse de certo o seu mais querido segredo, o que mais porfiava em occultar. Suppunha que assim devia ser para Alvaro Vaz e não ousava transpor o limiar do templo defezo a estranhos.

O senhor D. Pedro V e o sr. infante D. Luiz haviam saído a viajar na Europa em maio de 1854, em cumprimento d'um desejo muitas vezes expresso pela rainha, e que a morte viera atalhar. N'essa viagem visitaram os principes portuguezes Londres, a Belgica, a Hollanda, a Prussia, o principado de Gotha, a Saxonia e a Austria, avistando-se, no regresso, com o imperador Napoleão III, que a esse tempo demorava no acampamento de Bologna. A visita a Paris ficara differida para o anno seguinte, em razão de estar sendo flagellada a capital da França, n'essa epocha, pela epidemia da colera-morbus. Foi provavelmente n'essa viagem que o senhor D. Pedro V conheceu a formosissima princeza que em toda a Allemanha era considerada a fada do castello de Sigmaringen. Para quem der credito á mysteriosa attracção das almas, que na terra se procuram e completam, é o casamento d'el-rei uma solemne confirmação de tão poetica

theoria. Ambos da mesma idade; um, descendente da boa nobreza dos Hohenzollerns, outro, representante da fidalguia brigantina; um, filho de príncipe, outro, successor de reis; ambos amantíssimos da pobreza desvalida e da pratica da virtude; um e outro artistas, porque se o príncipe portuguez denunciava florescentes talentos e aptidões ainda na primavera da vida, a princeza allemã menina e moça se distinguira não só pelo desvelado interesse com que cultivava as artes graphicas, como tambem pela facilidade com que versava os idiomas e litteraturas estrangeiras.

O senhor D. Pedro V, quando príncipe herdeiro, ouvira provavelmente em Dusseldorf o ecco pregoeiro das raras virtudes da princeza D. Estephania. Ahi era o quartel d'uma divisão militar que o príncipe Carlos Antonio, pae da princeza, e nomeado tenente-general do exercito prussiano, commandava então. Certamente, visitando o senhor D. Pedro a Academia de Bellas-Artes, fundada em 1767 pelo eleitor Palatino Carlos Theodoro, e conversando o professor Muck, director da educação artistica da senhora D. Estephania, soubera que a gentil princeza descendente dos Hohenzollerns era tão justamente festejada, por suas virtudes, entre o povo, como, por seus talentos, entre os academicos. D'aqui veiu por ventura a ancia de conhecel-a e ouvi-la.

Se fôra no outomno, estaria sua alteza veraneando, com seus irmãos e paes, n'uma principesca propriedade situada em Weinburg, á beira do lago Constança. Mas o senhor D. Pedro havia partido de Portugal em maio

e recolhera em setembro. D'esse verem-se e ouvirem-se resultou ligarem-se para todo o sempre as duas almas pela doce communhão d'eguaes affectos e tendencias. O principe portuguez repatriára-se com uma secreta esperanza que a saudade avultava redoirando-a. Esse era provavelmente o seu doce oázis nas aridas plagas da governação durante os annos que medeiam entre setembro de 1854, epoca do regresso do senhor D. Pedro, e julho de 1857, epoca em que sua magestade fizera eleição d'esposa.

El-rei suppozera Alvaro Vaz nas mesmas condições. Sua magestade enganava-se. Alvaro Vaz era amado e não amava; estimava apenas.



VII

A magnanimidade d'el-rei

ALVARO Vaz conjecturou que el-rei alludisse á melancolica influencia da nostalgia, e para logo se declarou superior á cobardia da saudade. Certificou sua magestade de que as reminiscencias do lar, a que elle tambem rendia culto no altar do coração, não logravam affrouxar a convicção com que partira d'Alco-baça. El-rei conheceu haver-se enganado. O amor não é tão forte que possa aguentar-se impunemente nas tribulações da ausencia. A's horas caladas do estudo, na solidão do seu gabinete, longe da capital que se recreava a dois passos de distancia, muitas vezes entreveria o senhor D. Pedro V a formosa visão que soccorria os pobres de Dusseldorf e era appellidada a fada do castello de Sigmaringen.

A princeza allemã, chamada em 1855 á côrte de Ber-

lim por nobreza de origem e recentes convenções de familia — motivadas pela cedencia da soberania de seu pae á pessoa do rei da Prussia — saudosamente se recordaria, nas festivas noites de sarau, do principe portuguez, cujas virtudes pareciam desabrochar-lhe á flor dos labios em sorrisos de melancolica doçura.

Comprehendeu el-rei que era Alvaro Vaz um espirito avido de saber; não um coração rico de amor. Portanto addiara para segunda audiencia o despacho do requerimento, e com delicada bondade despedira o moço d'Alcobaça, promettendo-lhe que a demora seria toda em proveito da sua solicitação.

Alvaro Vaz retirara estonteado de jubilo. Percorreu ao acaso os sitios menos frequentados de Lisboa, como para que os esplendores da cidade o não supplantassem no justo orgulho com que sahira do Paço. Parecia-lhe que a honra que recebera era superior a todas as grandezas que a capital, apesar da rivalidade de Cintra, logra pompear, ainda que empallidecidas, á luz quente de setembro. Que a nobreza e o oiro se baloicem nas suaves molas de trens brazonados, é facto vulgar em todos os tempos e paizes; mais raro é que a obscuridade se exalce até ser ouvida e attendida da realeza, e que a realeza oiça e attenda a obscuridade que lhe pede audiencia.

Recolheu absorto n'estes pensamentos que desmoronavam todo quanto pessimismo expectorára, dias antes, o deputado nosso conhecido. A sua alma estava chegada a essa alegria radiosa que a felicidade dá, e que requer o desafogo da expansão. A quem havia de contar, po-



E entestando se com o papel, começou o professor «Meus bons amigos» (pag. 74)



rém, aquelles novos episodios de sua vida? A' população de Lisboa que o tomaria por ebrio ou louco? A quem então? Lembrou-se de escrever para Alcobaça, e escreveu, escreveu muito. . .

O velho João do Couto devêra sentir um pesadello horrivel, n'esse dia, se é que as canceiras da escola lhe deixaram tempo para dormir a sésta. Estava-se-lhe preparando uma grande calamidade: uma carta de quatro paginas.

Alvaro Vaz contava que fôra recebido cordealmente pelo rei, que promettera protegê-lo nos primeiros passos da carreira litteraria que encetara.

—Pelo rei! exclamou João Vaz ao ouvir ler a carta. Ó João do Couto, veja lá se entendeu bem a letra!

—Eu leio o que cá está! tornou agastado o professor. R-e-i. . .

—Rei, respondera Clarinha. Não se pôde duvidar. O primo foi recebido pelo rei!

—Pelo rei; tal e qual. O que vale é que a Clarinha já me não deixa ficar mal. Quando não, seu tio era capaz de teimar que R-e-i não quer dizer *Rei*.

As ultimas palavras de João do Couto foram suffocadas pelo afflictivo chorar de Clarinha.

A pobre menina não pôde reprimir as lagrimas.

O professor e o tio quedaram surprehendidos a olhar para ella.

—Não estás boa, Clarinha? perguntou anciosamente o camponez.

—Estou, sim, meu tio, respondeu ella soluçando.

—Então ouves dizer que teu primo foi recebido pelo rei e desatas a chorar!

—É que o primo não torna cá... suspirou Clari-nha.

—Como não torna cá?

—Pois se o rei o recebeu, está elle levantado a umas alturas, que decerto hão de fazel-o esquecer de nós...

—Lá recebel-o o rei não é pequena altura! ponderou tolamente o professor. Tenho a satisfação de dizer que quando o sr. Alvaro foi para o collegio de Lisboa, já eu lhe tinha ensinado as primeiras letras.

João Vaz, que estava deveras commovido em tão dolorosa situação, aproveitou o ensejo que lhe facilitava um desvio salvador. Por isso replicou:

—Pois olhe que a respeito de letras não se póde gabar, visto que não entende as do discipulo!

—Ora essa, sr. João Vaz! ripostou o professor, que não esperava o golpe. Tenho lá culpa de que os meus collegas de Lisboa lhe estragassem o cursivo!

—Tem razão, homem, tem razão! Lhe estragassem o que?

—O cursivo.

—Que vem a ser isso?

—A letra das cartas.

—Então a letra das cartas, continuou João Vaz, que queria prolongar o incidente, não é egual á letra dos livros e dos outros papeis?

—Pois não vê o sr. João Vaz que a letra dos livros é redonda?...

—E esta é bicuda! acrescentou o camponez. Entendo, entendo!

—Está a fazer-se de novas! resmungou o professor.

Clarinha pediu-lhe meigamente que continuasse a ler a carta.

—Vamos lá! obtemperou resignadamente João do Couto.

O camponez fez um gesto de contrariado.

O mais da carta era elogio das virtudes do rei, e esperança de bom despacho ao requerimento.

Quando João do Couto ia a ler a data, sahiu Clarinha da sala para se recolher ao seu quarto.

Ia offegante, opprimida; precisava chorar livremente.

João Vaz despediu com um tregeito o professor. Estava desvairado. A dôr da sobrinha doía-lhe no coração. Entrou de passear a largos passos na sala, como era seu costume em situações violentas. O retrato daguerreotypado d'Alvaro era sempre o alvo das suas apostrophes. D'esta vez, a primeira que lhe disparou, sahiu assim dos labios do tio:

—Ora o mariola que já se mette lá pelo Paço e não quer saber da gente!

Emquanto retrocedia, cahiu em si, e, ao voltar, acrescentou:

—Sim, que elle lembra-se de nós, porque nos escreveu, mas o certo é que anda lá mettido pelo Paço!

Clarinha continuava a chorar. Julgava o primo perdido para o ninho d'Alcobaça.

E estava, pelo menos temporariamente, porque, trez dias depois, admittido a nova audiencia, lhe dizia o rei:

—O sr. Alvaro Vaz quer illustrar o seu espirito mantendo, comtudo, a dignidade peculiar aos amigos do trabalho. Pois muito bem. Em optima occasião m'ò deparou a fortuna. Eu estava para enviar ao estrangeiro pessoa idonea que por escripto me informasse da organisação das mais adeantadas escólas superiores. Preciso de estudar o plano dos institutos celebres da Europa, para que o meu ambicionado curso não sáia rachitico e cem annos atraz do seu tempo. Se o sr. Alvaro Vaz se quer encarregar d'essa missáo, poderá partir quando lhe apraza, que eu ardentemente ficarei esperando o seu relatorio particular. Isto é negocio tratado entre nós. Ninguem saberá que vae ao estrangeiro por incumbencia minha, e que eu o encarreguei de coordenar o relatorio alludido. Terá propicia occasião de entrar ás melhores escolas, e ouvir os mais notaveis academicos. Grande coisa é viajar, sr. Alvaro Vaz! Se eu fosse inteiramente livre, iria, como já fui, vêr e ouvir o muito que se vê e ouve lá por fóra. Não posso; ficarei. Verei e ouvirei pela mão do sr. Alvaro Vaz. Depois, quando regressar, receberá, se quizer, o minguido peculio de instrucção que o meu curso lhe possa dar. Terá então summa facilidade em apontar-me as difficiencias do meu plano, e eu sentir-me-hei feliz de vêr que ambos nós aproveitamos com este acerto do acaso, que fez com que nos encontrassemos. Aproveite a oportunidade de medir, em prosperos paizes, a altura

da sciencia, e de trazer para a sua patria a medida dos progressos sociaes na restante Europa.

E el-rei acrescentou affavelmente:

— Tudo isto fará com a maxima liberdade de espirito, sem se sentir asphyxiado pela dyspnéa dos carceres universitarios.

Alvaro Vaz estava delirante de alegria. Não era uma esmola que lhe offerecesse el-rei: era o salario d'um trabalho que sua magestade lhe commettia.

La visitar os primeiros atheneus, ouvir os primeiros sabios, vêr os primeiros paizes. E era a mão d'um principe que lhe desenrolava deante dos olhos o mappa do mundo; que inesperadamente lhe abria a aurea porta da Terra da Promissão! Quasi lhe escassearam palavras para agradecer a el-rei. Lembrou-se apenas de que estava prestes a vêr realisado o seu sonho; tudo o mais esqueceu: Clarinha e Alcobaça.

Ao despedir-se, dissera-lhe sua magestade:

— Quando o sr. Alvaro Vaz tiver concluidos os seus apercebimentos de viagem, queira avisar-me. Eu o receberei para nos entendermos no que seria ocioso tratar agora.

Dentro de oito dias estava o viajante preparado para o caminho. Foi guardando para a ultima hora a despedida de familia, e só na vespera da partida escreveu para Alcobaça noticiando que saía, por determinação d'el-rei, para o estrangeiro, no dia seguinte. Bem sabia elle que essa noticia havia de produzir grande sobresalto em Alcobaça. Receiou que as consequencias podessem ser-lhe

estorvo á viagem. Clarinha e seu tio não o deixariam partir sem virem despedil-o a Lisboa. Seria um sacrificio inutil e doloroso para todos. Portanto, só quando recolheu do Paço, onde fôra receber as ordens d'el-rei, escrevera enviando a inesperada noticia. Sua magestade havia estipulado uma farta mezada, abrindo credito indeterminado para as despesas extraordinarias. O tempo de viagem seria illimitado.

— Recolherá, dissera o senhor D. Pedro V, quando tiver visto e ouvido.

Alvaro Vaz, tão alheado andava, que facilmente acreditou que o rei carecia em verdade dos seus serviços.

Partiu directamente para França n'um paquete francez. Saíra o Tejo n'um esplendido dia d'outomno A imponencia das aguas, doiradas pelo sol, parecia dilatar a alma. O espectaculo da cidade, que se desenrolava a seus olhos, tinha o cunho magestoso dos grandes e formosos panoramas que os paizes estrangeiros nos estão mandando, para que os admiremos, reproduzidos em amplas lithographias. É, realmente, exuberante de belleza o aspecto de Lisboa edificada sobre trez grupos de collinas, sendo o primeiro irregularmente formado ao levante pelas ondulações dos montes da Penha de França e do alto das Picoas. Ao noroeste desdobra-se a cordilheira que parte da quinta do Seabra e decorre até ao Tejo. A oeste formam o terceiro grupo os montes da Estrella, Campo d'Ourique, Prazeres e Buenos-Ayres. Nas intersecções cavam-se extensos valles em que grande parte da cidade comprime os seus bairros populosos.

Espraia-se um pela margem do Tejo desde Santa Apolonia ao nascente até á ribeira d'Alcantara ao poente. Outro comprehende a cidade baixa desde o Terreiro do Paço até ao Passeio Publico.

Alvaro Vaz ia embellezado na formosura do panorama. As pequenas almuinhas, as quintas de recreio, os jardins, os grandes edificios, os claros arvoredos, as torres de Belem, de S. Julião da Barra e de S. Lourenço do Bugio, a cidadella de Cascaes, a longinqua serra de Cintra, tudo isso se confundia, deante de seus olhos, n'uma suavissima harmonia, n'uma risonha combinação de tintas e jogos de luz irridentes. Quando, toucadas de nevoeiro, surgiram as recortadas *Montanhas da lua*, a cuja falda repouisa Cintra, acudiram á mente de Alvaro Vaz estes maviosos versos do visconde d'Almeida Garrett, o maior homem que morreu durante a regencia do senhor D. Fernando :

Oh! Cintra! Oh! saudosissimo retiro
Onde se esquecem magoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento que imbala adormecido
O sussuro das folhas, co'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!

Desvairava d'esperança o coração de Alvaro Vaz. Nem sequer lhe aguava a embriaguez da felicidade a saudade da patria. Sorria-lhe de longe a realização do seu ideal. Pobre louco! pobre sonhador! Esquecia-se de que, volvidas horas, haveria choroso luto na modesta

casa d'Alcobaça, gracioso ergástulo de duas almas soluçantes.

Não tomem por exaggerada a magnanimidade d'el-rei os poucos que em Portugal são desaffeçoados á monarchia. Este era o caracter do sr. D. Pedro V. Não mente a historia se disser que a sua algibeira fôra o thesouro do povo. Da sua dotação repartia com todos: trinta contos de réis eram destinados á educação de creanças pobres orphanadas pelas duas epidemias da *cholera morbus* e da *febre amarella*; sessenta e tres contos e oitocentos mil réis constituíam fundo permanente do *Curso superior de letras*; aos alumnos necessitados da escola real de Mafra, fundada por el-rei, e á qual sua magestade alludira falando com Alvaro Vaz, remunerava-os nos primeiros annos com um premio nunca inferior a seis libras; depois que fallecera a rainha D. Estephania, vestia el-rei, além da concessão dos premios pecuniarios, vinte e dois alumnos e outras tantas alumnas. Este numero era symbolico para o senhor D. Pedro V. Vinte e dois annos contava a rainha quando a nortada fria do sepulchro apagou a sua vida resplendente dos alvares da aurora. Todas as desgraças publicas, como as que resultaram das grandes cheias de 1856, encontraram sempre abertos o coração e a algibeira do rei. O paiz inteiro sabia que sua magestade distribuia crescido numero de mezadas. Seu tio, o senhor D. Miguel de Bragança, principe desterrado, recebia no exilio, todos os mezes, a certeza de que a sua triste situação era comprehendida pelo rei de Portugal.

E, quando ao desterro lhe chegou a noticia da pre-

matura morte do príncipe seu sobrinho, o senhor D. Miguel de Bragança rompeu n'esta dolorosa apostrophe: «Era um anjo!»

Não se condemnem os reis porque são reis. Portugal é politicamente um paiz privilegiado. A actual familia reinante é, pela bondade da sua indole, geralmente amada. Os estrangeiros, quando de mais perto estudam a monarchia portugueza, invejam-nos os reis. É porque no throno de Affonso Henriques se não assenta a tyrannia que, a alguns d'elles, os tem esmagado. Quando os filhos dos nossos reis passeiam por entre o povo, todas as vozes os festejam, porque elles não são os descendentes d'uma dynastia que represente um jugo. Nas cabeças loiras dos infantes ninguem vê o reflexo d'uma aurora de sangue, como no jazigo de S. Vicente de Fóra ninguem encontra lascados os feretros reaes pela ira popular

Nós, se a nossa constituição fosse republicana, teriamos sobejos motivos para invejar os nossos reis.



VIII

Maguas e receios

A carta d'Alvaro Vaz foi como tempestade que desabasse sobre a casa d'Alcobaça. No primeiro momento todos trez se olhavam estupefactos: Clarinha, João Vaz, e João do Couto. Ir viajar porque o rei o protegia! Parecia sonho! Elle, que conheciam desde pequenino, que viram crescer alli, ao pé de todos! elle, que era discipulo de João do Couto, sobrinho de João Vaz, e primo de Clarinha! Como lhe falaria o rei? Isso não dissera Alvaro Vaz, mas tambem não era o que mais admirava Clarinha. A criada velha contara-lhe, havia muitos annos, historias de reis que atravessavam florestas em ruidosas caçadas e encontravam pastoras bellas, que educavam para rainhas. Outras vezes achavam no meio da serra uma creancinha a tremer de frio: agasalhavam-n'a em seus Paços. A voz do povo dizia

todos os dias que o senhor D. Pedro V possuia uma alma angelica; era portanto como os reis das lendas antigas. Isso comprehendia Clarinha. O que mais a admirava, e outro tanto a maguava, era que o primo, com o seu genio altivo, quizesse acceitar a mercê do rei, e recusasse todos os offerecimentos d'ella.

Tinha razão. Alvaro, como já dissemos, estava obcecado, estava louco.

— Mas que vae elle fazer? perguntava João Vaz cada vez mais atordoado pela inesperada noticia.

— Vae passeiar! respondia o professor.

— Qual passeiar nem meio passeiar! Os soldados é que passeiam á custa do rei.

— Acredita então que seu sobrinho vá trabalhar? Não é preciso passar o mar para ter que fazer. . .

— Lá isso é verdade. . . reflectiu tristemente João Vaz.

— Se o rei lhe quizesse dar um emprego no reino, olhe que não se havia de cançar muito a procurar!

De repente, como se tivesse sido mordido de vibora, exclamou o camponez :

— Ó João do Couto! sabe você uma coisa? Quem nos diz que o rapaz se não fez maçom?

— Hum! regougou com laconico assentimento o professor.

— O quê, meu tio? perguntou Clarinha que, absorvida na sua dôr, havia cerrado ouvidos ao dialogo.

— Nada, filha, dizia eu. . .

— Dizia o tio?

— Que teu primo foi decerto tratar d'algum negocio d'estado . . .

— O tio não me quer affligir, e engana-me!

— Pois é verdade, Clarinha, enganei-te . . . Dizia eu se o rapaz se teria feito maçon.

— Não, tio, não. O primo tem uma boa alma. Conheço-o desde pequeno; sei o que elle vale. Se ser maçon é cousa má, o primo não a fez.

— É attentar contra a religião! atalhou sentenciosamente o professor.

— Não viram que o primo falava outro dia em Deus! Não o accusem. Eu sei que elle é bom, muito bom. Se me não estima, paciencia. Estimo-o eu a elle.

— Estima, Clarinha, estima, e mais te ha de estimar quando melhor te conhecer.

— Deus o oiça, meu tio! O primo não é maçon nem se acredita que el-rei o incumbisse de similhante coisa.

— É verdade! exclamou João Vaz.

— É verdade! repetiu o professor.

E ficaram pensativos todos trez.

— Mas, disse ao cabo de longa concentração João Vaz, bem podia ser que nos enganasse dizendo que o senhor D. Pedro V o protegia.

— O primo não engana ninguem!

— Ó Clarinha! é preciso que não vejas em teu primo uma divindade! Então para que pede elle que não se diga a ninguem? . . .

— É verdade! ponderou o professor.

— É porque el-rei, que tem boa alma, não quer que ninguém saiba os beneficios que faz . . .

— Lá isso pôde ser . . . transigiu João do Couto.

Clarinha accrescentou :

— Bem sabe o tio como o primo é altivo. Não quer acceitar nada de ninguém; se agora acceitou, foi por vir da mão do rei . . .

— Sim, disse por entre dentes João Vaz. Tu é que pensas bem . . . E olha que não é pequena honra para nós a protecção de sua magestade a uma pessoa da nossa familia!

— Triste honra! soluçou Clarinha. Triste honra que nos faz estar de luto!

— De luto?! repetiu João Vaz.

— A ausencia é como a morte. Uma pessoa que está ausente é como se estivesse no cemiterio : nem se vê, nem se ouve.

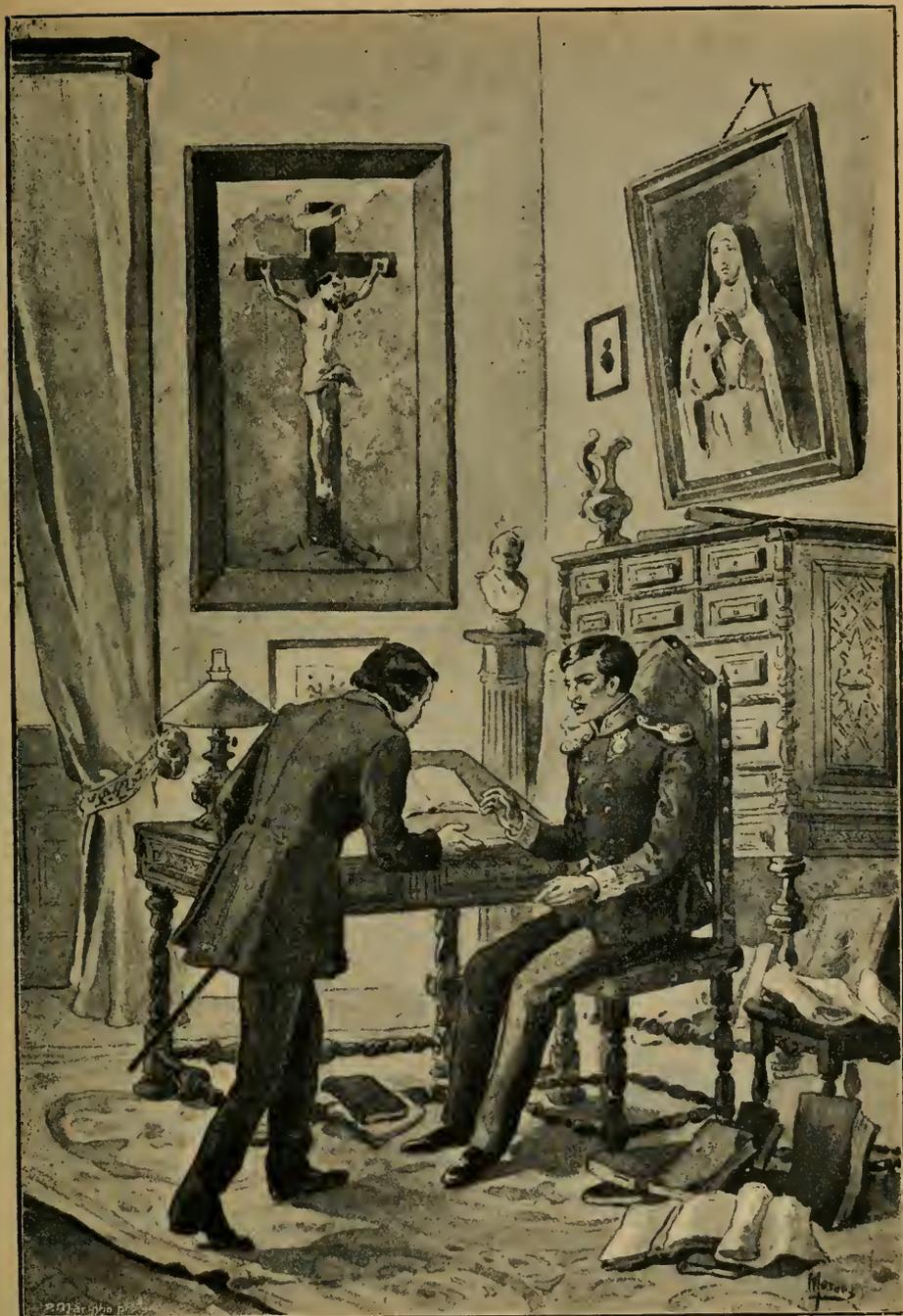
— Mas um dia voltará, e do cemiterio não se volta.

— Deus sabe porém se todos estaremos vivos então! exclamou doloridamente Clarinha.

E ficou scismadora.

É sempre assim. Quem está condemnado á escuridão, receia não tornar a vêr a luz. O regresso de quem se estima, é uma primavera. Os rouxinoes sabem que em vindo as flôres, e o sol, e a alegria, terão voz e felicidade. Mas as rolas solitarias que tanto o são em abril como em dezembro?

A alma de Clarinha estava sempre desamparada, porque a do primo nem de longe nem ao perto a acom-



Repugna ao meu espirito esta adulação official (pag. 87)

panhava carinhosamente. Habitou-se á melancolia e á solidão. Ainda que voltasse o primo, não suppunha que elle, depois de ter vagueado pelas altas regiões do Paço, coubesse um instante no lar d'Alcobaça, e a encarasse com bons olhos. Se a estimava pouco quando partira, menos a estimaria quando voltasse.

— Ó Clarinha, que ficaste tu pensando? apostrophou João Vaz para despertar a pobre rola abandonada e amorosa.

— Estava a pensar n'uma coisa que . . . logo lhe di-rei, meu tio.

— Outra lembrança como a de aprenderes!

— Póde ser . . .

— Alvaro no caso; Alvaro em tudo . . . Pois muito bem. Eu ficarei até logo com a minha curiosidade, tu com o teu segredo. Agora vae dar lição, que o pobre João do Couto já ali está a cabecear com somno ha boa meia hora . . .

Que tristeza não era a de Clarinha para que ella esquecesse a sua lição—o unico meio de algum dia poder falar directamente á alma do primo!

Estremeceu quando a voz do tio a chamou á realidade, e foi sentar-se á mesa onde os livros estavam abertos.

João do Couto bocejou ao passar-se de cadeira para cadeira. Recostou-se, estendeu o lenço vermelho sobre as pernas, montou os oculos, e ia a procurar a lição quando Clarinha, apresentando-lhe o livro, disse: É aqui.

Elle olhou por cima dos oculos e respondeu:

— É ahi mesmo.

Começou a lição. João do Couto fazia lembrar um caçador, que se fica parado a olhar para o céu por não poder alcançar a ave que vae muito alta.

Clarinha principiava já a ler.

João do Couto deixava voar a discipula.

Finda a lição, em que Clarinha, não obstante a sua immensa dôr, fizera mais um prodigio de boa vontade, e depois de se ter retirado João do Couto, abeirou-se ella mysteriosamente do tio e disse poisando-lhe a mão no hombro:

— Eu sou muito impertinente, pois não sou, meu tio?

— Tu, filha! Tu és um anjo! Os demonios é que são impertinentes, que não largam a gente!

— Pois então, meu tio, eu tinha uma coisa a dizer-lhe...

— Diz um cento, Clarinha. Pena sinto eu de não ter um cento d'orelhas para t'as ouvir todas d'uma vez!

— O tio vae talvez rir-se...

— Então diz depressa, que bem carecido de rir ando eu!

— Eu...

— Tu?

— Eu queria...

— Tu querias ver teu primo.

— Isso queria eu. Mas agora...

— Agora fala sem receio.

— Eu queria fazer testamento...

—Tes...ta...men...to! syllabou João Vaz. Tu queres fazer testamento! Agora me rio eu!

—Eu bem dizia que o tio se ia rir...

—Ah! Ah! gargalhava o camponez. Clarinha, uma creança, a querer fazer testamento!

Mas de subito, reconsiderando, disse João Vaz gravemente:

—Percebo a tua idéa, filha. Farás testamento quando quizeres. Tudo quanto ha a ti pertence, e todos podem dispôr do que é seu. Queres beneficiar teu primo? Seja. Teu primo é um bom rapaz, e se a cabeça ainda anda desnorteada pela mocidade, deixemos que o tempo faça o que só o tempo costuma fazer.

—Oh! meu tio!

—Não tens que agradecer-me. Quando quizeres eu falo ao tabellião; elle que venha cá. E' melhor assim para que nada conste. Que necessidade temos de saber-se que tu vaes fazer testamento? Vem o tabellião, tu dizes o que queres, e ninguem mais o saberá.

—Muito obrigada, meu tio, agradeceu Clarinha, enleando meigamente o camponez com os braços.

Elle, commovido a lagrimas, apertou-a contra o peito, beijou-a.

—Has de dizer-me, Clarinha, se acaso te sentes doente. Isso é que me dá cuidado. Não estás boa? Soffres? Dize a verdade, Clarinha...

—Não soffro nada, meu tio!

—Mas tu que te lembraste de fazer testamento...

—E' que a gente adocece d'um instante para o outro.

De mais a mais agora. Não anda em Lisboa a epidemia, que tantos estragos tem feito? . . .

— E' verdade.

— Ninguém sabe quando chega a sua hora. O primo está lá muito longe, nós estamos aqui. . . Bem póde qual-quer de nós morrer quando menos o espere.

— Pois, filha, o testamento faz-se quando quizeres. Tens muita razão no que dizes. A mortandade tem sido grande. Desde 1833, quando a colera entrou no Porto, porque um vapor a levou, que não se ouvia dizer que morresse tanta gente. Ainda teu primo foi agora e foi bem. Pelo que tenho ouvido dizer, o anno passado tambem andou a epidemia lá por essa estranja toda.

— E ainda andarás, meu tio? interrogou com anciedade Clarinha.

— Disse outro dia o doutor que o andaço veio de lá para cá. O mal deve chegar a todos. Todos nascemos para soffrer. E tu tens soffrido tanto, tu, que és uma pomba!

— Eu pouco tenho soffrido, mas soffrerei o que Deus quizer.

— Não ha de querer, que Deus é justo.

— O que eu não queria era que andasse ainda a colera por essas terras aonde o primo tem de ir. . .

— Então tu queres saber mais que o doutor! É preciso não estar sempre a duvidar de Deus. . .

E dos doutores tambem, deveria acrescentar João Vaz, se a sua rudeza lh'o permittisse. Todavia o facultativo d'Alcobaça nem se enganara nem o enganava d'essa vez.

A epidemia da colera morbus cessara em Inglaterra e França ao terminar o anno de 1854, mas continuou a flagellar a península iberica, onde em 1853 penetrara por Vigo, assolando, durante muitos mezes, a Galliza. Foi todavia em 1855 desdobrando as suas azas pestíferas na extensão do litoral a leste e ao poente de Hespanha, avançando para as povoações confinantes com Portugal desde a foz do rio Minho á do Guadiana.

Ao contrario, porém, das previsões da medicina, que havia aconselhado todas as medidas de cautella no Alto Minho, não rompeu pelas povoações portuguezas mais em contacto com a Galliza; entrou no reino pelo districto da Guarda, caminhando Douro abaixo, e brandindo, sobre uma e outra margem, o terrivel gladio que não poupava creanças nem velhos. Atacando o Porto, victimou milhares de vidas, sem que todavia parecesse ainda saciada com tão horrorosa hecatombe. Foi dilatando-se ao norte e ao sul do rio Douro, abrangendo importantes zonas. Simultaneamente invadiu Faro e Portalegre, estendendo portanto o seu reinado de luto ao norte, leste e sul do reino. Poupando Evora, e affastando-se da estrada que de Badajoz conduz a Lisboa, seguiu a corrente do Tejo, dizimando algumas das povoações ribeirinhas. Estendendo após si um rastro de lagrimas, que a saudade por muito tempo não deixou seccar, penetrou em Lisboa no mez de outubro d'esse anno, quer dizer, um mez depois da festiva acclamação do senhor D. Pedro V.

De tão funesta estreia logo quizeram tirar ruim horóscopo os espiritos timoratos. Não podia ser feliz — di-

ziam elles — o reinado d'um principe que vira empanadas as alegrias da sua acclamação pelas angustias d'um flagello que se espriava assolador. O proprio rei, melancolico por indole, devia subir, sobremodo consternado, os primeiros degraus do throno, porque, havendo no seu coração um ecco para todos os sentimentos populares, certamente ouviria, nas primeiras horas de realeza, os clamores afflictivos do povo. O espirito do rei, posto que brilhantemente illustrado, era todavia dado a presentimentos e preconceitos, e não se nos affigura desacerto acreditar que, desde a puericia, veria em muitos factos que se iam desdobrando outros tantos prenuncios das desgraças que no poder o accommetteram. Quando, recolhendo da viagem que ao estrangeiro fizera em 1854, salvavam todas as embarcações surtas no Tejo e todas as fortalezas de Lisboa, o ribombar tetrico do trovão, e a luz sinistra dos relampagos, que sobre alguns pontos cuspiram faiscas electricas, deviam despertar na alma do principe os melancolicos pensamentos das almas scismadoras, que, como espelhos crystallinos, se deixam escurecer por uma tenue sombra.

Cuidaria o herdeiro da corôa da senhora D. Maria II ouvir na voz da natureza, que com tão lugubres hymnos lhe fazia recepção, o prologo d'esse livro de tempestades, que tinha de folhear na sua vida de rei, e que só a morte prematura conseguiu fechar? Cremos que sim.

Um anno depois de recolher da primeira viagem, ao tempo da acclamação, estava o paiz invadido, como dissemos, pela colera-morbus, que em 1854 afugentára de

Pariz o senhor D. Pedro V e seu irmão o infante D. Luiz. Parecia que a fatalidade estava apostada em perseguir o príncipe, ainda mesmo quando tentava fugir-lhe. Entrado o anno de 1856, logo ao começo, sentiu-se no Algarve um violento tremor de terra, que foi causa de consideráveis estragos n'aquella linda provincia agricultora e maritima.

Esta lamentavel occorrenciã não devia deixar de angustiar o animo do soberano, que reinava havia quatro mezes, apenas.

Em julho d'esse mesmo anno reapareceu a epidemia da colera-morbus nos districtos de Portalegre, Faro, Santarem, Leiria e Lisboa, visitando ao mesmo tempo os de Coimbra e Aveiro, e penetrando ao longe na ilha da Madeira. El-rei, compellido por instancias dos medicos do Paço e pelos mais grados dignitarios da côrte, teve de transferir-se, com a familia real, para Cintra, d'onde, ancioso e maguado, acompanhava a devastadora invasão da epidemia. Não obstante a affectuosa opposição dos que o amavam, el-rei vinha frequentes vezes a Lisboa estimular o zelo dos enfermeiros e o valor dos assistentes. No sitio da Ajuda, sendo numerosos os casos diarios, ordenou o senhor D. Pedro V que os facultativos tivessem carruagem aturada, que do seu bolso pagava, para que os socorros fossem promptos.

De mãos dadas com o flagello da epidemia ameaçava Portugal o flagello da fome.

No largo do convento do Coração de Jesus começaram a reunir-se, n'essa calamitosa epoca, varios grupos

de populares com o intuito de pedir providencias ao rei contra a carestia do pão. Não podia ser mais completo o cortejo de horrores que tão dolorosamente abrisa o reinado do senhor D. Pedro V.

Como o príncipe devia sentir-se maguado ao ouvir na voz do povo os clamores da miseria! Era a segunda vez que o povo lhe falava, porque um anno antes unanimemente o acclamara, e não era agora para repetir saudações nem hymnos que a multidão se agglomerava na praça publica: mas para fazer ouvir ao rei a linguagem terrivel das commoções extremas.

O povo tinha fome.

As provações que el-rei experimentára no seu breve reinado foram tantas, que sobeja razão tem a tradição para suppôr que a alma do senhor D. Pedro V voara aos córos archangelicos, como premio misericordioso de amargos e repetidos transes.



IX

A viagem d'Alvaro Vaz

OBSERVANDO fielmente o itinerario combinado com el-rei, desembarcou Alvaro Vaz em Bordeos, ancioso de conhecer a França. Os melhores livros de sciencia que elle havia lido, eram francezes; portanto, borboleta fascinada, procurava o grande fóco luminoso da instrucção européa. Pariz, o coração da França, attraía-o; de Bordeos jornadaeu a Pariz. Sua magestade havia-lhe recommendado principalmente a universidade, a escóla polytechnica, a de pontes e calçadas, a escóla normal superior e o conservatorio das artes e officios; e como estremado amator de sciencias naturaes, indicara-lhe o museu de historia natural e a escóla de minas.

— Não deixe de visitar, acrescentou el-rei, o gabinete de zoologia de mr. Verreau. Estive lá em junho. Soberba collecção! Vá ver.

Alvaro Vaz começou com juvenil anciedade a sua peregrinação artistica e litteraria. Assistia ás prelecções, ouvia os mais celebres professores, e ia enchendo de notas a sua carteira de relator. Quiz porém parecer-lhe que a França, ao contrario do que esperava, não tinha ainda elevado a instrucção publica á altura dos seus vastos recursos intellectuaes. Alguns dos apontamentos tomados em Pariz, diziam :

«A universidade é o primeiro estabelecimento litterario da França, mas não é decerto o primeiro estabelecimento litterario do mundo. A antiga universidade occupou-se dois seculos na simples reivindicacção dos seus direitos contra os jesuitas; na universidade nova dizia Napoleão ainda no principio d'este seculo que ella se esforçaria por aperfeiçoar todos os ramos de ensino.»

Alvaro Vaz tinha razão. Napoleão dizia em 1808 o que Michel Bréal, no seu livro *Quelques mots sur l'instruction publique en France*, lamentava ha apenas um anno.

Iremos copiando algumas das paginas da carteira de Alvaro Vaz. São periodos escriptos ao correr da penna com a precipitação de quem quer aproveitar um pensamento rapido:

«Ao entrar na grande sala de Sorbonne cuidei ouvir ainda a voz de Cousin, de Guizot e de Villemain, a gloriosa trindade do glorioso periodo da restauração. Foram elles que, com as suas brilhantes prelecções sobre a

historia, a philosophia, e a critica litteraria, prepararam na Europa o terreno scientifico sobre o qual el-rei D. Pedro V vae architectar o seu almejado curso superior de lettras. Esta honra não se póde nem deve negar á França.»

«O instituto de França tem sido desde a sua primeira organização, que remonta ao anno de 1795, um verdadeiro altar levantado em honra das sciencias physicas e mathematicas. N'esse anno, esta classe, a primeira, contava sessenta membros, quasi o dobro dos que compunham a classe das sciencias moraes e politicas. Na terceira, litteratura e bellas-artes, havia quarenta e oito membros. Pela organização de 1803 separou-se das bellas-artes a litteratura, formando uma classe especial com a denominação de — *Historia e litteratura antiga*. Tinha apenas quarenta socios. Esta circumstancia mostra que não eram ainda grandes os progressos litterarios no principio do actual seculo. Na classe das sciencias physicas e mathematicas havia sessenta e cinco membros. A organização que vigora é a de 1816. As classes tomaram o nome de academias.»

Outros apontamentos eram puramente politicos e artisticos :

«Não nos enganemos com a educação litteraria da França. A tribuna parlamentar não tem sido um thesouro inexgotavel de eloquencia. Não são muitos os oradores. Contam-se Benjamin Constant, Garnier Pagés, Casimir

Périer, Odilon Barrot, Lamartine, Guizot, Thiers, Ledru-Rollin, e poucos mais. Portugal não lhe é relativamente inferior.»

«El-rei havia-me recommendado que visitasse a primeira tragica do mundo, pois que não me seria dado ouvil-a na scena. A grande Rachel representara nos *Horacios* o papel de Camillo para honrar el-rei e o senhor infante D. Luiz. Desde então nunca mais voltou ao theatro. Disse-me que tenciona ir breve á America. Conserva vivas recordações da viagem dos principes portuguezes a Pariz, e felicitou-me por eu ser o mais agradecido vasallo de um rei como o senhor D. Pedro V.»

Nas paginas consagradas á Allemanha.

«A Allemanha é, litterariamente, o primeiro paiz do mundo. As idéas são da França, mas os factos são da Allemanha. Basta uma citação. A França fundou a primeira creche em 1844, e logo a Allemanha se povoou de creches dirigidas por mulheres. A mulher representa um papel importantissimo na educação allemã. Compreendeu a Allemanha que para edificar era indispensavel assentar bases. Portanto, antes de fazer escólas estudou pedagogia. Póde dizer-se que foi a Allemanha quem aproveitou a obra de Pestalozzi, o fundador da pedagogia moderna. Começa-se justamente por educar a creança. Os filhos dos pobres recebem em vastos asylos a primeira communhão das letras. Frœbel, um ardente dis-

cupulo de Pestalozzi, conseguiu amenisar a primeira instrucção, creando os *jardins das creanças* (*kinder garten*) como prologo á escóla. Brincando aprendem, dirigidas por mulheres. Do jardim passam as creanças para a escóla. O professor reveste a auctoridade de pae. O crime de não enviar os filhos á escóla é punido primeiro com a censura, depois com a prisão. A escóla primaria divide-se ainda em popular (*volkschule*) e industrial (*realschule*).»

«Da escóla passam ao lyceu as que se destinam á sciencia. Se preferem um officio, entram nas escolas practicas (*berufschulen*).»

«São modelos de organisação as universidades na Allemanha. Os professores titulares saem da classe dos professores livres depois de haverem provado os seus meritos, durante alguns annos, na regencia d'um curso publico. Divide-se a universidade em quatro faculdades: theologia, direito, medicina e philosophia. Que vastidão porém não dão oficialmente os professores allemães a esta ultima faculdade! A philosophia abrange o direito natural, a esthetica, a pedagogia, a philologia, a historia, a archeologia, a economia politica, a mathematica, a physica, a chimica, a botanica e a zoologia. A par dos estabelecimentos superiores de educação scientifica, encontram-se na Allemanha as altas escólas da industria e do commercio.

«Não se póde passar pela Allemanha sem saudar en-

thusiasticamente os seus progressos. A reorganisação da instrucção nacional consummou-se desde 1807 a 1813. Emquanto a França combatia, pensava a Allemanha.»

Dispensamo-nos de copiar, pela sua extensão, a nota relativa á instrucção publica em Inglaterra. Transcrevemos apenas algumas indicações que dizem respeito ao senhor D. Pedro V:

«Em Oxford falou-me de sua magestade, com vivo interesse, o vice-chancellor. Em 17 de junho do anno passado aqui esteve o senhor D. Pedro V com o professor Wellesley, sobrinho do duque de Wellington.»

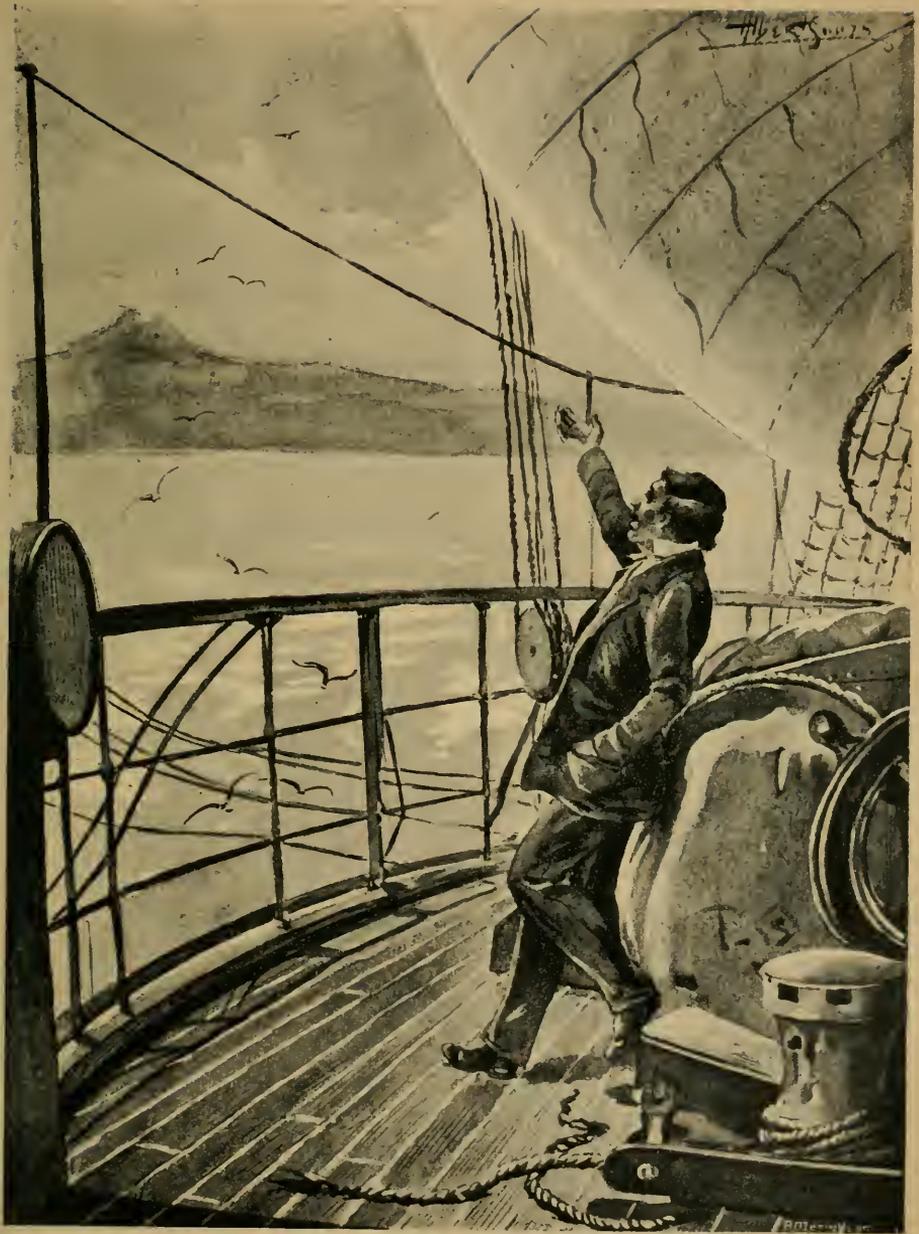
«Ha em Londres grandissima veneração pelo rei de Portugal. Faz-se inteira justiça á illustração de sua magestade. Notou-se que o senhor D. Pedro V quizesse compor o discurso com que, em *Mansion house*, respondeu ao entusiastico brinde do *lord maior*.»

Da Hollanda:

«El-rei tinha-me recommendado o famoso jardim botanico de Amsterdam. Um dos professores disse-me apontando para um banco rustico: «Aqui esteve sentado o rei de Portugal.» Pelo espaldar do banco marinhava uma parietaria. Arranquei uma folha que possuo: é uma recordação d'el-rei e da Hollanda.»

Recordações d'Italia:

•No museu do Vaticano, na sala consagrada á anti-



Oh! Cintra! Oh! saudosissimo retiro (pag. 105)

guidade egypcia, foi em julho d'este anno, segundo me disseram, offerecida uma lauta ceia ao rei de Portugal. El-rei viu as formosas estatuas illuminadas á luz de tochas. Devia ser surprehendente o effeito optico. E' uma collecção esplendida.

«O erudito marquez de Campana presenteou-me com um catalogo do seu valioso museu de antiguidades etruscas.

«Graças á recommendação de el-rei, e á palaciana lhaneza do marquez, devo-lhe a mais estremada amabilidade.»

«Visitei attentamente as ruinas d'Herculanum e Pompeia. Quem havia de crêr que sobre estas reliquias da antiguidade se baseasse a historia para perpetuar a existencia de cidades que desapareceram? As excavações vão dia a dia enriquecendo as galerias. Contaram-me em Napoles que o senhor D. Pedro V e o senhor infante D. Luiz ouviram com religiosa attenção, em julho d'este anno, as explicações do principe de S. Gregorio sobre o processo descoberto para despegar as folhas dos livros carbonisados. E' realmente uma prova assombrosa dos progressos da humanidade. A arte oppõe victoriosa barreira ao impeto da lava e á consumpção do tempo, e salva dezoito mil volumes que já estão reimpressos.»

Nos primeiros mezes do anno de 1857 chegou Alvaro

Vaz aos Estados Unidos, onde, por especial recommendação d'el-rei, devia ir.

Extractemos ao acaso algumas das suas observações :

«Nos estados do centro a população, composta na sua maior parte d'emigrados estrangeiros, carece de instrucção, a que é indifferente. Os estados do sul, occupados por vastas plantações, obstem, pela sua mesma grandeza, ao desenvolvimento da instrucção, e até em muitas localidades é punido como crime o facto de ensinar a lêr os negros. Nos estados d'oeste propaga-se vigorosamente a instrucção elementar e o governo cede em cada circumscripção territorial (*township*) um certo numero de hectares de terreno para a edificação d'escólas. As populações recebem dos estados concessões de terras pantanosas com obrigação de crearem uma caixa destinada a prover ás necessidades da instrucção local. As creanças pobres são portanto soccorridas pela caixa da escóla e assim é que se vão instruindo os filhos dos proprietarios e dos trabalhadores desde as primeiras letras até ás universidades, que em alguns estados mais adiantados são sustentadas por meio de impostos sobre a propriedade.»

«Tive a honra de falar com John Bigelow que ha muito tempo recolhe curiosos apontamentos para escrever a historia geral dos Estados Unidos. E' um homem verdadeiramente illustrado. Disse-me que a organização da instrucção na Nova Inglaterra comprehendia a escola primaria; as escolas secundarias onde se ensina

philosophia, chimica, historia, desenho, musica vocal, algebra, geometria e francez; e as escolas superiores em que se versam linguas e mathematicas especiaes. Ha em cada estado escolas normaes para habilitação de professores, e institutos para se exercitarem convenientemente.

«A America do Norte lê muito. Segundo um calculo aproximado, os productos da livraria americana attingiram o anno passado a somma de dezeseis milhões de dollars. New-York é a cidade que mais lê; segue-se Philadelphia.»

«O jornalismo tem uma vida prodigiosa nos Estados-Unidos. Reflectidamente me disse outro dia o cavalheiro Bigelow¹ que a *imprensa é necessariamente o braço direito de todos os governos populares.*»

Temos reproduzido pequenos fragmentos da carteira de Alvaro Vaz. Eram apenas elementos para a elaboração do relatorio que devia principiar em Portugal, porque absolutamente lhe escasseara tempo para dar o indispensavel desenvolvimento ás suas idéas, impressões e nótulas.

Em agosto de 1857 entrava a barra de Lisboa orgulhoso da felicidade de vêr realisada a sua ardente ambi-

¹ Cumpre notarmos que John Bigelow publicou em 1863 o livro em que trabalhava; intitula-se: *Les Etats-Unis d'Amérique.*

ção. Sentia-se impaciente de falar a el-rei, de lhe agradecer n'uma calorosa expansão a immerecida protecção que lhe havia dispensado. Mostrar-lhe-ia os seus apontamentos, as suas observações, e certificaria o soberano de que tinha correspondido, quanto possível, á felicidade que tão generosamente lhe proporcionou.

Na alma de Alvaro Vaz havia a esse tempo um fervoroso culto de adoração: era para o rei. Viera augmentar a natural gratidão, cuja chamma sagrada flammeja constante nas boas almas, o conceito em que a tradição européa tinha o rei de Portugal. Não eram só os moços que se enthusiasmavam pela mocidade do senhor D. Pedro V; eram tambem, e principalmente, os anciões illustrados de todos os paizes, os velhos professores encanecidos na sciencia, que se inclinavam respeitosos ao ouvir pronunciar o nome do principe portuguez, que tiveram occasião de ouvir e apreciar.

E . . . Clarinha? E o tio? E Alcobaça?

Entre os apontamentos de Alvaro Vaz vinham guardadas cartas affectuosas que por muitas vezes lhe recordaram, na ruidosa solidão dos paizes estrangeiros, que não estava desamparado no meio das grandezas da civilisação moderna.

Tivera, aquella alma sonhadora, atravez das roseas alegrias da sua felicidade, rapidas visões de indefinida tristeza. Era a vaga saudade de tudo e de todos — de Clarinha tambem.

Umaz vez nascia da melancolica vista do mar o suave doer de pungentes e nebulosas recordações; ou-

tras, quando nas pequenas povoações via espreitar ansiosamente uma nervosa cabeça de mulher, lembrava-se de que sua prima o esperaria com egual anciedade, olhando com avidez pela estrada d'Alcobaça fóra. . .

Diziam as cartas que eram inconsolaveis as saudades do tio e da sobrinha. Alvaro Vaz sabia que Clarinha era um coração affectuoso, a quem deviam fazer falta todas as pessoas que estimasse.

A rude bondade do tio despertava-lhe um dia por outro agradaveis recordações de familia.

Meiado o anno de 1856, começou a fazer reparo na calligraphia das cartas. Era-lhe inteiramente desconhecida. «Escrevo por intervenção d'uma minha amiga», dizia mysteriosamente Clarinha. A letra era timida, indecisa, acanhada. Figurava os primeiros traços de uma creança intelligente. De longe a longe vinha um lapso, mesmo um erro. Alvaro Vaz começou a achar adoravel esse desabrochar d'uma intelligencia desconhecida, porque elle, que tinha presenciado as mais brilhantes manifestações do espirito humano, encontrava em cada carta assumpto para medir a enorme distancia percorrida pela humanidade desde os primeiros cadernos até aos ultimos livros.

O peregrino que está costumado á deslumbrante ardentia do deserto, onde os raios do sol caem a prumo sobre as areias fulvas, acha suave o alvorecer de um dia de primavera, o fundo alvacento e luminoso do céu, que depois se volve alaranjado, e por ultimo se aclara lentamente quando o sol transpõe o cimo das serranias alcançiladas.

Havia ineffavel pureza no dizer d'aquellas cartas. Parecia que o coração da prima falava n'ellas. Era indispensavel que fosse um coração de mulher tão fiel interprete d'outro coração de mulher. Quem seria? Clarinha tinha tantas amigas quantas eram as virtuosas meninas d'Alcobaça. Vivera sempre ou quasi sempre affastado. Conhecia-as pouco e menos as tratára. Não podia adivinhar. Em todo o caso, elle, o fervoroso apostolo da instrucção, da luz, do progresso, achava deliciosas aquellas cartas feitas com duas partes de coração e uma parte de espirito.

O estylo das mulheres é como os mais delicados estofos: quanto mais transparente, mais vale.

Bordem sobre preciosas sêdas de Lyon ramagens floridas, flexuosas, enfolhadas, e terão o estylo dos maiores cultores da palavra: de Victor Hugo e do padre Antonio Vieira.

As ramagens affrontam o tecido. Sobre a rede dos fios delicadamente urdidos cruza-se, baralha-se, enovela-se, confunde-se a trama dos labores variegados, dos relevos phantasiosos, dos florões multicores.

Assim é no estylo.

As comparações de Victor Hugo e os trocadilhos do padre Vieira desluzem na linguagem a singeleza nativa dos primeiros pensamentos.

É preciso recortar, desbravar, desfazer para encontrar o cartão.

Oh! mas nas cartas de mulher tudo é transparente, lucido, claro. Importa que a phantasia de quem lê en-

flore, borde, rendilhe. A innocencia não tem côres, porque a symbolisam na brancura. A cabeça do destinatario, inflammada pela febre do amor, é ordinariamente um *atelier*: tem tintas, paleta, pinceis. Contorna e repinta. N'uma simples palavra *Amo-te* vê céos allumiados de fulgores boreaes; paraisos suspensos, como os jardins de Semiramis, pelo tenue fio d'esse verbo delicioso; visões phantasticas a sorrirem no horisonte placido do futuro; flôres, crystaes, deslumbramentos, auroras...

Tudo isso, todo esse mundo de phantasmagorias formosas desentranha o homem do âmago d'uma palavra, que para estar cheia não carecia mais que o seu vasto sentido.

A mulher, menos phantasia e mais coração, continua a escrever simplesmente: *Amo-te*.

Todas estas reflexões acudiram ao espirito de Alvaro Vaz quando leu a primeira das singelas cartas que d'Alcobaça recebera.



X

Durante a epidemia da febre amarella

Foi Alvaro Vaz recebido por el-rei logo que regressou. Sua magestade ouviu-o attentamente discreatear sobre quanto vira e ouvira e, como entendido no assumpto, pôde acompanhá-lo nas mais subtis minudencias sempre douradas pela ardente palavra do narrador. Já sabemos que era importuna a el-rei, desde verdes annos, a conversação frívola de gente moça. O senhor D. Pedro V, nas horas livres de negocios e etiquetas, ia procurar Alexandre Herculano ao seu eremiterio da Ajuda, sentava-se no modesto leito do grave historiador, uma cama de ferro, e ficava a conversar gostosamente sobre as civilisações antigas e as raças extinctas. El-rei amava o passado, e por isso aprazia-lhe o trato dos velhos; mas abriu uma excepção de sympathia em favor de Alvaro Vaz.

Era que o moço de Alcobaça alteava-se acima do nivel commum ás intelligencias de vinte annos; tanto bastava para ser estimado do principe. Conversaram como dois *touristes* que rememoram, ao encontrar-se, impressões de viagem. El-rei tinha, como o seu interlocutor, a ancia de vêr, d'ouvir, d'estudar, de perscrutar. Nascera todavia para presidir aos destinos d'uma nação, e encargo é esse tão pesado e molesto, que requer larga concentração d'espírito. Portanto, sendo-lhe defeso o viajar de novo, folgava de transportar-se mentalmente aonde a civilisação mais se illuminava do clarão das modernas idéas, das conquistas do pensamento, das auroras radiantes do progresso.

Alvaro Vaz queria mostrar a el-rei a carteira dos seus numerosos apontamentos, como para d'ante-mão se desempenhar da responsabilidade que na sua qualidade de commissionado lhe cabia.

— Deixemos isso para quando, com vagar d'espírito e corpo, estiver colleccionado. Falámos dos monumentos; falemos agora dos homens. Viu o imperador Napoleão?

— Tive a felicidade de vêr o imperador algumas vezes, e saudei-o com enthusiasmo quando uma vez, ao sair das Tulherias, cumprimentou descobrindo-se, erguido sobre o carro, o povo que o acclamava freneticamente. Vossa magestade sabe por intuição e experiencia o que deve haver de doloroso no officio de reinar, como vossa magestade lhe chama. Accresce em França que é varia a indole do povo, e que o imperante, sem descurar as

criações duradouras, tem de distrair o paiz, todos os dias, com phantasticas e fugazes creações. O imperador Napoleão não só comprehendeu, a meu ver, o espirito nacional, para lhe dar os espectaculos grandiosos que a sua versatilidade exige, senão que está trabalhando para tornar a França um dos mais deslumbrantes paizes do mundo. O francez é uma ave inquieta e orgulhosa; requer gaiola espaçosa e dourada. O imperador Napoleão comprehendeu-o e executa-o. Se a instrucção publica não tem progredido quanto a grandeza da nação impunha, a razão está, creio eu, no mesmo temperamento do povo que, febrilmente influenciado pela nevrose, não póde persistir no empenho de edificar para a posteridade. Os poetas hão de ser sempre da França, mas os melhores e maiores philosophos do mundo serão os da Allemanha. No bairro latino vi eu que se canta duas horas e se estuda uma. Na Allemanha até a alegria escolastica é erudita, porque resoa em canticos latinos. . .

— Muito bem! muito bem! dissera o rei, que attentamente havia escutado, acofiando absorto o seu pequeno bigode loiro-escuro.

Alvaro Vaz, exaltado por sua natural vivacidade e pela adhesão d'el-rei, continuara:

— O imperador é um claro espirito, um homem perfeitamente conhecedor do seu paiz e do seu tempo. Ao atravessar as ruas de Pariz reveste-se da sympathica democracia que recebe as benções do povo; nas salas das Tulherias, illuminadas e sumptuosas, entre os marechaes do imperio e o sangue azul do bairro Saint-Germain,

retoma subitamente a grande missão politica que representa perante a Europa.

—Assim é, accrescentou el-rei. Eu assisti, com o imperador Napoleão, ás experiencias de tiro em Vincennes, e notei que a sua presença enthusiasmava as tropas e o povo. N'um baile com que sua magestade imperial me quiz honrar, para cumulo d'obsequios, e a meu irmão o infante D. Luiz, vi reunidas nas Tulherias as mais celebradas notabilidades da França, e conheci que a influencia do imperador Napoleão era tamanha na aristocracia do berço ou do talento como nas classes operarias e no exercito. A par do imperador collocou a Providencia um nobre e generoso coração que completa o prestigio do imperio francez. Refiro-me á imperatriz, de quem conservo as mais gratas e mais reconhecidas impressões. Entre as muitas provas de estima com que fomos recebidos na côrte de França, uma se me não pôde desluzir da memoria, porque era uma amabilidade tão finamente delicada, que só d'um espirito feminino poderia partir. Alludo ao projecto d'uma festa campestre na propriedade imperial de Ville-Neuve d'Etang. Obstou a chuva á realisação do idillio phantasiado pela imperatriz, mas a agradável lembrança do obsequio ficou entalhada para sempre no meu coração agradecido.

El-rei havia-se animado pouco a pouco, se bem que os reflexos do seu vivido espirito não conseguissem nunca dominar completamente as vagas sombras de uma tristeza meditativa.

Borboleteou a conversação para a Allemanha.

Alvaro Vaz falou entusiasticamente das formosas e legendarias margens do Rheno, e historiou a el-rei algumas das poeticas fabulas das ondinas que enchem de sonho e idealidade a imaginação popular.

— Saí de Rotterdam e subi o Rheno caminho de Dusseldorf, onde cheguei no dia immediato ao de um pavoroso incendio que reduzira á extrema miseria algumas familias d'operarios.

El-rei, ouvindo falar em Dusseldorf, tinha cravado em Alvaro Vaz os seus penetrantes e melancolicos olhos de um azul esbatido. O narrador attribuiu a simples piedade, tão natural no principe, a viva attenção que lhe despertara.

— Mas — proseguiu — logo appareceu a enxugar as lagrimas, a arrancar flôres das cinzas ainda quentes e fumegantes, o anjo da caridade representado na princeza D. Estephania de Hohenzollern. Estendeu-se o seu braço para socorrer a miseria e logo se retraiu por furtar-se aos beijos da gratidão. O incendio deixára um rasto de lagrimas; a princeza, passando por entre o povo, enxugara-as com um sorriso. As multidões ficaram olhando-a em extasi, mas o anjo havia batido as azas, e fugira.

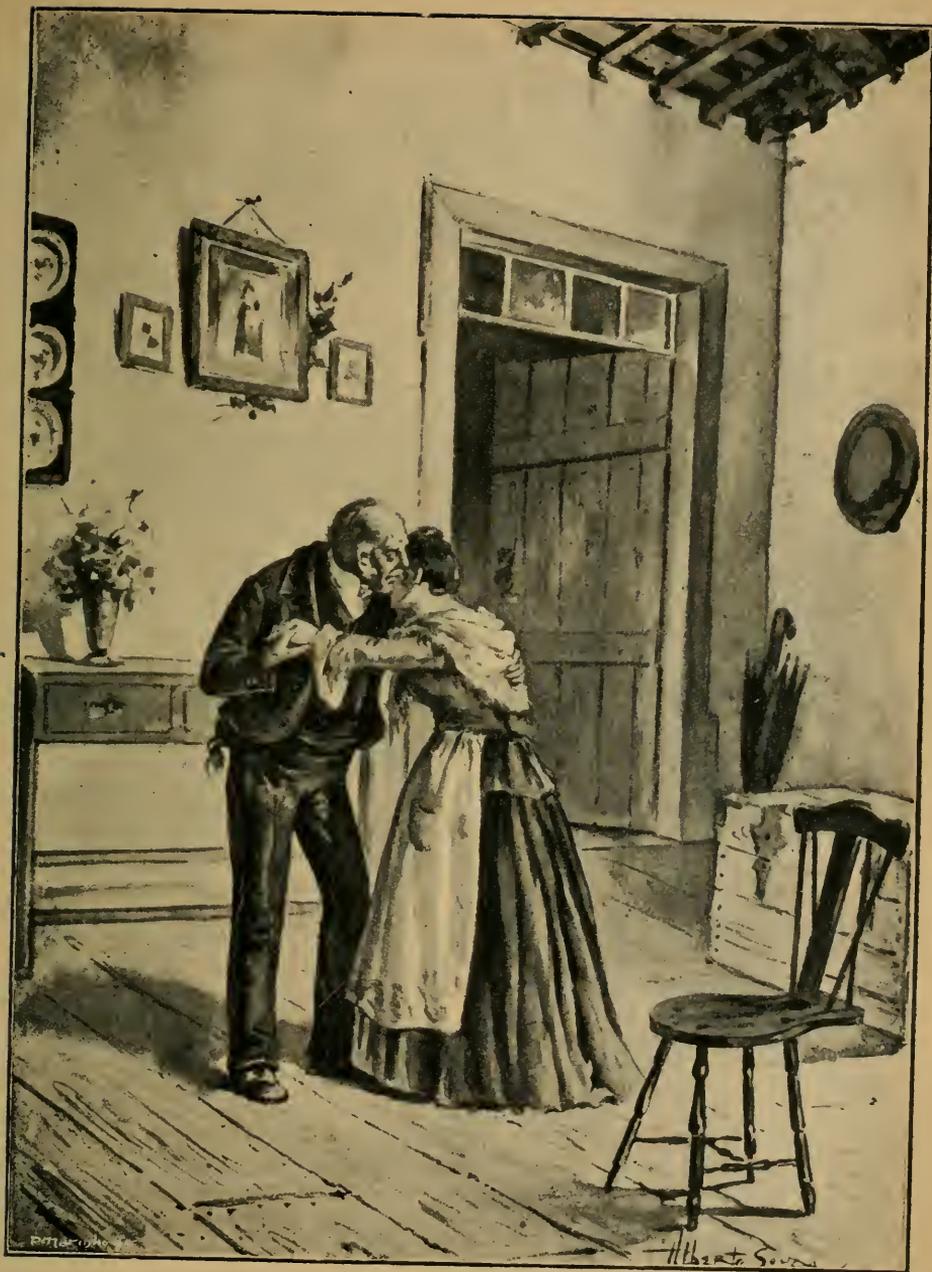
El-rei, com a frente apoiada na mão, quedara-se pensativo e alheiado; mas, como se de repente acordasse de uma rapida abstracção, acrescentou:

— Nem só em Dusseldorf ha desgraças, sr. Alvaro Vaz. Muitas, e dolorosas, tem havido em Portugal, visitado duas vezes, no decurso de dois annos, pelo terrivel flagello da colera-morbus. O que este bom povo portuguez não tem soffrido desde que á Providencia aprouve

chamar-me ao throno de meus maiores! D'um lado a epidemia, que representa a morte; do outro as inundações, que representam a pobreza! Comprehende o sr. Alvaro Vaz como deve ser pungente a situação do medico quando esgota todos os recursos scientificos á beira do leito de um doente amigo. Essa é a minha situação, essa tem sido ha dois annos; porque o flagello que prostrava o paiz era insensivel á minha ancia de affastal-o de sobre a nossa patria. Não valeram decerto as minhas supplicas, que carecem de valor aos olhos de Deus, mas foram ouvidas as da viuvez e da orphandade, porque subiam, orvalhadas de lagrimas, até onde tinham de ser comprehendidas e attendidas.

Porque associaria a alma d'el-rei á narração do incendio de Dusseldorf a recordação das catastrophes que experimentara Portugal? Seria que julgasse a sua piedade inferior á da princeza que Alvaro Vaz denominara o *anjo da caridade*? Seria que até das desgraças d'um e outro paiz quizesse tirar novas illações de que a sua desventura era contagiosa? Seria que o dominasse o receio de não ver realisado o seu mysterioso ideal de felicidade, por suspeitar que sobre o throno que occupava estavam iminentes novas calamidades?

Talvez nas palavras d'el-rei houvesse uma parcella de todas essas tristes phantasias, porque as almas que se não julgam felizes não fazem mais que andar abrindo todos os thesouros do soffrimento, real e imaginario, para contarem as lagrimas que hão de chorar, as angustias que hão de soffrer. . .



Elle, com.novido a lagrimas, apertou-a contra o peito, beijou a (pag. 117)

— Quem sabe o que ainda virá! exclamou el-rei como se estivesse monologando n'uma das suas horas de mais funda melancolia.

Acudiu Alvaro Vaz a serenar os receios do principe e a desviar para o assumpto da viagem a conversação subitamente encaminhada a tão dolorosas divagações.

Todavia, um mez depois, a terrivel eloquencia da realidade vinha desmentir as palavras de Alvaro Vaz, porque era elle proprio que, assaltado no remanço do seu gabinete pela epidemia da febre amarella, dava a el-rei uma prova de que os seus receios eram justos.

Alvaro Vaz fôra colhido pelo flagello emquanto, no silencio da noite, coordenava cuidadosamente os seus apontamentos. Luctou algumas horas com soffrimentos a que a principio não deu a importancia que em verdade tinham. Atirou-se para o catre, esvaído, se bem que não desalentado. Todavia, quando rompeu a manhã, sentiu-se carecido de soccorro, que pediu.

Se estivesse alli Clarinha, haveria sido ella uma enfermeira dedicada. O que não fizesse a medicina, promptamente invocada, fal-o-ia a oração, ciciada por entre lagrimas. O coração da mulher, quando o amor o exalça á heroicidade, fecha o leito do enfermo n'uma barreira de dedicação, n'um circulo de carinhos, que a morte, sem lucta, sem duello, sem se tornar feroz, não póde transpôr. Não é só um corpo que lhe disputa, é mais, é uma alma ligada á da mulher por estreitos vinculos, um ecco da sua voz, metade da sua vida. Lucta, combate, porfia, resiste até cair exaurida de forças ou fica

victoriosa como o soldado que defende e salva e desfalda em triumpho a bandeira de um povo inteiro.

Faltava, ao pé do catre de Alvaro Vaz, um coração de mulher. Por isso, horas depois, o conduziram em maca ao hospital de S. José.

Clarinha, a esse tempo, estava-lhe escrevendo d'Alcobaça e pedindo instantemente que fugisse da capital. O dessocego do coração que adivinha!

Se, porém, aos muitos portuguezes, que desde setembro de 1857 foram accommettidos pela epidemia da febre amarella, faltava a palida e meiga enfermeira que no lar teria velado por elles, e lhes seria broquel na lucta com a morte, a todos foi consolação e allivio o coração do rei, que nos hospitaes voluntariamente occupava o lugar que á cabeceira do leito conservava devoluto a ausencia da mãe, da irmã, ou da esposa de cada enfermo.

Alta noite, quando os moribundos punham o derradeiro olhar no crucifixo pendente da parede fronteira, e estendiam o braço tremulo para despedir a familia que não estava alli, alguém ia de mansinho dizer-lhes ao ouvido palavras d'uncção e piedade, alguém levava o balsemo da religião ao animo atormentado nas vascas da morte, e tamanho prodigio lhes parecia esse, o de ouvirem uma voz amiga na solidão dos hospitaes, que muitos d'elles morriam serenamente sorrindo para o crucifixo e sentindo na mão convulsa e fria o contacto carinhoso d'outra mão.

Era a do rei.

O coração que se abria para refrigerar as angustias do passamento e supprir os affectos d'uma familia inteira, era o d'um principe que a toda a hora descia furtivamente do throno e que, para não desamparar os doentes que lhe eram irmãos, expunha ao vendaval da morte as mimosas flôres d'uma primavera de vinte annos.

Instavam os zelosos familiares d'el-rei pela sua retirada da côrte, para que o principe, ao atravessar a atmosphera infeccionada dos hospitaes, não succumbisse ao flagello augmentando o numero das familias portuguezas cobertas de luto, e das tribulações d'um povo inteiro.

A dedicação do soberano vencia todas as barreiras, esquecia todas as instancias, porque o repousar é de quem não tem de combater, e o espectro da morte estava de longe provocando o coração do rei e apontando para os catres dos hospitaes d'onde saíam os maguados suspiros da ultima agonia.

Ha tres seculos, D. Sebastião, o guerreiro, fugia cobardemente deante da peste grande de 1569; D. Pedro V, o pacifico, sahia heroicamente, em 1855 e 1857, ao encontro dos contagios pestilenciaes que dizimavam a capital.

Ambos eram jovens e reis; mas que differença entre ambos!

Ha um seculo que, não longe, em Marselha, um sacerdote idoso e abordado ao seu báculo, porque era bispo, visitava noite e dia os hospitaes, derramando allivios, soccorrendo os moribundos, abeirando dos labios resequidos dos enfermos a poção refrigerante, como que

representando a Providencia nos horrores da epidemia de 1720 a 1721.

Marselha, mergulhada em luto e dó, fizera calar as suas officinas, fechar os seus estabelecimentos, porque na hora das grandes provações todo o ruido se affigura sacrilegio, todo o movimento irreverencia. Lisboa, cento e trinta e sete annos depois, victima d'egual flagello, via despovoadas as aguas do seu Tejo, fechadas lutuosamente as portas dos edificios publicos e particulares, porque era verdadeiramente nacional a dôr com que á Providencia aprouve experimental-a, e da sua lastimosa angustia se poderia dizer sem hyperbole o que Millevoye escrevera de Marselha:

La pompeuse cité n'offre plus au regard
 Qu'un peuple de mourants à l'oeil creux et hagard ;
 Leur langue desséchée aux accents se refuse ;
 Leur esprit incertain, qu'un vain prestige abuse,
 Ne voit plus qu'à travers un voile ténébreux ;
 Et, jusqu'à la douleur, tout est songe pour eux.

 Prêt à tonner, le bronze est tourné vers le port,
 Et la Mort se présente à qui veut fuir la Mort.
 La Consternation, immobile et glacée,
 Reste, sans souvenir, sans plainte, sans pensée :
 Le port désert, plongé dans un calme effrayant,
 N'entend plus ni les cris, ni le marteau bruyant.

E o que lá dizia o bispo Belzunce ás instancias dos que porfiavam em arrancar-o da voragem da morte, a que evangelicamente se expunha para soccorrer os affligidos, respondia cá, não um prelado, mas um principe; não um ancião, mas um moço :

Il accourt, on s'écrie : «Où portez-vous vos pas ?
Fuyez, fuyez la mort !—Non, je ne fuirai pas.
Qu'une indigne frayeur lâchement me retienne !
Non : ce peuple est mon peuple, et sa vie est la mienne.

Como o bispo de Marselha, o rei de Portugal queria defender o povo que era seu, e a vida do povo que era sua. As cans do ancião remoçaram n'essa indefesa lide evangelica; os cabellos castanhos do moço envelheceram com a aproximação dos gelos da morte: batalharam o mesmo. Para um e outro começou a hora do premio quando dos corações do povo saíram as primeiras bençãos e as primeiras vozes do hosanna.

Le peuple, libre enfin du fléau destructeur,
Embrasse les genoux de son libérateur,
Le porte vers le temple, et, par un juste hommage,
Bénit le Tout-Puissant dans sa vivante image.

Para ambos começou a deificação da historia, não só representada no marmore, que o raio póde fender, mas escripta em caracteres indeleveis na tradição d'um paiz, onde, de paes a filhos, se rememora a abnegação, em França, de um prelado, em Portugal, de um rei.

Era meio dia quando o senhor D. Pedro V se preparava para saír pela segunda vez do Paço em visita aos hospitaes. Instado pelos medicos da real camara, abeirou-se de sua magestade—pela centesima vez o fazia—o seu leal conselheiro e dedicado amigo Manoel Moreira Coelho. Eram novas solicitações para que sua magestade se

retirasse da capital. El-rei, tambem pela centesima vez, respondeu :

— Onde ficará este povo se eu me retirar de Lisboa?

E, afastando com benevolencia o conselheiro Moreira, foi caminhando ao longo dos aposentos, preocupado, pensativo, e murmurando :

— Hoje . . .

— Hoje! diz vossa magestade?

— Hoje segreda-me o coração que serei mais preciso do que nunca.

Pouco depois rodava na rua a carruagem real que conduzia aos hospitaes o enfermeiro dos pobres.

A população da capital, vagueando na confusão do terror, empedrava de respeito quando, olhando para dentro do coche, via o rei sereno e concentrado umas vezes, outras risonho para os que o cumprimentavam ao passar, porque hem sabia elle que mais vale o exemplo quanto mais de cima vem, e porque n'essa hora de perigo todos os confortos eram poucos e necessarios.

Se era o rei que ia alli, se o conheciam porque em dias de gala o haviam visto no throno, a grandeza do nascimento parecia inferior á grandeza da missão que o principe se impozera. Com o seu modesto bonnet, de casaco militar abotoado, procurava mesclar-se com o bando lacrimoso dos seus vassallos, porque a dôr de todos era a sua.

N'esse dia, como o coração prophetisara, triste surpresa aguardava el-rei no hospital de S. José.

Brilhou, na penumbra da enfermaria, um raio de paz celestial quando el-rei entrou.

Se não entrava com elle a vida, a saude, a felicidade, acompanhava-o a doçura que torna suaves os lances tormentosos, o olhar compassivo que se cõa á alma, o braço que, se não solda as gramalheiras que prendem a materia á morte, ao menos suspende o peso dos grilhões para que não seja tão violento o estalar dos élos.

Interrompeu-se o concerto dolorido dos ais e dos gemidos. Apenas, ao longo da enfermaria, se ouvia soar os passos cautelosos do rei.

O olhar dos moribundos descia, embaciado, dos crucifixos, onde pouco e pouco se ia apagando, para envolver n'uma caricia de gratidão o vulto melancolico do soberano.

Cada leito era uma paragem n'aquella piedosa peregrinação do principe. Havia, em cada numero que representava um nome, a pungente attracção das lousas d'um cemiterio, e, como nos cemiterios acontece, ainda pulsavam restos de existencia sob o frio aspecto da morte. Portanto o rei ia lentamente afastando as sombras da eternidade, que se condensavam em torno dos catres, para dar á vida latente o que a piedade póde dar, como no campo da egualdade vae a gente, por entre as silenciosas avenidas, distribuindo orações a cada sepultura.

Alvaro Vaz, que não era dos moribundos, distinctamente conheceu o monarcha.

— É o rei! pensou elle.

E, subitamente, como se o rei significasse para elle

a realização de todas as felicidades sonhadas, se sentiu de novo acorrentado á vida, cujos élos pareciam deslçar-se, minuto a minuto, quando as agonias redobravam, e as esperanças começavam a perturbar-se no cerebro esvaído.

— Senhor! exclamou elle ao sentir avisinhar-se o rei.

— Oh! pronunciara o principe aturdido pela surpresa.

E, como que reatando o fio dos seus pensamentos interrompido desde que saíra do Paço, segredou-se:

— Bem me dizia o coração! este pobre coração que adivinha!

Quiz Alvaro Vaz, com grande difficuldade, recostar-se no catre. El-rei, não podendo dissuadil-o, amoravelmente o apoiou contra o peito. O esforço que o doente fizera suffocara-o a extremos de não conseguir pronunciar um monosyllabo.

Do entusiasta viajante que dias antes estivera no Paço das Necessidades communicando a el-rei as suas impressões de viagem, fizera a doença uma formosa cabeça inanimada, um olhar nublado, umas faces pallidas e cavadas, uns labios crestados pela febre.

— Morro! exclamara maguadamente o doente.

El-rei serenamente respondeu, tacteando-lhe o pulso:

— Fie muito da mocidade e tudo de Deus.



XI

O supplicio de Tantaló

Profundamente se impressionou el-rei com a triste surpresa que n'esse dia o esperava no hospital de S. José. Foi-lhe sobremodo doloroso encontrar em lucta com a morte o sonhador espirito de Alvaro Vaz, impellido á sepultura, sem querer desprender-se dos laços da vida.

Alli estava, prestes a arrefecer, aquella febril cabeça de poeta, encostada ao catre onde, como em rochedo erguido no meio das aguas, em breve iria despedaçar-se o batel que dias antes vogava, ao luar da phantasia, na onda caprichosa da mocidade. El-rei pertencia ao numero dos melancolicos pensadores que estudam n'uma lagrima o vasto poema do soffrimento; n'uma baga do suor glacial da agonia o mysterio da morte e a grandeza de Deus; no raio do sol poente os esplendores das auroras eternas que sobredoiram o sepulchro. As almas que vivem na du-

pla felicidade da alegria e da esperança vão ao longo dos caminhos com os olhos postos nas suas visões encantadas, e não fazem reparo nas petalas com que a mão mysteriosa do destino lhes atapetou a estrada plana e recta. Os tristes, os saudosos da vaga saudade de mundos que não conhecem, vão subindo meditativos a escabrosa senda do Calvario, contando as gotas de sangue derramado na via dolorosa pelos curvados caminheiros que os precederam, e lendo n'ellas, como se fossem caracteres decifráveis, as paginas escriptas pelos que soffreram e choraram. A felicidade não faz reparo nos vestigios da felicidade alheia, porque é essencialmente egoista, e se algumas vezes conta as petalas que encontrou dispersas, é no interesse de pedir ao seu anjo bom o mesmo numero de flores que os outros desfolharam. A abnegação é característica dos infelizes, dos tristes, dos reflexivos, que vão procurando o rasto da dôr alheia para se dizerem que os outros ainda soffreram mais, e que por isso os outros eram os verdadeiros desgraçados.

D. Pedro V deletreava no monosyllabo do moribundo toda a sua biographia desconhecida. Estudava no olhar indifferente dos que viam sem medo aproximar-se a morte, a profundeza das miserias sociaes, o drama dos martyrios obscuros e ignorados. Alvaro Vaz exclamara, quando o rei lhe tacteou o pulso, uma simples palavra — Morro! — mas que immensa differença entre esta simples palavra e a ultima phrase de tantos outros enfermos! Era o desanimo do luctador que se sentia enfraquecer, a voz da alma comprimida dentro da materia en-

ferma, o queixume da ave que, ao bater as azas, fôra alcançada pela certa pontaria do caçador. Não era uma expansão de allivio, nem um grito de desespero, mas uma como interjeição de surpresa rompendo dos labios de um poeta, admirado de ter encontrado um poder mais forte que o da sua imaginação: a Morte.

El-rei recolheu ao Paço mais concentrado do que nunca.

Acudiu o conselheiro Moreira a perguntar-lhe com piedosa solitudine:

— Muitos casos hoje, meu senhor?

El-rei respondeu n'uma funda concentração:

— Bem sabe, meu amigo, que a epidemia vae alastando...

Assim era verdade. O contagio augmentou de intensidade até ao dia 20 d'outubro, em que attingiu o seu maximum, elevando-se o numero dos casos á cifra de 298¹!

— Deus se compadeça de nós — volveu Moreira Coelho — e poupe a preciosa vida de vossa magestade e da real familia.

El-rei, subitamente desperto de suas meditações, respondeu:

— Ah! meu amigo, não ha vida que não seja precio-

¹ Quem desejar conhecer a historia das epidemias no reinado do senhor D. Pedro V leia o relatorio sobre a colera morbus publicado pela junta de saude publica, 1.^a e 2.^a parte; e sobre a febre amarella um curioso opusculo, em francez, publicado em Constantinopla, 1866, pelo dr. Bernardino Antonio Gomes.

sa. É contar o numero dos orphãos. A orphandade é que faz conhecer a riqueza do trabalho.

Moreira Coelho deteve-se silencioso deante da tristeza do rei e, a breve trecho, receioso de ser importuno, saiu, murmurando:

— Que anjo! que anjo!

Continuou el-rei a visitar assiduamente Alvaro Vaz que, ao contrario das supposições de sua magestade, apresentou sensiveis melhoras ao terceiro dia. Quando elle, postoque muito abatido, tentava fallar, o senhor D. Pedro V fazia menção de tapar-lhe a bocca. Alvaro Vaz limitava-se a beijar os dedos d'el-rei, que sempre lhe dizia com amavel sorriso:

— Está abolido o beijamão. . .

Ao sexto dia o clinico da enfermaria disse a el-rei que o doente estava salvo. Sua magestade, cuja physionomia se illuminou subitamente, abeirou-se do catre e murmurou:

— Tenho razões para lhe dizer que, com o auxilio de Deus, ainda ha de concluir o seu relatorio.

Nos olhos de Alvaro Vaz passou o brilho do relampago. Quiz fallar. D'esta vez el-rei prohibiu-lh'ó com um gesto imperativo, e segredou:

— Guarde as suas palavras para quando estivermos juntos nas Necessidades.

E seguiu a confortar outros doentes menos venturosos que Alvaro Vaz, e a approximar da bocca de alguns a chávena de caldo ou de remedio.

Descia el-rei ao atrio, com um unico ajudante de

campo, a tempo que duas pessoas o estavam esperando impacientemente. Era uma mulher, cuja figura revelava mocidade, e cujos olhos brilhavam inquietamente através d'um véo negro pendente. Vestia de preto com graciosa singeleza que se denunciava ignorante das caprichosas prescripções dos figurinos e das modistas. Acompanhava-a um velho, de cabeça branca, physionomia bondosa e sensivelmente perturbada. Reconheciam-se á primeira vista : eram provincianos.

A dama do véo correu a ajoelhar-se aos pés do ajudante de campo, que a levantou delicadamente, indicando-lhe el-rei.

Ella, fixando os olhos vivissimos em sua magestade, ajoelhou de novo, não obstante haver-se curvado el-rei para erguel-a. O velho que a acompanhava dir-se-ia esquecido de ajoelhar, porque, absorto em contemplar o monarcha, curvára apenas um joelho.

Era commovente aquelle grupo.

A desconhecida quiz falar e não pôde. Segurando com ambas as mãos a mão direita do rei, cobria-a de beijos e soluçava, estremecendo. Pelas faces rugosas do velho caíam duas grossas lagrimas serenamente, lentamente, como se elle já não tivesse mais para chorar.

O senhor D. Pedro V, perplexo, não cobrara coragem para retirar a mão.

Houve um momento de doloroso silencio, apenas interrompido pelo soluçar da desconhecida e pela anciada respiração de todos.

— Senhor ! pôde ella dizer finalmente, eu sou prima

de Alvaro Vaz, e vim com meu tio para vel-o, mal que soubemos a desgraça que lhe acontecera. Perguntámos se estava vivo. Disseram-nos que sim. . .

— E salvo! exclamara desopprimido el-rei.

— Bemdito Deus! e salvo! repetira Clarinha deixando-se erguer pelo rei. Pedimos para fallar-lhe. Disseram-nos que era prohibido. Pedimos para vel-o. Tambem é prohibido. Soubemos que vossa magestade estava no hospital. Esperamos cheios d'esperança. Vossa magestade póde tudo, vossa magestade é quem manda e é um anjo: ha de me permittir que ao menos o veja, porque ha já dois annos que o não vemos. . .

— Mas sabem, replicou amoravelmente o rei, que se vão expôr talvez á morte? que na atmospherá dos hospitaes se respira a epidemia?

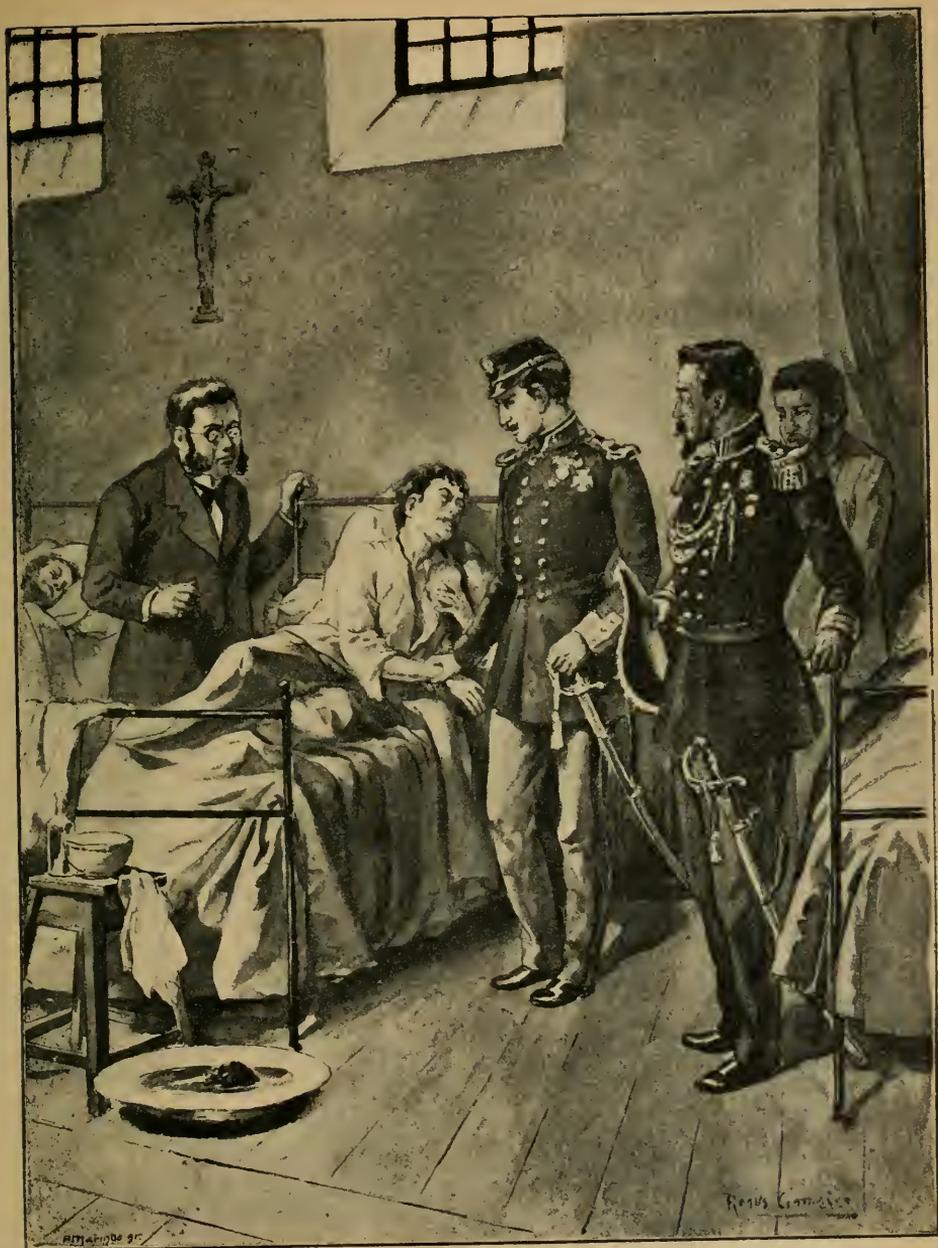
— Oh! não tem duvida. . . não receiamos. Tambem vossa magestade visita todos os dias os hospitaes expondo-se á morte pelo seu povo, e o primo Alvaro é a nossa familia, a nossa canceira. . .

El-rei começava a comprehender a alma de Clarinha. Espirito costumado á analyse e á concentração, bastara-lhe a angustia d'aquella supplica para medir o alcance d'aquella dôr.

— Pois vel-o-hão, mas de longe, pois que é preciso que elle nem se alvoroce nem fale. Uma surpresa poderia matal-o.

Clarinha ia a ajoelhar de novo. El-rei deteve-a e continuou placidamente:

— Eu volto ás nove horas da noite. Queiram voltar



— Fie muito da mocidade e tudo de Deus (pag. 154)

tambem a essa hora para que possam vel-o sem ser vistos.

Então o braço de Hercules seria impotente para segurar Clarinha. Ajoelhou e deixou a mão d'el-rei orvalhada de lagrimas por não poder orvalhal-a de beijos.

João Vaz, aprumando-se e segurando o chapéo com o braço estendido ao longo do corpo, disse solemne-mente:

— Senhor! eu peguei em armas pelo avô de vossa magestade, mas por vossa magestade pegaria no mundo inteiro ainda que não pudesse com elle.

Era a rude e sentida expansão d'aquella boa alma.

El-rei, levando a mão á aba do bonnet, disse ainda:

— A's nove horas da noite.

E, atravessando o atrio, subiu á carruagem que o esperava.

As lagrimas de Clarinha desvelaram a el-rei o triste romance dos seus amores não correspondidos. Pelo soluçar d'um e pelo phantasiar do outro, completou a biographia de ambos. Clarinha era a flôr d'entre serras que vive arraigada ao seu amor; o primo era a borboleta que vive suspensa nas azas. A flôr via a borboleta e não podia altear-se; a borboleta via a flôr e não queria descer. O conhecimento d'este natural antagonismo entre as duas almas, magoou o coração do rei. Que dedicada, que meiga, que pura lhe parecera a prima de Alvaro Vaz! Mas como premiar a sua dedicação? Como fazer conter o espirito fluctuante do sonhador dentro do ninho d'Alcobaça, onde gemia a rola solitaria? Parecia-lhe esse um prodigio impossivel de realisar. Quando as almas se amam,

mesmo de longe se procuram. Quando não se amam, nem ao perto se conciliam.

Dois mezes antes, a 8 de julho, o coração de el-rei voara a Dusseldorf a chamar para Portugal a fada do castello de Sigmaringen. N'esse dia soubera a princeza descendente do conde Frederico de Zollern que havia sido escolhida para rainha de Portugal. Era que o descendente do conde de Borgonha, sentindo-se alquebrado de soffrer as dores de um povo inteiro, muitas vezes renovadas, precisava do carinhoso esteio de uma alma que o comprehendesse.

Infelizmente estava escripto no livro mysterioso do futuro que a rainha de Portugal *fosse um coração para a terra e um espirito para o céo*¹.

O coração da rainha, emquanto pulsou, deu ás desgraças alheias todos os balsamos da piedade que possuia, mas o espirito, que era do ceu, ao ceu voou.

A doença opéra ás vezes milagres. Por tanto tempo baloiça o corpo humano sobre a sepultura, sem se saber as mais das vezes se o despenhará ou não, que o levantar do leito do soffrimento é quasi uma resurreição. Não raro desperta a convalescença novas idéas e novos sentimentos. Dir-se-hia que se renova a materia e o espirito. El-rei lembrou-se d'esse frequente phenomeno, e confiou d'elle o que a iniciativa da mais vigorosa vontade e as lagrimas de Clarinha não poderiam conseguir. Recolheu-

¹ Assim foi que por occasião do passamento da rainha D. Estephania a definiu el-rei em carta escripta ao duque da Terceira.

se ao seu gabinete a rebuscar na dolorida imaginação o melhor meio de nortear para o coração de Clarinha as novas forças do renascimento de Alvaro Vaz.

Ordenou, pois, que em torno do catre do convalescente fosse, no hospital de S. José, collocado um biombo, sob pretexto de que seria conveniente occultar-lhe o triste espectáculo da enfermaria.

Immediatamente se cumpriu a ordem de el-rei.

Davam nove horas da noite quando rodava a carruagem real na rua da Palma. O senhor D. Pedro V era de uma pontualidade verdadeiramente ingleza.

Sua magestade apeiava no atrio do hospital a tempo que Clarinha, tremula de commoção, dizia ao tio:

— Ah! vem el-rei!

O monarcha ia só, como se por excesso de delicadeza quizesse recatar o mais possivel aquella scena intima e provavelmente angustiosa.

A dôr é uma religião e, para que não deixe de o ser, é preciso respeitar os mysterios do seu culto.

Clarinha tinha, como pela manhã, o seu véo preto; João Vaz, quando el-rei entrou, curvou-se em attitude respeitosa.

Sua magestade acercou-se do silencioso grupo e disse:

— Vão ver o seu doente. Promettam-me, porém, que se hão de resignar a vel-o d'onde eu indicar.

Clarinha respondeu tentando beijar de novo a mão de el-rei. João Vaz inclinou tão humildemente a cabeça como se estivesse orando n'um templo.

El-rei havia determinado que o não annunciassem.

Chegados á entrada da enfermaria, disse ao ouvido de Clarinha :

— Ha de vel-o pelo pequeno espaço que medeia entre a parede e o biombo. Eu vou visitar os meus doentes ; não percam tempo de ver o seu.

Um empregado do hospital acompanhou a familia de Alvaro Vaz. Tio e sobrinha atravessaram a enfermaria, andando muito ao de leve, e horrorisados do lugubre aspecto da sala.

Assim como de uma harpa tangida violentamente revoam sons confusos, remurmuravam no coração de Clarinha sentimentos indefiniveis e indistinctos.

Na alma humana, como nas cordas de um instrumento, tudo o que não é harmonia, é tumulto. Combinae os sons e tereis musica ; roçae a mão pelas cordas, e obtereis o surdo rumor de uma concha. A felicidade é o *virtuose* que vibra hymnos melodiosos ; a dôr é um rude serrano, que destempera as cordas afinadas. Entre estes dois sentimentos não ha meio termo. A apathia moral é a negação do movimento vibratorio dos corações.

A alma de Clarinha igualava n'essa hora uma harpa tangida rudemente . . . pela commoção.

El-rei, occulto n'um angulo sombrio da sala, queria ver, sem perturbar com a sua presença, a escassa felicidade do tio e da sobrinha.

Clarinha, firmando o braço esquerdo na parede e segurando com a mão direita o coração, quedou-se a contemplar o primo, suspensa a respiração. João Vaz, al-

teizando-se um pouco, olhava para o catre por cima da cabeça immovel de Clarinha.

Alvaro Vaz, demudado o semblante, cravava os grandes olhos encovados nas ramagens do biombo atravessadas por o tenue raio de luz de uma lampada intencionalmente collocada perto. Estava pensando com a tranquillidade de quem se habituou a uma attitude durante o curso de muitas horas. E' este um facto muitas vezes observado em nós mesmos. Pela manhã, depois do longo repouso da noite, o espirito, tão descansado como o corpo, divaga serenamente quasi sem ferir-se nos espinhos dos mais tristes pensamentos. A convalescença é a manhã dos doentes.

Clarinha, receiosa de que o coração falasse por ella, cada vez o comprimia mais. Depois de dois annos de ausencia, estava ao pé de seu primo, e não podia falar-lhe! Era vêr uma nesga do céo, que é muito grande, pela janella de um carcere, que é muito pequeno.

Razão teve Thomaz Ribeiro quando disse: «Ha Tantalos d'amor».

Que profunda differença entre o moço que partira d'Alcobaça e o doente d'aquella hora! Clarinha, que primeiro lera e logo decorara os versos do primo, prohibida agora de falar, como que machinalmente recitou, para dentro de si mesma, o fecho da trova:

Mas se eu cahir como a folha
Na onda do vento inquieta,
— Que o vento tudo desfolha,
Olaya, rosa ou violeta —

Tal como a folha é guardada
 Dentro d'um livro querido,
 Guardae o coração ferido...
 Se o não quereis dar ao nada.

A onda inquieta do vento havia rolado a *folha* até á enfermaria; Clarinha estava ali para guardal-a, mas... era cedo ainda.

Guardae o coração ferido...
 Se o não quereis dar ao nada.

Como a ambição é egoista! Ferido estava o coração de Clarinha sem que o poeta, sabendo-o, o amparasse. E como o soffrimento é piedoso! Ella, que soffria, ia disputar ao nada o coração do poeta...

El-rei adivinhara tudo quanto se passava na alma de Clarinha, e sentira-se commovido de respeito por aquella desesperançada dedicação, que fizera sahir do ninho d'Alcobaça a pomba solitaria e o seu fiel guardador.

Como se resolveram ambos a vir a Lisboa? Foi sentimento ou aviso?

Um pouco de uma e outra coisa. No amor não se prescinde das pequenas quantidades. Não sei quem disse que o amor é um estofo bordado pela imaginação. Será, mas bordado a missangas. Um grão de esperança, outro de lealdade, outro de fé, outro de coragem, e ainda outro de soffrimento fazem o amor. Estas são as missangas indispensaveis; mas quantas outras não vae juntando o tempo?

O coração de Clarinha sentia esvoaçar dentro em si uns pensamentos tristes: eram as gaivotas precursoras de temporal.

Dias antes viera alguém d'Alcobaça a Lisboa. Clarinha—ou antes, a supposta amiga de Clarinha, tão ella, que escreviam ambas pela mesma mão—aproveitara o offerecimento do obsequioso portador: escrevera. O mensageiro, chegado a Lisboa, escreveu a participar para Alcobaça que Alvaro Vaz havia adoecido. Não dizia de quê, nem onde estava, para não vibrar tão fundo golpe ao coração da sobrinha e do tio.

Lida a triste nova, logo Clarinha entrou a dizer que deviam vir a Lisboa, porque o primo tinha sido atacado pela febre amarella, e João Vaz a aconselhar que primeiro tratassem de saber pormenores pelo mesmo informador. Receiava elle trazer a sobrinha ao foco da epidemia.

Mas enquanto ia a carta, e vinha a resposta, consumia-se tempo que se podia aproveitar na jornada.

Era esta a opinião de Clarinha.

—Ó filha, objectava João Vaz, mas se teu primo está realmente com a febre amarella, o que eu não creio, o que lhe faremos nós? Só Deus lhe poderá valer. E ahí vaes tu metter-te no perigo, e hei de ser eu o teu algoz, que te leve a Lisboa quando todos de lá vem fugidos!

Clarinha replicava:

—Morre-se onde se tem de morrer. Quer seja febre amarella ou não, sempre o primo está doente, e sempre precisa de nós.

—Sim... lá isso...

—Olhe o tio como o senhor D. Pedro V, segundo dizem, vae aos hospitaes, e como Deus o tem protegido. Deus nos protegerá tambem.

— Lá isso . . .

— Então vamos quanto antes, meu tio . . .

— Se não tens medo, vamos quando quizeres.

— A'manhã pela manhã.

— Se não tens medo . . .

Medo, não tinha Clarinha. Vieram. O mais já sabemos. Não tinha medo da epidemia, é certo, mas teve horror do hospital. Ao sair da enfermaria, disse, aproximando-se do tio:

— Que triste sorte a do primo! Ficar aqui entre estas camas e estes doentes, a ouvir gemer uns e a ver morrer outros! Agora é que eu vejo bem como isto é feio! Quem me dera poder tiral-o d'aqui para fóra!

Subitamente, lembrando-se do rei—e desculpa-se-lhe que primeiro, e sempre, se lembrasse do primo—perguntou ao empregado que os acompanhava:

— Sua magestade?

O empregado respondeu:

— Sua magestade já saíu, e ordenou-me dissesse a este senhor que fosse amanhã, pelas onze horas, ao Paço das Necessidades.

— Ao Paço! Eu?! observou incredulo João Vaz.

— Sim, senhor, ao Paço das Necessidades, repetiu o empregado.

— Eu sei lá falar com el-rei!

— El-rei é o mesmo para toda a gente, póde ir sem receio, acrescentou ainda o empregado.

— Pois então, meu tio! exclamou Clarinha, que ficara

um pouco abstracta a pensar qual seria o fim d'aquella ordem de el-rei.

Pensou — e não pôde explicar-se o enygma. Verdade é que tambem o seu pensamento não estava muito livre: o primo absorvia-o.

Já desciam as escadas, e ainda João Vaz monologava:

— Ao Paço! Eu?!



XII

João Vaz no Sinai

João Vaz não pôde adormecer em toda a noite. Ora tinha extasis de felicidade, ao lembrar-se de que no outro dia se lhe iam abrir as portas do Paço, ora succumbia desalentado reconhecendo-se indigno da honra que o esperava e inhabil para tirar-se dos embaraços da audiência com o monarcha. Monologou, remexeu-se, agitou-se até que viu entreluzir a manhã pela janella da hospedaria. Saltou do leito como mordido de vibora, lavou-se, penteou-se, aceiou-se cuidadosamente, se bem que vacillante ainda na tenção de ir ao Paço. D'ahi a pouco sentiu rumor no quarto immediato, de que apenas estava separado por um tabique: era o quarto de Clarinha.

A irresolução obriga os mais corajosos a pedirem auxilio e conselho. João Vaz, sentindo andar cautelosamente a sobrinha, bateu de leve no tabique.

— Ó tio! respondeu a menina abrindo a porta.

— Ó Clarinha! exclamou simultaneamente o camponez.

— O tio madrugou!

— E tu tambem!

— Eu não dormi. . .

— E eu não preguei olho. . . Sabes que mais? — Não nasci para estas cousas tão altas. A mim quem me tira dos campos, e de ao pé de ti, dá commigo doido! Que hei de eu fazer, que hei de eu dizer no Paço? . . .

— O tio responde ao que el-rei perguntar. . . Não tem mais nada que fazer. Não vê que el-rei é tão bondoso! Vá sem receio, tio, que el-rei de certo lhe quer falar para nosso bem. . .

— Achas que será? . . . Eu não posso atinar com o que el-rei me quer. . .

— Nem eu. . .

— Não pensaste no que seria?

— Eu pensei, tio, pensei toda a noite, ora no primo, coitado! ora no rei. Mas tanto pensei e tornei a pensar, e tão fraca tinha a cabeça, que nem sei dizer tudo o que me lembrou. . .

— Pois o mesmo me aconteceu a mim. Fiz de moinho de vento: toda a noite trabalhei! Que elle, a dizer a verdade, Clarinha, é uma honra ir um homem rustico como eu sou ao Paço do rei! O pateta do João do Couto nem por sonhos lhe passa isto pela cabeça! E verás que não acredita quando lh'o dissermos em Alcobaça. . .

— Não acredita, não!

— Pois deve acreditar, que nós não somos pessoas capazes de armar mentiras... O' Clarinha, elle não ha rei como este! Tu viste-o bem?

— Vi, meu tio.

— Digo-te mais, Clarinha, eu dava a vida por aquelle senhor! Que maneiras e que delicadeza! Olha que o Alvaro tem razão em querer estar ao pé d'el-rei! Eu, se pudesse, não me tirava da beira d'elle... Mas em que estás tu pensando, minha arvêloa estremunhada! Senti passsos no quarto como se andasse lá um passarinho a saltar d'um lado para outro. Logo disse com os meus botões: é a arvêola de Clarinha! E eras! Coitadinha! que não dormiste nada... Mas em que pensas, em que pensas tu?...

— Estou a lembrar-me se o primo passaria bem a noite...

— Havia de passar. Então não nos disseram que estava livre de perigo? Mas olha que eu, apesar cá dos meus sobressaltos, não me esqueci do rapaz... Elle tem bom coração... aquella cabeça! Lá o gostar do rei não é crime... não te amar a ti é que é, e muito grande! Eu vou saber como elle passou a noite... Isto por ora ainda é muito cedo, mas no hospital já ha de estar alguém a pé...

— E eu... também vou, meu tio.

— Pois anda, anda, minha arvêloa, e de caminho vaes vendo por ahi fóra essa Lisboa que tanto namora teu primo.

— Eu francamente, tio, não gosto. Bem vejo que é muito bonita... mas Alcobaça...

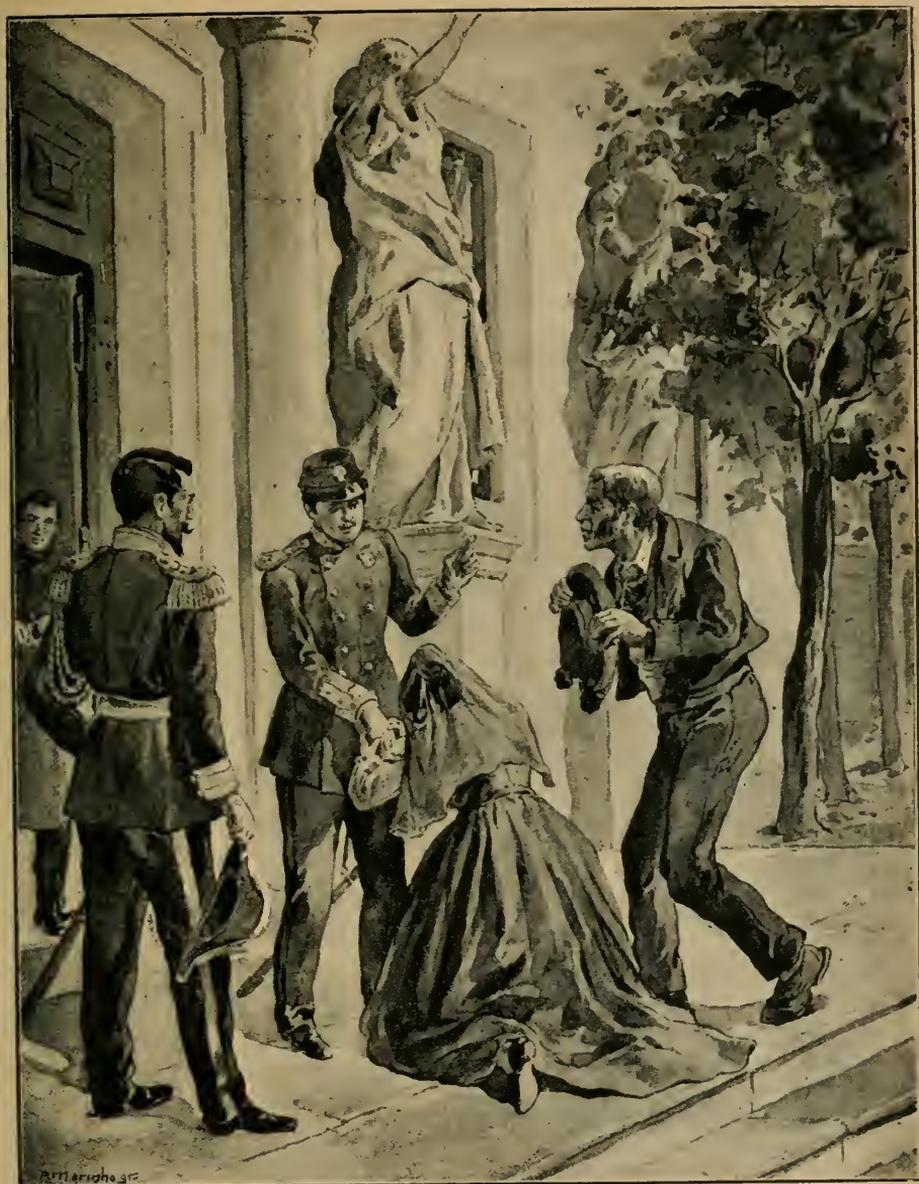
— Alcobaça é o ninho, filha, e a gente é como os passaros. Ora vamos lá, e depois viremos almoçar. Que eu digo-te a verdade. . . estou com vergonha de ir ao Paço.

— O que o tio quizer! respondeu Clarinha descendo o seu véo preto.

Sahiram. Lisboa, cujo aspecto matutino é habitualmente solitario, offerecia áquella hora, sob o peso de uma epidemia alastrante, um espectáculo desolador. Os saloios que vinham fornecer a Praça da Figueira, receiosos do contagio, eram em menor numero do que nas epochas normaes. Os padeiros, em mangas de camisa, grandes cabazes sobre o hombro, não obstante serem os representantes sadios das raças fortes do norte, atravessavam a cidade com o ar concentrado de quem fosse pensando na probabilidade de encontrar a morte no caminho. Passavam enterros, que ou se faziam de noite ou de manhã cedo para não alarmar a população. Estavam fechadas ainda as portas dos predios, alguns completamente abandonados por effeito da morte ou do medo; abertas, a essa hora, apenas as portas dos templos, dos hospitaes e dos cemiterios.

Clarinha estremecia, convulsa de terror, como se fosse obrigada a vaguear atravez d'uma necrópole immensa.

A vastidão da cidade era-lhe repulsiva em qualquer occasião. O bulicio dos grandes arruamentos estontea quem está habituado a viver no campo. A altura dos predios dava-lhe a impressão de que iriam desabar sobre ella; e os pregões dos vendedores ambulantes ensurdeciam-n'a. Mas accrescia agora o espectáculo sinistro da.



Era commovente aquelle grupo (pag. 159)

morte alastrando por todos os bairros, o encontro de muitos enterros, o aspecto acabrunhado dos vivos, todo o ar abandonado de uma cidade doentia e dizimada.

Foi sob esta impressão de terror que a pobre Clarinha, encostando-se ao tio como creança medrosa, chegou ao hospital, cujas portas encontraram abertas de par em par.

O empregado, que por ordem d'el-rei os havia recebido na vespera, disse-lhes que Alvaro Vaz tinha passado tranquillamente a noite, e que a demora no hospital seria breve.

Clarinha, olvidando subitamente os tristes pensamentos com que entrara, recebeu endoidecer de alegria. Na cara de João Vaz, esquecido por instantes de que tinha de ir ao Paço, irradiou o sol da felicidade. A sua felicidade era a da sobrinha.

Andaram ainda algum tempo namorando de fóra o hospital.

— Parece-me que é acolá n'aquella janella a enfermaria em que está o primo!

— Nós subimos por aquelle lado.

— Que pena estar a janella tão alta!

— Querias ver lá para dentro?

— Queria, mas não pôde ser! disse com resignada tristeza Clarinha.

Afastaram se vagarosamente, examinando, emquanto lhes foi possível, o edificio do hospital, principalmente Clarinha. Ficava-lhe o coração dentro d'aquellas paredes. No regresso, o aspecto da cidade pareceu-lhe menos

repellente; já lhe não punha tanto medo. A phantasia voava-lhe mais alta do que os predios, e a sua felicidade suavizava a desolação das ruas. Caminho da hospedaria, ouviram uma voz exclaimar de repente :

— Ahí vem o rei!

— O rei! exclamou João Vaz, voltando-se immediatamente na direcção indicada.

— Vae aos hospitaes! disse um homem do povo que, tirando o chapéu, expunha aos raios do sol da manhã a sua bella cabeça coroadada de cans.

— Este rei não tem descanço! continuou em voz alta o popular. Deus, que costuma chamar os bons, lhe prolongue a vida.

A carruagem real rodou a distancia.

Clarinha e João Vaz ficaram admirados. Não eram ainda sete horas da manhã, e já o rei principiava a sua incansavel peregrinação aos hospitaes. João Vaz, pelo que sempre tinha ouvido dizer da vida da côrte, imaginava que a essa hora seria noite velha no Paço. Enganava-se. Certo era que el-rei fazia maiores madrugadas quando, como então, tristes cuidados o espartavam. Todavia a sua hora habitual de levantar-se era ás oito. Lia, estudava, escrevia, annotava no quieto silencio do gabinete. Depois ou conversava com os seus intimos ou lia os jornaes politicos e litterarios, que de toda a parte recebia e que, na qualidade de assignante, pagava.

Pouquissimo tempo gastava el-rei á mesa do almoço. Levantava-se para dar audiencia e curar dos negocios publicos, e, como fosse preciso alternar tamanhas e tão

variadas canceiras com algumas horas de são recreio, saía a passeiar a cavallo. Depois de jantar apraziam a el-rei as noites passadas em serões intimos nos seus aposentos particulares, muito em familia, com pessoas de casa.

Mas, durante as epidemias, el-rei fazia o sacrificio de ir ao theatro, para dar com o seu exemplo alento á população, procurando assim affastar do espirito publico o terror da morte.

João Vaz, melhor informado, não teria de que admirar-se.

Almoçaram tio e sobrinha. Ella jubilosa da convalescença do primo. Elle cada vez mais desorientado, á medida que se aproximava a hora de ir ao Paço. Antes de saír, persignou-se trez vezes. Encommendou-se ao anjo da guarda e, ao despedir-se da sobrinha, disse ainda.

—Ora Deus vá commigo!

El-rei já o esperava. Dir-se-ia que, comprehendendo a perplexidade do camponez, porque o senhor D. Pedro V procurava sempre nivelar-se com os seus interlocutores, havia estudado a maneira de recebel-o sem perturbal-o.

João Vaz, como tinha acontecido ao sobrinho, estivera a principio aturdido, mas a pouco e pouco se foi aquietando e respondendo com pausado acerto ás interrogações do soberano.

Versou a conversação sobre Alvaro.

El-rei attentamente ouviu a biographia do moço con-

tada em phrase rude pelo camponez, que de palavra a palavra encarecia as virtudes da sobrinha.

—É uma pomba! dizia João Vaz. Pena tenho eu de que o rapaz estime mais os livros do que a prima. Acredite vossa magestade: bacoreja-me o coração que ainda quem viver o ha de ver mudado. Eu não sei se Deus m'ó consentirá, e pena tenho se o não vir com estes olhos que a terra ha de comer, porque então era certo vêr a felicidade de Clarinha.

—Não basta a felicidade para ser feliz, observou el-rei. Para verdadeiramente o ser, é preciso comprehendel-a. Dêmos tempo ao tempo. Seu sobrinho, sr. João Vaz, é um nobre coração. . .

O camponez meneou affirmativamente a cabeça.

—E o coração, proseguiu o rei, como verdadeira machina que é, algumas vezes se desconcerta. Quando porém a virtude o encaminha, não ha que receiar. A mocidade, que é uma febre, tem da febre a duração. Dissipadas as chimeras, acha-se o coração restituído ao que é: á virtude, se tem vivido puro; ao vicio, se se perverteu. Deixemos cair, folha a folha, as flôres da illusão. Nós somos como as arvores, sr. João Vaz— as suas conhecidas e amigas arvores— cae a flôr e vem o fructo.

João Vaz, que perfeitamente comprehendeu a comparação de el-rei, intencionalmente procurada, tornou a menear affirmativamente a cabeça.

—É o sr. João Vaz entendido em assumptos do campo, e sabe quanta paciencia e trabalho são precisos para cuidar das arvores que hão de fructificar. Seja pois

mais uma vez lavrador e mais uma vez se honre de o ter sido e de o ser. Vá preparando o outono de seu sobrinho. Leve-o agora — e eu logo o aconselharei a obedecer-lhe — para o seu lar d'Alcobaça. A vizinhança da morte deve ter deixado vestígios na alma de seu sobrinho. Depois da solidão do hospital achará mais doce — e oh! que em verdade o é! — a vida de familia. Se elle quizer voltar a Lisboa, deixe-o vir. Virá procurar mais uma desillusão, e será mais um passo dado para a felicidade. Eu procurarei lisonjear-lhe os instinctos para desvial-o dos perigos. Os livros têm sobre os vicios a vantagem de embriagar a alma sem desgastal-a. De mais a mais perdem muito encanto depois de lidos; quando já saciaram o nosso espirito, valem menos. Os vicios, quanto mais conhecidos, mais prendem. Seu sobrinho cançar-se-ha de ler, voltará puro a Alcobaça, e melhor conhecerá então a felicidade do lar, livro onde cada dia apparece uma idéa nova, ao contrario de todos os outros livros, que são hoje o que foram hontem.

João Vaz escutava suspenso as palavras do rei. Tinha nos labios o rir extatico de quando a admiração se confunde com a adoração. Não era, a seus olhos, um homem, um principe, que estava falando; era a voz de Deus que murmurava ali. As palavras, que lhe entravam á alma, eram claras como as que ao commum dos homens é dado exprimir. A inspiração, a substancia das palavras, essa affigurava-se divina a João Vaz. Escutava como se estivesse ouvindo uma prophecia. Era como se, novo Moysés, escutasse a voz mysteriosa da sarça ar-

dente no Sinai da realza. Acreditava o verbo do mysterio e não o conhecia.

O rei começava a ser para elle uma religião.

— Sáiam de Lisboa quanto antes, continuara o principe, e levem comsigo o convalescente, que melhor respirará no campo do que no hospital. Fugam á epidemia para não augmentar o numero das victimas. Seu sobrinho foi viajar. Reputou-se feliz emquanto andou pelo estrangeiro. Veio, aproximou-se de mim, e contagiou-se da minha desventura. Caíu enfermo. Agora, que Deus permittiu restituil-o á vida, porque as orações de sua sobrinha, sr. João Vaz, foram ouvidas no céo, não se demorem em Lisboa. Oxalá que a doença o tenha desiludido bastante para não ter de se aproximar de mim outra vez. Quão feliz seria elle, se quizesse ficar para sempre em Alcobça, longe do mundo, no remanço da sua felicidade, entre sua prima e seu tio!

N'estas palavras de el-rei claramente se entrevê o constante receio da sua estrella funesta. Hoje, encerrada a historia do mallogrado principe, os factos confirmam dolorosamente os presentimentos que a toda a hora o assaltavam. Uma idéa fixa vae avultando no espirito até que chega a dominal-o inteiramente. Tudo queremos explicar por ella. A el-rei acontecia exactamente o mesmo. Morreu repentinamente o seu ajudante de campo José Jorge Loureiro. Suppoz o senhor D. Pedro V que matara o brioso marechal de campo por se lhe haver mostrado resentido em conversação que ambos tiveram. A morte de D. Carlos de Mascarenhas, tambem seu

ajudante de campo, e irmão do marquez de Fronteira, attribuia-a el-rei a terem-se-lhe aggravado antigos padecimentos n'um passeio a cavallo, que, por seu desejo, alongaram. Tem só a infelicidade um egoismo: é o reputar-se causa de todas as desgraças que succedem em torno de si. Sabe que é sombria, porque nunca se doirou de um raio de sol, e julga-se perigosa como a mancenilheira. A minha sombra dá morte, pensa ella. Isto pensava o rei; isto pensam todos os infelizes.

— Sr. João Vaz, dissera sua magestade após breve silencio, faça o que lhe peço — fuja da capital. Lembre-se de sua sobrinha, que não tem outro esteio. Se lhe faltasse, quem haveria de amparal-a na solidão do lar? Alvaro não quereria ir desfolhar em Alcobaça as flores da sua phantasia. Desbotadas que sejam, então sim, e só então dará elle descanço aos seus cabellos brancos, meu caro sr. João Vaz, aos cabellos brancos que são os gelos da montanha dos annos. Quando essa montanha, a velhice, peza sobre o peito, todo o auxilio deve ser preciso. Confie em Deus que lh'o concederá, mas emquanto o não tem, não venha entregar-se ao abysmo da morte com tão arrojada coragem, que se poderia chamar loucura.

— E vossa magestade, affoutou-se a dizer João Vaz, que vae todos os dias aos hospitaes!

— É o meu dever. Se eu desanimasse, quem havia de estimular os fracos? A sorte do povo é a minha. Onde elle estiver, devo estar eu. Está no hospital: cumpreme abeirar-me d'elle para que justamente me não accuse de só o conhecer em dias de festa. O officio de reinar

abrange todos os officios: o de enfermeiro tambem. Não ha classe da sociedade que não tenha sido contagiada, e é preciso que os pobres conheçam, na hora da morte ao menos, que são tão portuguezes como os grandes. Uns e outros têm morrido, sr. João Vaz, e sabe Deus os que ainda morrerão. . . .

Estas ultimas palavras saíram da bocca de el-rei repassadas de profunda melancolia.

Seria tambem presentimento?

As classes inferiores continuaram a ser flagelladas até ao fim do anno; das superiores alguns illustres representantes succumbiram á epidemia, entre elles, a 15 de novembro, o cardeal patriarcha D. Guilherme.

Este prelado tinha fugido de Lisboa para escapar ao contagio. Os jornaes fizeram notar o contraste do seu procedimento com o de el-rei. O patriarcha voltou, e morreu.

Pactuado definitivamente que se retirasse de Lisboa a familia de Alcobaça, logo que o doente tivesse alta, despediu-se João Vaz de el-rei, rindo e chorando de commoção, ajoelhando como em adoração que não deseja interromper-se, quanto mais o principe forcejava por levantalo.

Não foi sem vivas e pungentes saudades que o honrado campones sahiu do Paço, esse novo Sinai, onde cuidara ouvir falar a voz de Deus nos labios do rei. E, como Moysés, descendo da sagrada montanha, foi encontrar Clarinha absorta na sua amorosa idolatria: a pensar no primo.

Havia ella principiado uma carta para mandar ao doente logo que se ageitasse occasião. Contava-lhe que o tinha visto, que havia falado com el-rei, que o estava esperando para regressarem todos a Alcobça. Na carta dizia tudo, o sempre incompleto *tudo* dos que amam.

De repente lembrara-se de que a lettra a poderia trair. Era preciso suppôr que a sua mysteriosa amiga d'Alcobça a tivesse acompanhado a Lisboa. Resignou-se a rasgar o papel. Reflectindo, estimou até. A carta não dizia *tudo*; já ia longa e ainda faltava *muito* que dizer.

Ficou pensando no que tinha a contar, como sempre acontece quando estamos separados das pessoas que estimamos. Coordenamos todos os acontecimentos, fixamos os pormenores, recordamos as minudencias, e, chegado o momento de sermos expansivos, a felicidade estrangula-nos a voz, perturba-nos a memoria. É que a felicidade é como a embriaguez: estontêa.

João Vaz, regressando á hospedaria, estranhou que a sobrinha estivesse pensando no primo em vez de pensar no rei.

Moysés tambem estranhou que o povo hebreu, em vez de se voltar para o topo do Sinai, estivesse adorando os idolos de ouro.

Idolatria por idolatria.

— O rei é um anjo! exclamou João Vaz. E hoje é o dia mais feliz de toda a minha vida! Se o pateta do João do Couto não acreditar que o senhor D. Pedro V me tratou como amigo, tenho alma de lhe quebrar uma cadeira nas costas!



XIII

Festa e luto

S AÍU de Lisboa, em demanda do seu lar, toda a família d'Alcobaça. Clarinha tinha nos olhos o que lhe ia no coração: uma aurora. João Vaz tinha no coração o que se lhe lia nos olhos: outra aurora. Alvaro Vaz, ainda convalescente, sentia-se confortado no meio d'essas duas alvoradas de felicidade, que lhe desenregelavam a alma arrefecida pela visinhança da morte na solidão do hospital.

E' doce, depois do deserto, encontrar o oasis; depois de vastas plagas abrazadas pelo sol, descansar á beira da fonte, que ao mesmo tempo espalha sombra e frescura.

A família, para o que sae do hospital e de novo volta á vida, é em verdade um oasis. Não podia deixar de o ser para Alvaro Vaz. Mas o caminheiro do deserto descansa apenas sob a arvore sombria o tempo preciso para desfadigar-se.

Acontecerá o mesmo aos peregrinos da esperança?
Vel-o-hemos no decurso da narrativa.

Alvaro Vaz commoveu-se com a dedicação de Clarinha e seu tio. Mal que saiu do hospital, caiu nos braços de ambos. Foi-lhe suavissima a surpresa. Por momentos sentira remorsos de os haver esquecido. E' que a felicidade submissa castiga mais do que o despeito implacavel. Não seria preciso que el-rei lhe aconselhasse, para restabelecer-se, os ares d'Alcobaça. Espontaneamente haveria acompanhado Clarinha e o tio. Pensava unicamente em segui-los. As suas ambições pareciam adormecidas no peito. O doente, que recupera a vida, tanto se aproximou da morte, que desperta somnolento. Só o tempo lhe aclara as idéas; solda de novo os élos que prendem ao mundo; revigora as flôres da phantasia crestadas pela febre. Clarinha, que só o via interessado em chegar a Alcobaça, suppunha possuil-o inteiramente. Por isso lhe chilreavam no coração, como bando de aves, as alegrias do amor. Jámais houve aurora tão gorgeiada e festiva. João Vaz completava o jubiloso orgulho de haver sido recebido no Paço com o reflexo da luz que doirava os olhos de Clarinha e com a musica que lhe tornava melodiosas as palavras.

— Se aquelle João do Couto, dizia o campones aos sobrinhos, não acredita que el-rei me chamou ao Paço para me dizer que era melhor vires convalescer para Alcobaça, tenho alma de o pôr sobre umas grelhas, como fizeram os herejes a S. Lourenço! D'isto ou de muito mais!

Riam Clarinha e Alvaro Vaz dos falsos impetos de colera, que traduziam o entusiasmo do tio pelo rei. Tantas vezes porém se mostrara João Vaz receioso de que o professor d'Alcobaça não acreditasse a sua felicidade, por extraordinaria, que lhe observou Clarinha :

— Também o tio duvidou de que o primo tivesse sido recebido por el-rei!

— E' verdade! considerou o camponez. Pois se o caso é de costa-arriba! Superior ao rei não ha ninguem!

Não falara Clarinha pôrque fosse enfadada de ouvir o tio, mas só porque lhe pezasse não se repetir tambem, a todo o instante, que o primo havia recebido a mesma honra.

Eil-os outra vez em Alcobaça.

Alvaro Vaz, alquebrado de corpo e animo, compartilhava as alegrias do lar e assistia, de sorriso nos labios —o timido sorriso dos que convalescem— ás intimas peripecias que se desenrolavam de portas a dentro. Quando, porém, o tio falava do rei, o convalescente deixava de sorrir. Illuminavam-se-lhe subitamente os olhos e ficavam entre-abertos os labios. De longe a longe uma affirmativa interrompia o extasis. Dir-se-ia que a commoção lhe comprimia o peito e lhe embargava a voz.

— Que rei aquelle! exclamava o camponez. Não se desprezar de falar commigo! E como me tratava e me chamava pelo nome! Tão bom é elle, que, ao contrario do que eu esperava, ninguem duvidou que me tivesse recebido. O João do Couto, de quem eu receiava, por

me dizer uma vez que sabia a vida dos reis portuguezes, e que os conhecia muito melhor do que eu, pediu-me logo para o levar ao Paço quando voltasse a Lisboa. Quer pedir a el-rei que lhe dê collocação em alguma escola mais rendosa.

Alvaro escutava attentamente, sem poder falar, porque sobrepujava as suas poucas forças o tropel das recordações que o nome do senhor D. Pedro V gratamente lhe despertava no coração reconhecido.

— E nem consentiu que eu lhe beijasse a mão! ciciou Clarinha. E quando lhe pedi para ver o primo. . .

Como que arrependida de haver soltado a phrase, calou-se de subito. João Vaz, sem perceber a intenção da sobrinha, concluiu:

— Disse logo que sim.

Alvaro Vaz, que alternava olhares curiosos entre a prima e o tio, perguntou:

— Mas quando me viram?

— Vimos-te quando estavas doente, respondeu João Vaz ainda despercebido da indiscreção.

— No hospital? tornou a perguntar Alvaro surprehendido.

— No hospital, por traz de. . .

Clarinha, que estava costurando, havia rolado pela meza adiante as tezoiras. O primo, cada vez mais alheado, não fez reparo. João Vaz involuntariamente olhou, e foi então que, por um subtil gesto da sobrinha, caiu em si, e se calou. Alvaro continuou a interrogar:

— Por traz de quê? . . .



— É uma pomba! dizia João Vaz (pag. 182)

— Não foi nada . . . emendou o camponez olhando expressiva e jovialmente para Clarinha. Por traz de coisa nenhuma.

E ria com a velhacaria dos bons, que é sempre um disfarce transparente como a alma d'elles.

Alvaro percebeu que Clarinha havia pedido silencio, e atalhou :

— Vamos, prima, não faça com que me occultem o que se passou n'este mundo enquanto estive ás portas do outro.

— Eu! exclamou ella com mal fingida surpresa.

— O rapaz é fino! riu João Vaz esfregando as mãos de contente.

— Então, meu tio, conte lá . . .

— Aqui ando eu da casa de Herodes para a casa de Pilatos! Conte! não conte! Eh! eh!

— Pois eu serei o Pilatos ou o Herodes, respondeu Alvaro Vaz. Nenhum d'elles era bom, e portanto não queiram que os persiga a minha curiosidade como qualquer dos dois perseguiu o doce e divino Jesus, menino ou homem . . .

— Léria tens tu! Eh! eh! Conto, Clarinha?

Ella gostara tanto da maneira por que o primo falara de Christo, tão ao justo achara caber o epitheto de doce a Jesus, cuja imagem, em marfim, tinha allumiado em acção de graças pelo restabelecimento d'Alvaro, que respondeu :

— Pois se o tio quer . . . póde contar.

— Ora ainda bem que já posso falar! Quando te vi-

mos por traz do biombo, no hospital, eu e tua prima, e te não falamos, porque el-rei só nos dera licença de te ver. . .

— E viram? perguntou cada vez mais admirado Alvaro Vaz.

— Se te vimos! Ó rapaz! então nós somos porventura cegos! Tua prima não havia forças que a tirassem d'ali! Estavas tu, por signal, a olhar para as ramalhoças do biombo. . .

— E entrarem ao hospital, quando toda o gente tem saído de Lisboa, menos o rei! Que imprudencia, santo Deus!

Clarinha tinha nas faces o colorido da romã. Estavam perscrutando a sua alma mais do que desejava.

O primo olhou-a com terno e mavioso olhar. O tio, que lhe acompanhou o movimento dos olhos, apostrophou:

— Ora isto ainda não é nada! Muito mais te occultamos nós. Se tu soubesses que tua prima, como se estivesse em perigo de vida como tu. . .

Clarinha cravou no campones os seus vivos olhos docemente supplicantes.

— Está bem, prima, está bem. Não se moleste. Eu respeito o seu segredo. Basta-me saber que é mais uma prova de dedicação. . .

Foi decorrendo o tempo.

Alvaro Vaz, que dia a dia renascia em si mesmo, ganhava em lucidez d'espírito o que parallelamente re-havia em forças physicas. Então, reatando os pensamen-

tos interrompidos durante a enfermidade, lembrou-se um dia da surpresa que lhe causara a letra desconhecida das cartas que sua prima lhe enviava para o estrangeiro.

— Ó prima! perguntou de golpe, quem é a menina sua amiga que me escrevia d'aqui?

Clarinha córou; o tio riu.

— É segredo, primo. Prometti não dizer nada. . .

— Mais outro mysterio! exclamara contrariado, mas sem irritação, Alvaro Vaz.

O camponez tão opprimida viu a sobrinha pelo receio de ser denunciada, que não ousou rir mais.

— Eu tratarei de saber, prima. Alcobaça não tem tantas meninas letradas que seja difficil averiguar o mysterio.

— Ora o primo não faz isso!

— Pois a prima quer vendar-me os olhos a ponto de me tornar completamente cego! Que dedicada e ao mesmo passo que impiedosa que é!

— O rapaz tem razão! aventou João Vaz, que vira tornar-se menos grave a conversação, e que estava ansioso de revelar mais uma prova da dedicação de Clarinha. Então não ha de saber quem lhe escreve! . . .

— O tio bem sabe que é segredo. . .

— D'estado! gracejou o camponez.

— Diga lá, meu tio, instou Alvaro. Quem era a menina que me escrevia? Bem sabe que eu não sou capaz de trahir um segredo. . .

— Sim. . . eu não vejo que. . .

— Não diga, tio, não diga. Pois eu peço a uma me-

nina que me escreva, ella accede de boa mente ao meu pedido, com a condição de se lhe occultar o nome, e nós, tio, havemos de ser tão ingratos, que vamos dizer como se chama?!

— Sim... lá isso...

— Tem razão, prima. Não insistirei. É mais um enigma. Paciencia. O que vale é que não ha esphynges que me devore... Sempre lhe quero dizer, porém, que as primeiras cartas da sua mysteriosa amiga me fizeram scismar algumas horas...

— Porquê? perguntou Clarinha com vivacidade.

— Porque vi n'ellas a formosa singeleza das cabanas da serra, que se fazem com dois ramos entrelaçados, e que não obstante preenchem o seu fim...

— Ah!

— A arte, que é a harmonia, e revela um esforço da intelligencia, não está realmente representada n'essas construcções rusticas, que as cartas me fizeram lembrar, mas o que é certo é que na graciosa simplicidade da construcção sobrepujam os mais dispendiosos edificios.

— Pois que esperava o primo de uma menina d'Alcobaça?

— Que tu conheces muito...

João Vaz, que não tinha segredos para ninguem, esqueceu-se de que devia guardar esse, porque assim o exigia a vontade da sobrinha. Portanto emendou:

— Ahi ia eu a ver se te confundia mais, e a dizer que a conhecias muito bem!...

— Não falemos mais n'isso, supplicou Clarinha. O primo ha de fazer-me um favor. . .

— A prima manda. . .

— Não torna a perguntar-me nada a este respeito?

— Não torno, fique certa.

— Nem pergunta a ninguem quem é que escrevia por mim!

— A ninguem, juro.

— Muito obrigada, primo.

A curiosidade d'Alvaro Vaz morreu com o juramento que fizera. O que é certo é que não suspeitou do córar de Clarinha nem do rir do tio. Como poderia lembrar-se de que sua prima havia aprendido a escrever, ella, que elle sabia ignorante do que fossem letras?

João do Couto poderia involuntariamente revelar o segredo se não estivesse apalavrado d'ante-mão.

Jurara tambem; era firme.

João Vaz, de novo instado, prometeu não dizer a verdade a ninguem, ainda que fosse interrogado pelo juiz da comarca.

Inteiramente restabelecido, Alvaro Vaz recomeçou a colligir as notas que em Lisboa principiara a ordenar. Era ja o anno de 1858.

— Mau! mau! dissera o tio de si para comsigo.

Clarinha entristeceu-se. Julgava esquecidos os livros, e enganou-se.

Era que ella sabia pouco do coração humano.

Os peregrinos da esperança são como os caminhei-

ros do deserto. Param a repousar n'um oázis e, restauradas as forças, vão de longada em procura do horizonte que sonharam.

Esta é a resposta a dar á pergunta formulada no começo d'este capitulo.

João Vaz não teve mão em si que lhe não perguntasse um dia:

— O' Alvaro, para que precisas tu andar afreimado com os livros?

— Tenho uma divida em aberto para com el-rei. Sinto-me forte, e diz-me a consciencia que já posso pagar. Trabalho para isso.

— Sim... Mas não te dês tanto aos livros, que nos esqueças a nós...

— Não posso esquecer a familia. O meu coração não é ingrato.

— Não é, não.

— Muitas vezes, quando alta noite estou escrevendo, paro a lembrar-me do que por mim fizeram.

— Pois anda lá, e não nos esqueças, a tua prima principalmente.

— Não esqueço a nenhum.

A doença, a provação de muitos dias de incerteza entre a morte e a vida, havia feito muito, mas não conseguira ainda tudo. As ambições iam accordando no peito do scismador. Todavia, entre as aureas visões da phantasia, apparecia a imagem de Clarinha, o coração dedicado. Não tomava o fundo do quadro, como devera ser. Estava apenas esboçada.

Queria o destino que viesse a accentuar-se e a colorir-se um dia?

Sabel-o-hemos.

Concluido o relatorio, que Alvaro Vaz devia apresentar a el-rei, disse em Alcobaça, meiado abril, que no fim do mez viria entregal-o pessoalmente e agradecer a sua magestade a carinhosa protecção que lhe dispensara durante a epidemia.

Esta noticia soou como um ribombo de tempestade na alma de tio e sobrinha.

Clarinha sentiu lagrimas nos olhos; a João Vaz enregelou-se-lhe o coração.

A esse tempo era notorio que el-rei ia desposar por procuração, em Berlim, a princeza D. Estephania de Hohenzollern, o anjo da caridade de Dusseldorf, a fada do castello de Sigmaringen.

Lembrou-se Alvaro Vaz, quando os jornaes noticia-ram a escolha d'el-rei, da allusão que fizera ás extremadas virtudes da princeza, quando falára do incendio occorrido em Dusseldorf por occasião da sua viagem no estrangeiro.

Mais se lhe avivara no peito o religioso entusiasmo com que idolatrava o monarcha. Não fôra o senhor D. Pedro V escolher consorte que deslumbrasse Portugal com a fama de suas riquezas. Reinava pela virtude; não carecia de reinar pelo fausto. A sua alma primeiro ouvia a voz mysteriosa, que nos impelle para a harmonia resultante do concerto dos corações que se adivinham, do que as calculadas conveniencias das allianças puramente

politicas, aconselhadas pelos estadistas e pelos aulicos. O enfermeiro dos pobres, o fundador das escolas, o sonhador da felicidade do seu povo, procurava a mão que dava a esmola, os labios que estillavam consolações, o coração que era cofre de balsamos e thesouro de infelizes.

Alvaro Vaz queria antecipar quanto possivel a hora de entregar o seu relatorio para ajoelhar, mais reverentemente que nunca, deante do principe que chamava a Portugal o anjo que a Allemanha inteira adorava.

E como a Allemanha o adorava!

Pouco depois contavam os jornaes portuguezes a grandeza dos festejos com que em Dusseldorf fôra recebida a princeza, quando recolheu de Berlim, onde se celebraram os reaes desposorios, por procuração, a 29 d'abril, na igreja de Santa Hedwiges. Jámais nupcias de principes foram sobreoiradas por tamanho regosijo popular. Foi esse um adeus ao mesmo passo enthusiastico e doloroso com que os habitantes de Dusseldorf se despediam da princeza que sempre lhes sorrira em dias de provação. E não só a saudade pungia o coração do povo, senão que tambem dos principes em cujas côrtes a rainha de Portugal tinha altissima cotação de virtude. Grande era a magua da separação entre a familia real da Prussia. As princezas das côrtes de Dresde e Carlshure não quizeram deixar partir a rainha noiva sem a terem por hospede alguns dias.

Caminho de Portugal, festejaram-n'a as côrtes de Bruxellas e Londres com extremado affecto.

Adivinhava o coração do povo e dos príncipes!

A princeza partia para não voltar. A aurora que vinha trazer a Portugal, havia de apagar-se em breve no silencio do tumulo.

As estrellas cadentes deixam no céu um rasto luminoso e subito desaparecem. A que do céu de Dusseldorf corera para os jardins do occidente, deixara vivissimo traço no céu da Europa, mas, como todas as estrellas cadentes, desfizera-se n'uma lagrima de luz quando mais porfiavam em seguil-a os olhos que lhe invejavam o esplendor.

João Vaz, dias antes do sobrinho partir, chamou-o á puridade e disse-lhe com os olhos marejados de lagrimas:

— Alvaro, deixa-me repetir-te que te não esqueças de nós. Lembra-te que o dia da tua chegada a esta casa foi de festa, e que o da tua partida será de luto. Agora ouve-me com attenção. Tua prima encarregou-me de te dizer que tens em Lisboa, em casa do meu correspondente, ordem franca para receberes as quantias que precisares. Lembra-te que ella fica a chorar por ti, e não lhe recuses o que te offerece.

— Não recuso, meu tio. Chame Clarinha, que lhe vou agradecer.

Chamada a menina, pediu desculpa de não sair do seu quarto por incommodada.

— Olha, Alvaro — disse o camponez com voz tremula — tua prima é delicada como uma rosa, e não tem animo de apparecer-te. Deixa-a lá com as suas lagrimas.

Dias volvidos, saía d'Alcobaça Alvaro Vaz com o proposito de entregar o seu relatorio a el-rei, de lhe reiterar agradecimentos pelas mercês recebidas, e de o felicitar pela escolha de tão virtuosa consorte.

— Ficas para as festas do casamento? perguntou-lhe o tio.

— Eu desejava ver outra vez a rainha, que vi em Dusseldorf quando princeza, respondeu Alvaro. Não conto porém demorar-me. Cá me ficam os meus livros. Virei lê-los na quietação do lar.

Já fóra da porta, ouviu dizer com a precipitação de quem receia não chegar a tempo:

— Adeus, primo!

Alvaro Vaz ergueu os olhos para uma janella e respondeu:

— Adeus, Clarinha.

Ella escondeu-se logo para dentro; elle partiu ouvindo aquella voz maguada por algum tempo.

E sentiu no coração uma saudade, não tão intensa que o dominasse, nem tão ligeira que o não entristecesse.

Quando el-rei o tornou a ver, testemunhou surpresa dolorosa:

— Volta, sr. Alvaro Vaz! Suppunha-o ainda em Alcobaça, esquecido de Lisboa.

— Vossa magestade está em Lisboa, tornou o moço, não posso esquecel-a.

Alvaro Vaz justificou depois a sua visita com a obrigação de entregar o relatorio e com o dever de felicitar el-rei. Largo espaço conversaram sobre a vida de fami-

lia, porque sua magestade intencionalmente encaminhou o dialogo para esse assumpto. Queria sondar a alma de Alvaro Vaz, que considerava resuscitado.

— É só meia cura! pensou el-rei. Eu supuz que a medicina da desgraça fosse mais energica. Deus o preserve de recair na enfermidade moral dos seus annos.

Alvaro Vaz, desempenhada a dupla missão que o trouxera a Lisboa, quiz ficar, como havia dito, para ser um dos primeiros portuguezes a saudar a nova rainha.

Sua magestade a senhora D. Estephania chegou a Lisboa na tarde do dia 17 de maio, havendo-se espaçado por seis dias a viagem de Plymouth ao Tejo, em razão de ter arribado á Corunha a esquadra real por tempestade que rebentara na altura de Cabo Raso.

O povo portuguez, naturalmente supersticioso, sentiu profundamente que a sua rainha, cujas virtudes ouvia celebrar, fosse surprehendida pela tempestade, caminho de Portugal.

Todavia, quando no dia do desembarque a viu timida, formosa, angelica, esqueceu os seus receios, prorompeu em saudações freneticas, e dizia por impulso do coração, ao contemplar os reaes noivos:

— São dois anjos. Deus os creou um para o outro.

Alvaro Vaz que, como sabemos, já tinha visto a princeza, não pôde deixar de repetir o conceito do povo, quando de novo a viu, a par do rei de Portugal seu esposo, n'esse dia de regosijo nacional e festa publica.



XIV

Como as flores vaticinam!

« **A** cidade que ha mezes a morte despovoava, esconde hoje as lagrimas que ha pouco ainda orvalhavam a saudade e o cypreste. Seria este para mim e para a rainha o mais claro testemunho de que não passa despercebido para o povo de Lisboa um acontecimento que consubstancia o nosso porvir.»

São palavras de el-rei em resposta á felicitação que, por occasião do consorcio com a princeza D. Estephania de Hohenzollern, lhe dirigira a camara municipal de Lisboa.

El-rei não se enganava.

Engrinaldava-se de festa, para celebrar os reaes desposorios, a cidade que n'esse dia espontaneamente rasgava o seu luto e enxugava as lagrimas com que havia rociado as flores pendidas aos tumulos dos que as epidemias sacrificaram.

E todo o paiz repercutia jubiloso os eccos da festa, e abençoava de longe a união de duas almas que pareciam nascidas para alliar os seus destinos, as suas esperanças e as suas virtudes.

Imaginava o povo portuguez que o anjo chamado a compartilhar o seu porvir haveria de afugentar de sobre a patria as nuvens negras, que tão repetidas vezes obscureceram o nosso horizonte social.

Este é sempre o phantasiar dos que não se lembram de que os anjos são do céo e se demoram na terra apenas o tempo preciso para desempenhar a missão providencial que lhes fôra incumbida.

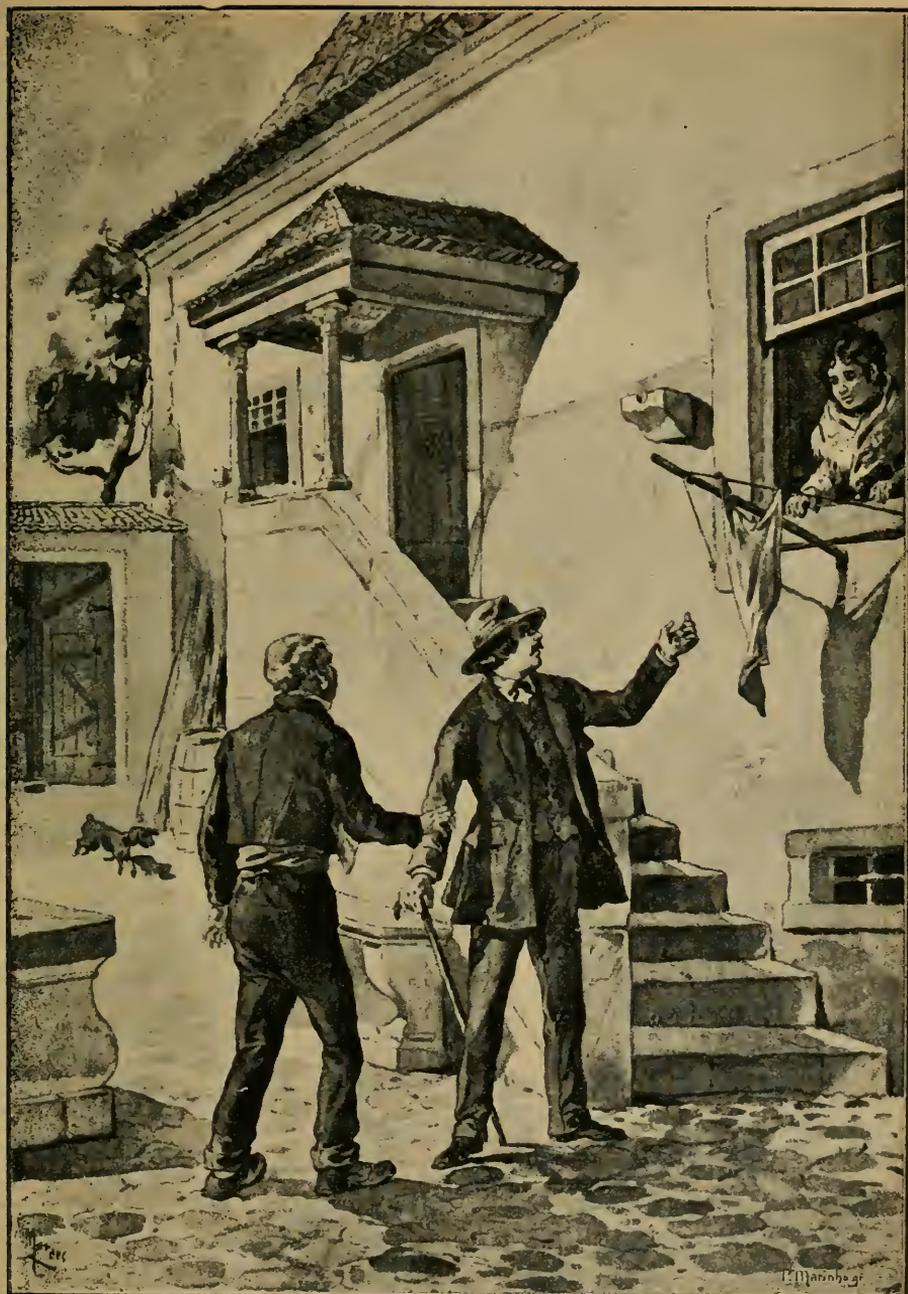
O destino da rainha não era ser nossa, dar um herdeiro ao throno, viver longamente na côrte que á Allemanha a invejara e a quizera para si.

Havia nascido estrella. Quando terminasse a sua noite de placida primavera, esconder-se-ia nos esplendores da aurora eterna.

Poisara na terra porque estava determinado que fizesse estancar as lagrimas de um povo inteiro, e o acordasse da dolorosa concentração que ordinariamente se segue a profundas desgraças e grandes calamidades.

Era preciso dizer ás mães que pranteavam os filhos, ás viúvas que lamentavam a sua viuvez, á orphandade que ajoelhava com o seu luto á beira das sepulturas: — Basta!

E os tristes e os affligidos ouviram a doce voz consoladora, e sobre as lagrimas das mães, e o veio das viúvas, e as cabeças loiras dos orphãos desceu o reflexo be-



— Adeus, Clarinha (pag. 204)

nefeco da caridade, porque a rainha vinha a Portugal completar a obra do rei, e espalhar sobre os abysmos da miseria as flôres que nas mãos das princezas virtuosas se convertem em pepitas de ouro abundante e inextinguível.

Na adoração popular tanto se identificaram as duas almas, da rainha e do rei, que se tornou impossivel saber qual era mais piedosa, mais previdente, mais santa.

Implorava-se ao throno, e o throno logo respondia aos clamores afflictivos. Era o rei ou a rainha? Não se sabia. Vinham do Paço as esmolas, os beneficios, a protecção. O povo abençoava as duas almas, certo de que a ambas cabiam as suas bençãos, sem poder dizer todavia qual fôra d'ellas a que prestara ouvidos aos seus queixumes, e estendera a mão ás suas supplicas.

Fizera-se em torno da realeza uma lenda de santidade. O Paço de D. Pedro V não tinha o prestigio da grandeza, o fausto das côrtes, os deslumbramentos do throno. Doirava-se de clarões angelicos como se n'elle reflectissem fulgores do empyreo. A corôa tornara-se auréola. Não ostentava thesouros de pedraria; tinha o vago poetico dos mythos.

E o certo era que, como o rei havia predicto, haviam seccado as lagrimas que mezes antes reverdeciam, nos arruamentos dos cemiterios, as saudades e os cyprestes.

Augurava-se ao paiz uma vida bonançosa.

Sob a protecção do rei e da rainha, todas as dôres seriam perscrutadas e ouvidas. O povo estava tranquillo, porque o povo adivinhava as intimas preoccupações dos

soberanos, mas esquecia-se de que os anjos são do céu, e as dôres nascem da terra.

Nem a magua de Clarinha, por viver escondida no solitario ninho de Alcobaça, passava despercebida aos olhos dos principes, que pareciam multiplicar a vista para conhecer todos os infelizes.

Chegavam ao Paço os eccos de todas as angustias, e, como se o ouvil-os já não fosse pouco, relembavam os noivos, no intimo dialogar dos seus aposentos, as provações que o paiz havia experimentado.

Vamos procurar os reis ao santuario do seu amor.

Descaía a tarde. Os raios do sol moribundo illuminavam melancolicamente as janellas do Paço.

Era a hora do recordar.

E os reis recordavam tristezas alheias, que tornavam suas.

Rememorava o senhor D. Pedro V os dias tormentosos da ultima epidemia. Via ainda deante de seus olhos a vastidão silenciosa das enfermarias. Figuravam-se-lhe pallidos os doentes como na hora em que agonisavam. A morte ia despovoando os hospitaes, augmentando o silencio, desdobrando o luto. E o rei suppunha-se ainda desacompanhado e opprimido entre os leitos que representavam outras tantas victimas. Mas se lhe era dolorosa a memoria do que soffrera, era-lhe consolo a esperanza de que não soffreria só. As azas do anjo a que ligara o seu destino deviam abrigar o povo portuguez, protegendo-o carinhosamente, pensava o monarcha.

Tão tristes recordações suscitaram o nome de Alvaro

Vaz. El-rei desenhara-lhe o perfil com notavel exactidão. Fizera a historia das suas aspirações, dos seus sonhos de gloria, das suas crenças de poeta. E, ao revel-o mentalmente no leito em que o encontrara, dissera como se o estivesse vendo ainda:

— O gelo da morte punha medó á arJente phantasia de Alvaro Vaz. . .

Depois, como se descesse n'esse momento ao atrio do hospital de S. José, viu Clarinha coberta com o seu veu preto, e a frente de João Vaz coroada pelos seus cabellos brancos prateados.

A rainha escutava attentamente o magoado poema dos amores de Clarinha, e sentia-se anciosa de conhecê-la.

El-rei comprehendeu o desejo da jrinceza e sentiu illuminar-se o seu proprio coração com a risonha esperanza de vêr feliz a camponeza d'Alcobaça.

Horas depois recebia Alvaro Vaz aviso para ir ao Paço. Foi.

— Sua magestade a rainha — dissera-lhe D. Pedro V — animada dos mais benevolos sentimentos para com o sr. Alvaro Vaz, exprimiu-me o desejo de conhecê-lo.

— Sua magestade a rainha é um anjo — respondeu o moço — que a Providencia destinara para felicidade de vossa magestade e do paiz inteiro.

Alvaro Vaz ficou encantado com a aproximação da rainha, como se nunca a tivesse visto, porque a aproximação duplica o prestigio das pessoas excepcionalmente sympathicas.

E na senhora D. Estephania de Hohenzollern a bondade germanica alliava harmoniosamente — como disse Teixeira de Vasconcellos — a doçura á dignidade.

Havia uma infinita suavidade nos olhos da rainha e nas linhas do seu lindo rosto, de feições miudas e correctas, expressivamente calmas.

As *toilettes*, simples e elegantes, condiziãam com a phisionomia. O penteado, em *bandeaux*, descendo sobre as orelhas, ameninava-lhe o semblante, dando-lhe uma graça e uma singeleza castissimas.

Recebendo Alvaro Vaz, começou a rainha a avivar-lhe recordações da Allemanha, a despeito de despertar no proprio coração a saudade da patria, que não tornaria a vêr.

Era um meio de animal-o a expandir-se. Elle falou com ardente entusiasmo da sua recente viagem pela Allemanha, especialmente de Dusseldorf, onde lhe fôra dado conhecer as virtudes da princeza que devia ser rainha de Portugal. N'esse momento o seu arrojado espirito levantara-se ás melodiosas esferas que Pythágoras parece haver creado expressamente para os poetas. E n'esse adejar pelas regiões olympicas da phantasia nem uma recordação de Clarinha, nem uma lembrança de Alcobaça, dos saudosos ausentes que mais uma vez o viram partir ba-loiçado na gondola da poesia á cata do seu indefinido ideal!

Pobre cabeça sonhadora, que tão loucamente lhe dominava o coração!

Foi el-rei que intencionalmente, descido já o poeta dos

seus formosos extasis, perguntara novas do camponez e de Clarinha.

Alvaro Vaz respondera, e ia talvez calar-se, quando a rainha se mostrou desejosa, movida de sympathia que justificara pelo conceito d'el-rei, de conhecer a familia de Alcobaça.

— Se vossa magestade assim o ordena, respondeu Alvaro, meu tio e minha prima virão agradecer ajoelhados aos pés de vossa magestade a honra com que a todos se digna distinguir-nos.

Foi n'esse mesmo dia participação para Alcobaça.

Clarinha começou a chorar de alegria. O tio fez-lhe a despeita de não acreditar que ella lesse bem, e mandou chamar a toda a pressa João do Couto para julgar do conteúdo da carta em segunda instancia. Confirmada pelo boqui-aberto professor a agradavel sentença de que ambos viriam a Lisboa cumprimentar a rainha por sua magestade assim o desejar, trataram immediatamente de preparativos de jornada.

João Vaz, ao vêr a sobrinha metter no bahú os seus vestidos e a sua roupa branca, não pôde deixar de exclamar:

— O' Clarinha, leva o melhor vestido para ires ao Paço, mas não leves agora todo o teu bragal! São apenas dois dias.

A menina curvou-se para esconder as lagrimas, que subitamente lhe acudiram aos olhos, e não respondeu.

Desceu depois ao jardimsinho, que João Vaz tinha mimoso, cortou as melhores flôres, dispol-as de modo

que figurassem duas iniciaes, um *P* e um *E*, e, subindo á sala disse ao tio :

— Farei quanto puder para que este ramo chegue viçoso a Lisboa. Quero offerecel-o á rainha. Flôres são presente para noivos. E' que outra cousa ha de offerecer uma camponeza?

Dada a voz de partida por João Vaz, reparou elle que a menina se despedia expansivamente da criada velha que a educara, e que não podia soltar-se-lhe dos braços em que chorando caíra.

— Ó Clarinha ! nem que fosses para o cabo do mundo ! Que saudades são essas por dois dias !

— A gente ás vezes chora sem querer, respondeu-lhe a sobrinha.

Já no caminho, tornou o campones :

— Ó Clarinha ! Tenho visto ir gente mais alegre para o Brazil ! Eu estranho-te !

— Que quer o tio ! Tambem eu me estranho. Pensei que era mais forte.

E tremia-lhe a voz, e circumvagava olhares maguados como de quem se despede.

Chegados a Lisboa, disse João Vaz ao sobrinho :

— Tua prima deu-lhe a alegria para chorar ! Não fez todo o caminho senão regar com os olhos as flôres que quer offerecer á rainha.

— A prima é um coração delicado, e commoveu-se certamente com tão inesperada honra.

Isto respondeu Alvaro Vaz sem vagamente suspeitar que a prima chorasse por outro motivo.

Proximos da hora em que deviam ser recebidos no Paço, apostrophou, radiante de felicidade, o camponez :

— Ó Clarinha! vaes ver dois anjos, e olha lá se te mostras contente! Deante dos anjos não se está triste.

Todavia o semblante de Clarinha, ao entrarem no palacio das Necessidades, contrastava visivelmente com as flôres colhidas no seu jardim.

Denunciou-se na physionomia da rainha a profunda impressão que lhe causara o ver torturada por vestigios de lagrimas a formosura de Clarinha, e tão francamente a recebeu, e tão meigamente a acariciou, que a camponeza, liberta da etiqueta que a obrigaria a confranger-se, teve lagrimas na voz quando disse :

— Peço licença a vossa magestade para offerecer-lhe o que uma camponeza pôde offerecer: flôres. Não faltaram a vossa magestade valiosos presentes de noivado. Este é dos ultimos no valor e dos primeiros na sinceridade.

— E na estima com que o acceito, atalhou a rainha. Oxalá que eu lhe possa retribuir muito breve, por igual motivo, as flôres que me offerece.

— Vossa magestade engana-se!... disse Clarinha pondo no chão os olhos enublados de pranto.

— Engano-me!

Isto dissera sua magestade tão docemente, que a alma de Clarinha se lhe rendeu toda n'esse instante, e segredou esta confissão :

— Peço perdão a vossa magestade... Mas é que eu vou entrar n'um convento.

Se João Vaz, que estava com o sobrinho nos aposentos de el-rei, tivesse ouvido esta confidencia, vibraria um grito só comparavel na angustia ao de quem sentisse cravar-se-lhe no coração um punhal.

A rainha e a camponeza ficaram silenciosas, concentradas. Houve um momento de profundo silencio, após o qual sua magestade murmurou:

— Vá, pobre menina, vá aproximar do throno de Deus a sua dôr. Será ouvida e attendida, espero-o, porque é boa, porque é dedicada, e porque Deus jámais deixa desamparados os que soffrem. Orar é sairmos de nós mesmos, e esquecermo-nos de que soffremos. Ore e espere. O esquecimento do dia de hontem e a esperança do dia de amanhã são dois braços que nos amparam a existencia. Amparada por elles, com o auxilio de Deus, terá forças para viver.

O mais que a rainha disse foram balsamos de virtude celestial que acalmaram a dôr de Clarinha.

N'essa tarde, a occultas do primo, serenamente disse Clarinha a João Vaz:

— Perdôe-me, meu tio, o havel-o enganado. Era que eu queria poupar-lhe, pelo maior tempo possivel, o golpe que lhe vou dar.

— Golpe! exclamou attonito o camponez.

— Golpe digo eu, se bem que não se trate d'uma desgraça para nós, mas unicamente d'uma resolução minha..

— Diz, Clarinha, diz. . .

— Torno a pedir-lhe perdão, e agora, meu tio, pelo querer deixar sósinho em Alcobaça, mas é que eu. . .

—Diz, Clarinha, que parece que o coração me quer saltar fóra do peito! . . .

—É que eu já não tenho forças para viver em Alcobaca e queria entrar n'um convento.

—N'um convento! n'um convento! repetiu atordoado João Vaz. Tu pensaste bem, Clarinha? Deus me perdôe, mas eu não queria ter vivido tanto. O' filha! n'um convento!

Clarinha respondeu lançando-se nos braços do tio. Elle cingiu-a convulsamente cobrindo-lhe a delicada cabeça com os seus cabellos brancos, que caíam em desalinho.

A esse tempo adivinhava a rainha, dolorosamente impressionada, o que se passaria no coração de Clarinha.

E, contemplando as flôres que ella lhe offerecera, reparou que se havia desfeito a inicial do seu nome. Tinham-se desfolhado as pequeninas flôres que formavam o *E* artisticamente debuxado pela camponeza.

Um vago presentimento veio augmentar a dôr que a rainha estava soffrendo. Lembrou-se com subita saudade da sua patria, da sua familia, dos dias da sua infancia, das noites formosas da sua Allemanha que vira deslizar pensando no rei de Portugal. . .

E agora que estava entre o povo que adorava o eleito do seu coração, que estava realiado o poema dos seus puros e mysteriosos amores, porque se entristecia a rainha ao ver casualmente desfolhadas as florinhas da sua inicial?

Respondemos com palavras já escriptas nas primei-

ras paginas d'este livro: «Que muito que a alma adivi-
nhe, se nada tem de terrena!»

Era a estrella que pensava no céo como se estivesse
sonhando, confusamente, sem saber como nem porquê.

Tambem o coração de Clarinha se alvoroçou, n'uma
triste prophesia, pelo anjo que mezes antes a recebera
no Paço das Necessidades, quando no convento de Santa
Joanna, onde se recolhera, se sentiu o tremor de terra
que convulsionou toda a cidade de Lisboa no dia 15 de
julho, anniversario natalicio da rainha.

Quatorze mezes depois da festiva alliança dos reis de
Portugal, um acontecimento dolorosissimo veio compro-
var que os presentimentos da rainha e as prophcias de
Clarinha eram verdadeiros.

O anjo, pois que era do céo, voara á patria.

Enxugara as lagrimas choradas sobre as saudades e
os cyprestes, e partira. E nos cyprestes e nas saudades
reviveram, no dia 17 de julho de 1859, as lagrimas ver-
tidas pelas mães, que não choravam os filhos, pelas viu-
vas, que não choravam os maridos, pelos orphãos, que
não choravam os paes, mas que pranteavam em com-
mum a subita perda do anjo que do alto do throno por-
tuguez soccorria a viuvez de uns, a orphandade de outros,
o luto de todos.

Attribuira-se a morte da rainha a soffrimentos con-
sequentes de uma excursão ás Vendas-Novas, e de um
passeio a pé na costa da Trafaria.

Os clinicos do Paço capitularam de angina diphterica
a enfermidade; os medicos da alma apontaram para o

céo, e mudamente explicaram assim o rapto do anjo.

Mergulhado em dôr excruciante, o coração do príncipe via desabar a sua breve felicidade, depois de haver trabalhado pela felicidade de todos, e á volta da sua dôr a dôr profunda e sincera do paiz inteiro.

A rainha, ao cabo de pouco mais de um anno de casada, morria com uma heroicidade verdadeiramente christã. Recebeu os sacramentos, despediu-se ternamente do rei seu esposo, de el-rei D. Fernando, da duquesa de Bragança, da infanta D. Izabel Maria, da duquesa da Terceira, camareira-mór, das damas, camaristas e outras pessoas da côrte.

Voltando-se para o commendador Krantz, conselheiro aulico, recommendou-lhe:

— Dê muitas saudades a meus paes e diga-lhes que fui sempre feliz em Portugal.

Depois, abraçando serenamente o senhor D. Pedro V, repetia o que nas santas escripturas ha de mais formosamente innocente e humilde: *Ecce ancilla Domini*. Eu sou a escrava do Senhor.

O rei, para sobreviver á sua magua, procurava o rasto luminoso que o anjo deixara ao atravessar a terra. Como foi que tão leal e amante coração logrou, por favor divino, resignar-se? O príncipe o escrevia, dias depois, ao duque da Terceira, presidente do conselho de ministros: «Para fazel-o sobra-me o exemplo da esposa, que perdi quando apenas começava a apreciar o thesouro, de que me foi dado gosar. Era um coração para a terra e um espirito para o céu.»



XV

Na clausura

No meio d'estas tristezas geraes, onde está João Vaz, a boa alma?

Com a sua dôr no solitario lar de Alcobaça.

Quando a sobrinha se despediu d'elle no pateo do convento de Santa Joanna, não houve quem não chorasse de ver a angustia do velho camponez.

Era entre copiosas lagrimas que elle dizia :

— O' Clarinha, não te esqueças de mim, que para lá vou apodrecer como dentro da sepultura. Assim que o teu coração ganhar alento, e possas viver em Alcobaça, onde tudo te recorda teu primo, não estejas mais um dia aqui, porque tu és a alegria dos meus olhos e da minha alma.

— Meu tio! suspirava Clarinha, eu sou cruel, eu pareço-lhe decerto cruel, mas já não podia mais, sentia fugir-me a vida em Alcobaça, apesar de toda a sua dedicação, meu querido tio.

— Eu não te accuso, filha. Faça-se a vontade do Senhor. Não percas a vida nem a esperança, que eu verei se a esperança, de que breve sairás d'aqui, me conserva a vida.

E abraçavam-se de novo, e choravam juntos.

Já a porteira tinha aberto meia porta para receber Clarinha, e ainda a dôr os prendia a ambos nos braços um do outro.

— Clarinha, adeus. . .

— Adeus, meu tio.

Clarinha, estendendo as tremulas mãos para João Vaz, recuou até á porta.

— Adeus, filha, adeus.

Ella ia a dizer ainda esta doce palavra, que exprime todas as angustias da separação, *adeus*, breve poema d'uma longa dôr, e cortou-se-lhe a voz na garganta e viram-n'a quasi a desfallecer a porteira e algumas criadas que estavam na portaria.

Logo depois fechou-se com lugubre ruído a porta do convento, e João Vaz ficou como fulminado deante d'essa solida barreira clausal que o separava da sobrinha.

Quedou-se o pobre velho a olhar durante algum tempo contra a porta cerrada. Depois ergueu os olhos ás janelas, que davam sobre o pateo—esse pateo ermo e triste tão característico dos conventos solitarios. N'aquelle tempo quasi se não sentia o ruído da cidade na rua de Santa Martha. Era um deserto povoado. Confrangeu-se João Vaz ao contemplar o aspecto de severa reclusão e calada tristeza, que dava áquelle edificio uma fria impres-



— Adeus, meu tio (pag. 224)

são de morte aparente. Tirou do peito um suspiro profundo, dilacerante e, pondo a mão direita sobre os olhos para repellir um espectáculo doloroso, atravessou o pateo em direcção á porta, como um cego que vae caminhando pelo tino.

Se ali estivesse Alvaro Vaz, teria ao menos o velho campones quem o soccorresse n'essa hora incomparavelmente atormentada.

Não estava.

E porque? pergunta agora o leitor, que, tendo tambem as suas crenças, as suas illusões, os seus sonhos, se sente ás vezes inclinado a não perdoar as loucuras de Alvaro Vaz.

Eu estou vendo o que se passa no espirito do leitor. Ah! não o accuse; lastime-o. Ainda ninguem inculpou a borboleta porque se suicida na chamma. Ainda ninguem reprehendeu a folha verde porque ella se deixa ir boiando na corrente. Os delirios da mocidade sonhadora são para os homens o que a chamma é para a borboleta e o veio d'agua para a folha verde.

O destino é a lei mysteriosa que rege a vida; o iman occulto que attrae as almas ao abysmo ou á felicidade.

Alvaro Vaz nasceu poeta. E' bom, é nobre, é generoso, mas basta uma nova chimera para o fazer esquecer da realidade. Quando voltou a Alcobaça, suppunha que o prendiam ao lar da familia laços indissoluveis. Julgava-se ali esquecido do mundo. Viu outra vez Lisboa, e logo se desvairou nas utopias sonhadas e queridas. Borboleta, procurou de novo a chamma. Assim é a organi-

sação especialissima dos que vivem idealizando até repontar a aurora do dia em que se humanisam. Não lhe queira mal o leitor porque elle nasceu para voejar. Todas as azas em que se alteam os phantasistas, são de cêra: derretem-se. O caso é saber esperar por esse dia em que hão de despenhar-se na terra e volver-se homens.

Clarinha sentiu-se exaurida de forças. Em Alcobaça até as arvores lhe falavam do primo. A sombra que muitas vezes o abrigara, quando repousava lendo, saudosamente lhe perguntava: «Onde está elle?»

Estava em Lisboa.

Clarinha queria viver apenas uma hora, mas sob o mesmo céo, respirando o mesmo ar, ouvindo as mesmas vozes, contemplando as mesmas estrellas. Se as forças dia a dia a desamparavam, tinha porém uma esperança. Elle escrevera:

Mas se eu cahir como a folha...

Toda a folha cahe. O que importa é saber esperar pelo outomno. Não ha primavera que se não desfolhe, por mais pomposa e viridente que seja. Em Alcobaça era frequente que a saudade suplantasse a esperança. Tornava-se preciso um auxilio divino; só perto de Deus o poderia encontrar a desditosa menina.

Decidiu, pois, entrar n'um convento como recolhida. Quando o desengano, a triste realidade dos infelizes, a ameaçasse, ajoelitaria aos pés do Christo, do doce Christo, como Alvaro dissera, e ahi encontraria forças para viver, emquanto as flores dos jardins plantados na phan-

tasia do primo não perdessem côr, aroma, frescura...

Sabemos que foi a occultas d'elle que Clarinha resolveu recolher-se ao convento; foi ainda com a maior reserva para elle que realisara a sua intenção.

Alvaro Vaz nada soube. Assim se explica a sua ausencia na hora da despedida.

Que plano era o de Clarinha?

Afastar-se do primo para afastar maior supplicio. Vel-o, n'esse attribulado lance, seria centuplicar a dôr. Não quiz. Receiou que lhe faltasse a coragem e não tivesse forças para transpôr o limiar da clausura. Só fechada sobre ella a porta do convento, foi que o primo teve conhecimento do que se passara.

Assim, pois, ao tempo da prematura morte da rainha, Alvaro Vaz está estudando na sua trapeira da rua da Quintinha, João Vaz ermando, abandonado, nos pomares de Alcobaça, e Clarinha abraçada á cruz, que é esperança e resignação, na cella do convento de Santa Joanna.

Poucos dias antes do fallecimento da rainha, havia sido creado, por carta de lei de 8 de junho de 1859, o Curso Superior de Letras.

Alvaro Vaz preparava-se para ser o mais distincto alumno das aulas do novo curso. Cuidadosamente se familiarisava com as materias que deviam ser leccionadas. Tinha a dupla ambição de ser agradavel a el-rei, mostrando praticamente os salutaes resultados da instituição devida á iniciativa real, e de nobilitar-se intellectualmente

o bastante para tornar-se conhecido entre os mais abalados em letras.

Sem embargo dos seus indefessos estudos, sahia ao declinar da tarde, todos os dias, para visitar a prima no convento de Santa Joanna.

Pesava-lhe vel-a encarcerada.

A regularidade das entrevistas, que, comquanto fossem intimas, nada tinham de amorosas, levava as meninas recolhidas no convento a dizerem a Clarinha:

— Ora que tão triste viva, e que tão poucas razões tenha para entristecer-se!

— Porquê? perguntava Clarinha.

— Porque seu primo continua a visital-a.

— A Deus agradeço, porque só a Deus o devo, vêr todos os dias meu primo; mas o que o traz aqui não é amor, é estima, talvez compaixão.

E deixava-se ficar na sua resignada melancolia, em qualquer janella das que olhavam ao occidente, contemplando, se era á noite, as estrellas que palpitavam no formoso céu de Lisboa, na direcção em que o primo lhe dissera morar. Bem podia ser que elle tambem as estivesse contemplando, e que os dois olhares se encontrassem no mesmo ponto luminoso do firmamento.

Alvaro voltava do convento de Santa Joanna a recommear, todas as noites, os seus estudos de litteratura antiga e moderna. Mas ás vezes, como se o espirito tivesse necessidade d'espanejar-se nas ondulações do luar, debruçava-se á janella e espraia a vista pela vastidão do céu. Não chegavam á solitaria rua da Quintinha os rumo-

res da grande cidade. Era tudo silencioso áquella hora, e elle, conversando comsigo mesmo, algumas vezes poetava. Vagamente se entrelembrava das alegrias com que, salvo da epidemia, voltara a Alcobaça, e a ellas casava fugitivas recordações dos suaves quadros de familia que el-rei lhe havia desenhado em mais de uma entrevista. Todos esses pensamentos lhe tumultuavam no cerebro e, quando se apagavam, sentia-se triste entre as rumas dos seus livros. Os livros não falavam. Conhecia que estava só. Então apparecia entre a neblina das suas reminiscencias a imagem de Clarinha. Era um coração de ouro; mas Alvaro Vaz queria mais — queria um espirito digno do coração. Se elle soubesse que, a essa hora, Clarinha estava lendo, pensando, idealizando, amal-a-ia; cuidava que ella sentia apenas, e por essa razão apenas lhe era dedicado.

Depois que a rainha falleceu, fechara-se sombria noite em redor da alma d'el-rei. Era que a sua dôr era d'aquellas para as quaes «são poucas as consolações e os linitivos», como o saudoso principe, em sua dolorosa viuvez, escrevia, na já citada carta, ao presidente do conselho de ministros.

Alvaro Vaz falara com el-rei uma unica vez, em Mafra, onde procurara encontral-o, depois do infausto acontecimento. O senhor D. Pedro V estava inconsolavel. Em torno d'aquella mocidade, erguida ás alturas da realza, sentia-se o frio das nortadas que desfolham todas as flôres do coração. O luto do monarcha era tão profundo, que lhe obumbrava o espirito.

— A familia! a familia! — dissera-lhe el-rei, o éden de que eu fui expulso! A minha felicidade teve a duração de um relampago. Agora tudo é noite, tudo são sombras. Mas se algum dia puder gozar d'esse thesouro encantado, que muitos homens desconhecem, seja avarento da sua riqueza, sr. Alvaro, e tanto mais avarento quanto será infeliz perdendo-a.

Nada mais dissera el-rei. Recaira em attribulada concentração. Alvaro Vaz desejaria distrahir o real scismador, falar-lhe do Curso Superior de Letras, dos seus estudos sobre as materias que seriam lidas nas cadeiras creadas pela carta de lei que o *Diario* publicou no mez antecedente. Não ouzou, porém. Ha dôres que são sagradas como os tumulos. E aquella dôr era o tumulo do involucro d'um anjo.

Ao despedir-se, dissera ainda el-rei :

— Sr. Alvaro Vaz, não enlute a sua mocidade e o seu talento nas minhas magoas. Veja que triste reinado o meu! Aproveite a sua primavera, porque a primavera da vida é como a primavera do anno: passa.

Desde então mais pensativo se tornou o principe. Raro levantava o olhar; raro lhe desabrochava nos labios um sorriso. Em 1860 ruidosos festejos se prepararam no Porto para receber el-rei e os infantes D. Luiz e D. João. El-rei atravessava as festas affavel, mas triste. Não era a mocidade, era a viuvez que se mostrava aos portuenses. N'essa breve visita, que durou doze dias, el-rei entrara ás escholas, ás prisões, ás fabricas, aos hospitaes. O povo acudia em chusma a vel-o, a saudal-o.

O monarcha passava com os olhos postos no chão, e sorria maguadamente. As multidões ficavam pezarosas de o ver pezaroso, e tremiam pela vida d'esse principe bonissimo que recebia todos os requerimentos, falava a todos os desgraçados, e ouvia compassivo todas as supplicas. Em 1861 voltou el-rei ao Porto, acompanhado do infante D. João, no mez d'agosto, para assistir á abertura da exposição industrial, e lançar a primeira pedra do Palacio de Crystal. Redobraram os festejos tanto, quanto era o receio de perder o monarcha festejado. N'uma das noites de regosijo accedeu el-rei ás instancias dos portuenses que o convidaram a honrar com a sua presença a illuminação das ruas principaes. Na das Flôres, os commerciantes esperaram el-rei, de brandões accesos, a um e outro lado da rua. Na gratidão com que el-rei agradeceu a surpresa, transpareceu um vago presagio de nova desgraça. E o presentimento do soberano immediatamente se communicou aos vassallos. Acabou com tristeza a festa, das mais espontaneas e brilhantes que tem havido no Porto. Fez o acaso que uma ovação tivesse tomado o aspecto de um saimento funebre.

Foi essa em verdade a despedida de el-rei á cidade das grandiosas iniciativas.

Não estava longe o derradeiro dia do breve reinado do sr. D. Pedro V.

A's epidemias, aos incendios, ás inundações, aos tremores de terra, ás saudades que a morte da rainha e do infante D. Fernando, e o casamento das infantas D. Maria Anna e D. Antonia entalharam no coração da familia

real portugueza; ao vacuo que deixara no Paço a perda irreparavel d'alguns leaes servidores; á profunda sensação que o incidente da barca negreira *Charles-et-George*¹ causara em todo o paiz; a toda a longa serie de funestos acontecimentos occorridos no curto periodo de seis annos, devia seguir-se a morte, a ultima angustia de todas as angustias terrenas.

Cumpre todavia que não antecipemos os factos, e que, enquanto el-rei conversa tristezas com os que mais intimamente tratava, voltemos ao convento de Santa Joanna, onde deixámos a camponeza d'Alcobaça. Quem eram, porém—e perdõem-nos a delonga da pergunta os leitores que estão interessados no romance — os amigos intimos d'el-rei? Eram todos os homens de grande coração e grande espirito. Eram os que tinham sido seus professores, eram os leaes servidores de sua mãe, eram os homens de letras, Herculano, que lhe offerecera a *Historia de Portugal*, Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva, e ainda outros; eram os artistas de merito, eram os fanaticos da instrucção popular com quem permutava idéas sobre um assumpto tão seu predilecto², eram, n'uma palavra, todos os espiritos de eleição, que excediam a craveira vulgar dos homens.

Tempo é de voltarmos agora a Clarinha, que está entre grades, no seu encerro conventual.

¹ Barca franceza apresada pelas auctoridades portuguezas no trafico da escravatura e que o governo de Napoleão III mandou buscar violentamente ao Tejo.

² El-rei deixou em manuscrito um *Tratado sobre a instrucção e educação popular*.

Sejamos piedosos com os encarcerados. Todavia, para falarmos d'ella, carecemos primeiro de falar do primo.

A 14 de janeiro de 1861 abriu-se em Lisboa o Curso Superior de Letras. Entre os mais entusiastas alumnos que concorreram a inscrever-se no livro de matricula, contavam-se Alvaro Vaz e um moço brasileiro, cabeça ardente como a de Alvares d'Azevedo, o mais ouzado poeta que tem tido até hoje o Brazil, e, como elle, sonhador.

Foram causa de intima alliança entre os dois condiscipulos a affinidade d'aspirações, a harmonia de genios, e a coincidencia de terem ambos relações no convento de Santa Joanna.

Alvaro Vaz visitava a prima; o moço brasileiro procurava a noiva.

A conversação habitual no passeio vespertino dos dois rapazes era um adejar constante d'estrophe em estrophe, uma porfia de espiritos alados apostados em descobrir as flôres de mais opulento nectario.

Clarinha disse uma vez á menina amada do moço brasileiro:

— Sabes tu, minha amiga? Á alma da rainha, que se apiedou da minha sorte, julgo eu dever o acaso de te encontrar aqui, e de ser o teu noivo amigo de meu primo!

— É verdade! respondeu a companheira de Clarinha. Tudo mereces, porque tudo deves a Deus, minha amiga. Assim se consummasse o milagre, e saisses d'aqui para o altar, como eu espero sair.

Clarinha respondeu pondo os olhos no horisonte e as mãos entre as mãos da amiga.

As relações das duas meninas dia a dia se estreitavam cada vez mais.

Clarinha era como certas plantas delicadas, que precisam encosto. Sentem-se fracas para viver desamparadas: estendem os seus braços de verdura a procurar esteio.

Assim é que as grinaldas da hera, sempre viçosas e festivas, marinham pelas pedras calcinadas das ruínas, e as enleiam ternamente.

Clarinha fazia lembrar a hera, não por ser festiva, mas por necessitar amparo.

Progredia parallelamente, permitta-se a expressão, a intimidade dos dois condiscipulos.

Começaram por passeiar juntos e acabaram por estudar em commum.

Os alumnos do Curso Superior de Letras distinguiam-n'os; os professores tambem.

Em admiração pelo monarcha, que assistia ás prelecções, attentamente, gravemente, sentado ao lado direito dos professores, não havia ainda quem os igualasse.

E todavia não suspeitava Alvaro Vaz, quando estava contemplando el-rei, que o principe sentia o coração angustiado todas as vezes que o via nas aulas, e que a si proprio se accusava de lhe haver prolongado o sonho da sua ardente imaginação insaciavel.

O monarcha reputava-se causa efficiente dos soffri-

mentos de todas as pessoas que se aproximavam do throno. Alvaro Vaz não soffria, é certo, mas soffria por elle e por si Clarinha, que se havia encerrado n'um convento, voluntariamente privada do mundo e da mocidade.

— É fado! dizia de si para comsigo o senhor D. Pedro V. O meu é soffrer; o d'este desvairado moço é sonhar.

E só a palavra vigorosa e pittoresca de Rebello da Silva, que scintillava em catadupas d'eloquencia, chamava o espirito apprehensivo e tímido do monarcha á realidade.

El-rei, como se despertasse de uma breve divagação, inclinava a fronte, curvada como n'uma velhice precoce, apoiava-a na mão esquerda, que firmava no Joelho.

E continuava a ouvir.

Decorridos dez mezes do anno de 1861, e entrado novembro, que tristemente devia ficar assignalado na historia portugueza, estavam gravemente enfermos el-rei e seu irmão o infante D. Fernando. Grande era a anciedade do publico pelos acontecimentos do Paço. Estremecia, receioso de novas calamidades, o coração do povo. A enfermidade dos principes, attribuida á humidade do tempo durante uma excursão a Villa Viçosa— que tinha por fim adormecer saudades da infanta D. Antonia— vovera-se thema de geraes perguntas, cuidados e vaticinios.

Na manhã do dia 6 correra de bocca em bocca a noticia do fallecimento do infante. Havia de novo penetrado

a morte no Paço, e se, dois annos antes, arrebatara um anjo idolatrado, roubava d'esta vez uma criança querida. Pouco mais de quinze annos contava o infante. Ao inesperado luto acrescia, cada vez mais intensa, a anciedade geral. El-rei continuava enfermo, e todos sabiam como o seu amantissimo coração devia soffrer com o estalar inesperado d'esse laço de familia.

— Quería matar uma saudade e abri um tumulto! dizia el-rei já prostrado pela doença, alludindo á excursão a Villa Viçosa.

Até no leito, esvaído o cerebro, era perseguido pelo sombrio cortejo dos seus tristes pensamentos!

A enfermidade moral aggravava os soffrimentos physicos. Grande numero de pessoas ia todos os dias ao Paço informar-se do estado d'el-rei. Alvaro Vaz, mais inquieto e mais receioso que ninguem, ia duas vezes: pela manhã e de tarde. Na noite do dia 9 voltou do Paço, com o seu condiscipulo brasileiro, sobremodo alvoroçado.

A vida d'el-rei corria perigo. Tristes eram as considerações dos dois moços ao longo do caminho. Sobre os pensamentos d'um e outro pesava, como negra cupula, a noite.

— Que desgraça! que desgraça! dizia Alvaro Vaz. Nasce nobre e brilhante um espirito, como o do rei, e vê desfolhar hora a hora as mais queridas flôres do seu affecto, e sente, aos vinte e quatro annos, crestadas pelo gelo da morte as petalas das suas desfolhadas illusões!

O moço brasileiro parecia cada vez mais absorto em suas preocupações dolorosas.

— Fala ! exclamou Alvaro Vaz ; ampara sequer a minha dôr !

— Que hei de dizer-te, Alvaro ? Vinha a lembrar-me de dois versos d'um poeta por ventura anonymo. O coração d'el-rei estava ferido por continuos golpes ; para que não deixe de bater, tão breve como infelizmente se conjectura, seria preciso um novo milagre d'amor, e esse milagre é quasi impossivel. O desconhecido poeta disse uma grande verdade :

Guardae o coração ferido...
Se o não quereis dar ao nada

— O quê ? ! perguntou como sacudido por centelha electrica Alvaro Vaz. Esses versos ? . . .

— Não sei de quem são. Pergunta a tua prima que os entalhou na parede da cella. Agora é-te facil deprehender como eu soube este segredo de tua prima.

— Minha prima, replicou com incredulidade Alvaro Vaz, não sabe escrever nem cura de versos . . .

— Enganas-te, Alvaro. Do convento saem todas as semanas trez cartas para teu tio. Encarregaram-me de as lançar ao correio, sob promessa de t'ò não dizer. Essas cartas são de tua prima. A razão do mysterio não t'a posso revelar, posto a saiba, porque jurei guardal-a pela memoria de minha mãe. O mais que te podia dizer, violando ainda assim uma promessa, já t'ò disse.

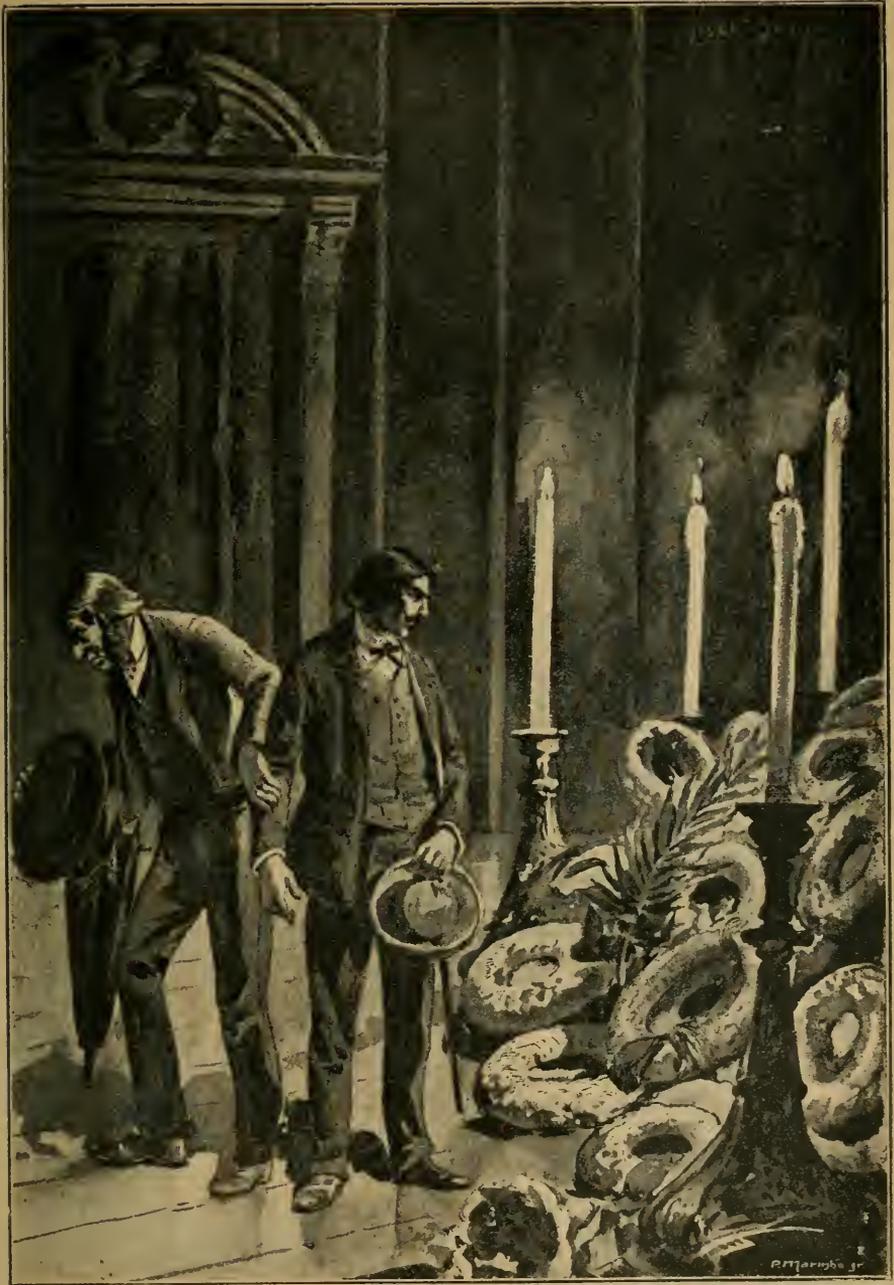
— O quê ? ! repetia aturdido Alvaro Vaz. Esses ver-

sos!... ah sim... escrevi-os em Alcobaça... Por isso meu tio ria e ella córava!

N'este momento deram signal de preces publicas os campanarios de duas egrejas proximas.

Estremeceram os dois moços e, sem haver trocado mais palavra entre si, encaminharam-se para um dos templos.

A' mesma hora orava Clarinha, entre a communiidade do convento de Santa Joanna, pela vida do rei.



O ancião tirando docemente pelo moço (pag. 254)



XVI

A lenda do rei santo

CERCA das onze horas da noite, passeava Alvaro Vaz freneticamente sob o calado arvoredo de S. Pedro d'Alcantara. Havia-se despedido do moço brasileiro. Nenhum tivera forças para articular um monosyllabo. N'aquella attribulada conjunctura, em que mais careceriam de mutuo soccorro, ambos sobremaneira commovidos, apertaram-se mutuamente a mão e separaram-se.

Na alma de Alvaro Vaz succediam-se as visões, as surpresas, os presentimentos.

Enfiando o olhar por entre os montes do Castello e da Graça, na direcção de S. Vicente de Fóra, elle julgava vêr erguer-se lentamente de dentro do tumulo, que esperava el-rei, uma estranha figura, que não era o scismador archanjo da saudade, habitualmente triste como

o eterno crepusculo que se lhe apaga nos olhos, mas a doce e casta imagem da Poesia de todos os ideaes mallogrados, ferida no seu vôo audaz pela morte implacavel.

E a vaporosa imagem ia tomando vulto, e cada vez mais se aclaravam os contornos, e se implumavam as azas longas e nevadas, e se arqueavam os braços, que pareciam alongar-se para elle, a procural-o, a chamal-o, a prendel-o, captivo de uma fatalidade irremediavel.

Ao mesmo passo redobrava de intensidade, nos campanarios da capital, a voz dos sinos que choravam lagrimas sonoras, impellidas pela aragem fria da noite, sobre o leito do rei moribundo.

Abriam-se de par em par os templos, porque a torrente da multidão augmentava a cada badalada plangente, e fechavam-se os theatros, momentos antes concorridos e ruidosos, e apagavam-se as luzes que haviam projectado sobre as dôres do proscenio reflexos phantasticos, porque a dôr d'essa hora era real, profunda, espontanea e commum.

O presentimento de que a vida de el-rei estava suspensa nos braços do anjo da morte, sobre o abysmo da eternidade, lavrava com a rapidez com que se desdobra no céu a nuvem negra que dentro em pouco ha de cingir a esphera da terra n'um circulo de ferro— o anel sinistro da tempestade, que tem por scintillações os relampagos.

A alma do povo é como o oceano.

Azul á superficie, quando o céu é sereno, o mar esconde no seio profundo das aguas a labutação incessante das mysteriosas officinas da materia viva.

Quando, pouco tempo antes, as multidões viam passar o rei, admirado de velhos e moços na fiôr de seus verdes annos, erguiam, para cobril-o d'uma chuva de flôres, os braços numerosos de Briareu. Mas uma suspeita amarga, como corrente no oceano, atravessava o conjuncto das almas, e as saudações que outr'ora desabrocharam nos labios repercutiam-se agora em vozes flebeis e timidas nos eccos do pensamento.

Ainda como no oceano, a alma do povo, quando o raio da procella desce a fulminal-a, alvoroça-se, encapella-se, ondêa, espuma, referve, e sobrepõe aos cachopos que lhe embargam o passo o seu vasto, immenso, indomito rolo de vagas.

Assim aconteceu.

Espalhou-se subitamente, inesperadamente, a noticia de que o estado do rei era perigoso, e logo correu aos templos, desconcertada, imperiosa, irreprimivel a enorme torrente da multidão que procurava a cruz do Redemptor. Se encontrasse, não obstante já ir adiantada a noite, fechadas as portas das egrejas, forçal-as-ia n'um esforço herculeo, e irromperia ao longo da sombria nave até rolar ao sopé do altar, onde se alastraria piedosa, concentrada, supplicante.

Mas as portas abriram-se como por encanto, e as lampadas appareceram accesas, e os altares descobertos, e no meio do silencio, que o respirar de centenas de pessoas não perturbava, cruzavam-se os dois madeiros da redempção, negros, immoveis — um erguido para o céo, onde se guardam os balsamos da consolação ineffa-

vel; o outro atravessado sobre a terra, onde gemem desgrenhadas as angustias humanas.

A religião de Christo é seguramente a mais suave, a mais calma, a mais tranquillizadora, e razão temos para adorar a cruz, não só porque esteve levantada no topo do Calvario, mas também porque, enchendo o mundo d'um lado a outro, d'alto a baixo, sempre aponta para o firmamento, ou abrindo os braços para a orla do horizonte ou apumando-se para o zenith. Por qualquer modo que o olhar dos homens a acompanhe, sempre foge da terra e procura Deus.

Evaporam-se as ondulações do incenso, extingue-se a flamma dos lampadarios, desmaia o colorido das flôres, apaga-se a purpura das sanefas, calam-se as melodias do orgão, e por mais solitaria e abandonada que pareça a cruz do Redemptor, tem sempre a mysteriosa magestade a cujos pés se rendem os corações, no altar ou no caminho, ao luar ou ao sol, na cidade ou no ermo.

O povo portuguez n'essa tormentosa noite de 9 de novembro de 1861, em que o chamamento ás preces o surpreendeu, orou e tranquillizou-se.

Não era que a anciedade decrescesse, era que o balsamo da resignação, como pendem d'uma arvore secular gottas d'orvalho, chovera sobre as almas attribuladas, e que os olhares da multidão, enleando-se na cruz do Homem-Deus, haviam tomado a direcção que os anjos seguem ao adejar para as alturas.

O povo comprehendeu que o perfume das flôres — das flôres que elle tão bem conhece das suas festas — se

faz alma nos homens, e que assim como o perfume se desprende do calis da bonina, se desliga a alma do involucro terreno.

Ao entrar nos templos, cria em sua allucinada afflicção que a morte do rei representava o roubo traiçoeiro de uma vida preciosa; que era a subtracção d'um thesouro, a delapidação d'uma riqueza nacional.

Ao sair o atrio das egrejas, vinha repetindo triste mas resignadamente, revelado o mysterio da immortalidade da alma: «O rei não é nosso!»

Quem lh'o revelara?

Foi a cruz do Redemptor, o lenho santo do Calvario.

Desde essa hora a dôr do povo manteve-se serena, humilde, obediente.

Ainda n'essa noite, e na manhã seguinte, encheram-se as primeiras salas do Palacio das Necessidades.

Não havia clamores, prantos, desespero. Interrogavam os olhares; as boccas, não.

A angustia estava nos semblantes, não nas palavras.

E assim como a luz tenue do crepusculo mais esmorece ao atravessar o vapor aquoso da atmospheria, assim os reflexos dos olhos chorosos mais se entibiavam ao coar-se através do véo das lagrimas.

Era a dôr muda que inclina a fronte paciente sob a corôa d'espinhos, e estende os braços ás gramalheiras do soffrimento, e põe os olhos no céo, que foi onde Christo os poz quando expirava na cruz.

Dôr augusta, solemne, dôr unica, porque a natureza

humana só a pôde supportar uma vez sem estalar fibra a fibra.

E o estado do rei era cada vez mais desesperado.

No dia 10, a hora em que já se antecipava o luto e a saudade no seio da côrte e no coração do povo, um sacerdote exemplar, o conego Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso, ouvia dos labios do principe agonisante a extrema confissão de suas virtudes.

Era a realisação de um desejo muitas vezes manifestado. Ao illustre marquez de Ficalho, dedicado e provado amigo da casa real portugueza, havia pedido el-rei, no ultimo dia em que pôde conservar-se de pé, que, com a lealdade de dois soldados que eram, o avisasse da hora do perigo para receber os sacramentos.

Singular providencia de um moço em floridos annos, a de estar recommendando — elle proprio — os preparativos da eterna viagem; e singular resignação a sua, só comparavel á dos velhos a quem a existencia já pesa e enfada muito.

No dia 10 a vida d'el-rei pareceu haver tocado o seu termo. Após violentas convulsões, profunda prostração sopitou o augusto enfermo.

Dir-se-ia que o seu olhar se havia já nublado com as sombras da morte.

Engano.

O senhor D. Pedro V antegostava as doçuras do paraíso e, tão amoroso era o seu coração, que, já mais do céo que da terra, ainda tinha olhos para ver os que amava e velavam em redor do seu leito.

Foi então que ao ministro das obras publicas, Thia-go Horta, muito versado em litteratura italiana, recordou as estrophes do poeta florentino:

Per me si va nella città dolente,
Per me si va nell'eterno dolore,
Per me si va tra la perduta gente,

e que a cançada phantasia, entre-ouvindo os côros celi-cos, a curta distancia,

Tutti dicean: *Benedictus, qui venis;*
E, fior gittando di sopra e d'intorno,
Manibus o date lilia plenis,

figurava ainda com as côres da poesia terrena o anjo que para o Dante havia tido, entre os homens, o nome de Beatriz e para el-rei o de Estephania.

Era que a ephemera vizão, que pela saudade pertencia ainda á terra, se entremostrava já ao principe moribundo aureolada pelos resplendores que a envolviam, e chamava o esposo, eleito do seu coração, para as bodas eternas d'além-tumulo.

Mas se a alma do principe cada vez se apartava mais, instante a instante, do throno portuguez e se aproximava do mysterioso templo onde deviam celebrar-se as nupcias mysticas, ainda, todavia, a prendiam ao mundo laços d'amor, e o senhor D. Pedro V quiz receber d'el-rei seu pae a benção da despedida.

Faltaram subitamente as forças ao coração do senhor D. Fernando, e, só por esforço que os affectos extremo-

sos conseguem ás vezes, foi que este principe teve nos labios palavras de consolação á mistura com sorrisos de falsa esperanza.

Mas a intelligencia é como a chamma que, ao apagar-se, crepita vivida.

El-rei oppoz ás consolações de seu pae a ancia com que a alma se estava já levantando para Deus, e para os que estavam em torno de Deus.

Foi indescriptivel esse lance, a lucta sacratissima das duas almas, das quaes uma sorria já para o céu, e a outra tinha ciumes dos sorrisos entre-abertos para os anjos.

No coração do pae a saudade e o amor, o calmo desconforto de quem vê partir uma pessoa querida para um destino melhor, e o maguado despeito de perdela para sempre

No coração do filho a alegria de ir encontrar os que viviam longe e a magua de deixar os que ainda estavam perto: de um lado a terra, com as suas dôres, as suas lagrimas, os seus espinhos — e, como lenitivo a todos os soffrimentos, a familia; de outro, o céu, a felicidade eterna, a paz ininterrupta, a aurora perenne e, como corôa de todas as venturas, a familia tambem.

Até na morte não podia o rei adormecer uma saudade sem despertar outra!

Todavia a hora da separação avisinhava-se e, antes que o pendulo da vida estremecesse na ultima vibração, queria a alma do rei ser da terra o mais que pudesse ser. Desejou ver todos os seus ministros, dar-lhes, com o derradeiro adeus, o derradeiro testemunho de affecto.

N'aquella hora decisiva, e já na manhã do dia 11, não desmentia o principe moribundo a serenidade com que, poucos annos antes, atravessava nos hospitaes, dedicado, imperturbavel, as cerradas fileiras da morte. Se então tivera para as victimas da epidemia palavras de conforto, ainda para as victimas da saudade as queria ter agora.

A agitação da febre fizera com que el-rei se descobrisse. Acudiu o ministro Horta a conchegar-lhe dos pés a roupa da cama.

— Tambem isto são obras publicas? perguntou o principe sorrindo.

Como a luz flammejava ainda!

Vós, os que fazeis da alma um alento ephemero, uma folha que o vento da morte despega do tronco e roja á terra; que vos rides da nossa credulidade, ao pé do leito do moribundo ou deante do altar de Deus, vêde agora que na vossa mysteriosa força vital ha uma cousa de que nesciamente zombaes, a luz, a chamma, a aurora que domina as sombras da morte, e as afugenta, e brilha como pharol em noite escura, e diz aos naufragos do mundo: «Aqui estou!»

E alli está Deus.

Reinava profundo silencio na camara real. Onde mais se condensavam as sombras, ahi estava lacrimoso um grupo.

Perto, e sentado, velava o marquez de Bemposta. Percebeu el-rei que o nobre marquez afugentava as moscas que procuravam o leito.

— Já véem ao azeite! exclamou o principe, que não

pudera lembrar-se do nome das aves agoureiras, que, alta noite, penetram nos templos para sorver o oleo das lampadas.

Mas, como o entendimento reagisse por conhecer ainda o equivoco, perguntou :

— Como se chamam as aves que procuram o azeite ?

O ministro Horta quiz ainda illudir o pensamento de el-rei, e respondeu :

— São os tordos que andam á azeitona.

O rei comprehendera, e tinha sido comprehendido.

Havia-lhe faltado alento para exprimir mais longamente a sua presaga ideia.

O senhor D. Pedro V considerava-se morto.

E, n'esse mesmo dia, pelas sete horas e um quarto da tarde, era irremediavel realidade para todo o paiz o triste pensamento do moribundo.

O rei de Portugal era effectivamente cadaver.

A multidão que, apezar do temporal, fazia, no largo das Necessidades, guarda ao palacio d'el-rei, ficou empedrada, perplexa, attonita.

O que nas grandes dôres ha de horrivel, não é só o serem grandes, mas tambem o parecerem sempre novas.

Esperam-se e surpreendem; passam e repetem-se.

A salamandra vivia no fogo; ellas vivem nas lagrimas; e, como as lagrimas podiam seccar, as grandes dôres renascem de si mesmas, como a phenix.

A morte d'el-rei foi para Portugal uma surpresa esperada e, por isso mesmo, incomparavelmente angustiosa.

Pouco depois das sete horas estava no leito um cadaver, velado o rosto por um lençol; á cabeceira improvisara-se um altar e sobre elle collocara-se um crucifixo allumiado por quatro vélas de cera. Entre o leito e o altar resava um sacerdote, Fr. Gabriel de Jesus Maria. E n'aquella camara funebre, em todas as salas, nos corredores, no atrio, em todo o Palacio, dominava o gelido silencio da morte.

E, todavia, dentro do Paço e fóra do Paço, parecia ainda um funesto sonho que el-rei houvesse expirado!

E logo ahi começou a deificação, porque balsamos divinos haviam cicatrizado as feridas do desespero, e o povo comprehendera que o rei vivia ainda, aureolado no céo como na terra, a vida dos justos, dos bons, dos santos.

O Paço das Necessidades foi durante os dias 14 e 15 atravessado, desde que as portas se abriam até que se fechavam — e só eram fechadas no decurso da noite — por lutuosos grupos de nobres e populares, que ajoelhavam orando, profundamente recolhidos, á beira do feretro.

Ahi começara, em torno da eça, a formar-se a lenda do rei em lagrimas silenciosas e ardentes orações; depois completaram-n'a os suffragios, os monumentos, as escolas, os hospitaes, as associações que tomaram por divisa o nome de D. Pedro V.

Que profunda, e ao mesmo tempo que resignada tristeza a do povo!

O céo por muitas vezes havia annunciado que a vida

do rei era sua, e ainda trez annos antes assignalara, com um violento tremor de terra, o dia em que reivindicaria o seu thesouro.

E o povo confortava-se com a certeza de que o principe se volvera anjo.

Esta doce convicção revelava-se em todos os dialogos, em todas as palavras.

Oiçamos um.

Ao entardecer do dia 14, um pallido moço, de fronte inclinada, e um velho de longos cabellos brancos atravessaram, agrupados com o povo, a *Sala da Tocha*, no Paço das Necessidades, e a sala immediata, até que entraram á camara ardente.

Cerca de dez minutos estiveram orando.

Depois o moço ajudara o velho a erguer-se, e ambos ficaram de pé algum tempo, com os olhos postos na larga cruz branca, que se estendia ao longo do feretro real sobre panno de velludo franjado de ouro.

Era precisa alli a cruz para vencer, no animo dos que entravam, a saudade que, por intensa, tentava reagir a cada instante.

O ancião, tirando docemente pelo moço, segredou-lhe ao ouvido com voz tremula de commoção e velhice:

— O que é a vida! o que é a vida! Allí estão vinte e quatro annos!

Estremeceu, subitamente galvanizado, o moço.

Cada vez se tornava mais caudalosa a multidão. Uma onda os impelliu até á porta; se ella os não arrastasse, não

haveria forças que os pudessem arrancar a tão doloroso recolhimento.

—A vida, meu tio,— disse Alvaro Vaz, porque o moço era elle, já fóra do atrio das Necessidades — a vida é a flôr que se desfolha. Quem puder ser feliz, guarde bem a sua felicidade, porque a morte é impiedosa — rouba-a.

João Vaz parou de subito e, voltando-se para as janelas cerradas do Paço, exclamou com ardor que se diria juvenil:

— Ainda bem! ainda bem! que pude ouvir estas palavras! A Deus as agradeço e á alma do rei tambem, que por nós todos intercedeu!

No dia dos funeraes, dia chuvoso e lugubre, porque a natureza tambem vestira luto, acompanhavam o immenso, o imponente, o magestoso cortejo que seguira o rei santo até á sua ultima morada, — o moço e o ancião, o moço entre os seus condiscipulos do Curso Superior de Letras, o ancião a pequena distancia d'elles.

—Pena tenho eu — disse João Vaz ao sobrinho em S. Vicente de Fóra — de o não poder acompanhar até á porta do paraiso! . . .

—E se eu lhe pedir, meu tio, que me acompanhe até lá?

—A ti?! Queres morrer, Álvaro?!

—Não, quero entrar no céo, meu tio. Quero que se abra a porta do convento de Santa Joanna e que seja essa a porta do paraiso.

—Milagre! milagre! repetiu tremulo João Vaz. Milagre!

E a meiga vizão, que surgira aos olhos de Alvaro Vaz quando a voz dos sinos, que chamavam á oração, subito o despertara dos sonhos fallazes da mocidade, o doce anjo que parecia ajoelhar sobre as flôres desfolhadas á beira do feretro real, ia-o acompanhando para amparal-o n'essa hora de intimo desconforto e repetindo-lhe o verso do poeta que el-rei recitara ao morrer :

Guardami ben: ben son, ben son Beatrice.

Olha bem para mim: eu sou Beatriz.



Alvaro ouvia-lhe a respiração anciada (pag. 264)



XVII

Realização de uma prophécia

Saira do palacio das Necessidades, depois das dez horas da manhã, o prestito funebre, e eram cinco da tarde quando o cadaver do senhor D. Pedro V entrava no real jazigo de S. Vicente de Fóra, tamanho numero de pessoas concorreram espontaneamente aos funeraes.

Concluidos os actos religiosos, abeiraram-se do atauda as muitas associações e individuos que levavam flôres para depor como funebre homenagem.

Foi do numero dos ultimos Alvaro Vaz que, tremulo o braço e demudado o semblante, poisou sobre o feretro uma corôa de perpetuas.

Commovente testemunho d'affeição foi esse, o de inflorar com grinaldas rociadas de lagrimas o derradeiro leito do rei amado. Flôres e lagrimas! flôres que são festa, e lagrimas que são luto... Eloquente symbolo do

intimo pensamento do povo! Flôres para o anjo; lagrimas para o cadaver. Flôres para a primavera do céu; lagrimas para o inverno da terra.

E de flôres e lagrimas se entreteceram as primeiras estrophes do poema legendario ainda hoje suspirado, com rediviva ternura, sobre a memoria do rei santo.

Anoiteceu lutuoso, como havia amanhecido, esse dia memorando.

Caira a noite do céu sobre a noite das almas.

O sol do dia seguinte — o sempre triste sol do inverno — alvorecera receioso e pallido, porque baldadas seriam torrentes de luz, se em novembro as houvera, para seccar as lagrimas ainda não enxutas nos olhos que a vigilia conservara abertos.

Não obstante, uma das meninas recolhidas no convento de Santa Joanna vira, a meio da manhã, entrar no pateo Alvaro Vaz e o tio.

O camponez precedia o sobrinho, e olhava curiosamente para as janellas do convento, como a procurar alguém, desejoso de antecipar uma revelação.

Foi pressurosa a menina dizer no côro á sua amiga d'Alcobaça que a procuravam o tio e o primo, e em breves palavras contou, com inexplicavel alvoroço, quanto involuntariamente pudera ver.

Agitou-se o coração de Clarinha sem atinar com a causa provavel de sua perturbação, e perdia-se em conjecturas, quando lhe vieram dizer que um e outro haviam sido introduzidos no locutorio.

A belleza de Clarinha tinha n'esse dia a morbidez

dos lírios. Havia chorado pelo rei as lagrimas que resecam as faces, e que, em torno dos olhos, se arroxeam em violetas. Mal que entreluzira melancolicamente a manhã, ajoelhara a lêr orações por alma d'el-rei. Não tivera tempo de compôr os seus longos cabellos. Estavam desalinhados, riçados negligentemente. Denunciava a casta e singela formosura da mulher que chora. A mulher que chora! Se alguma coisa completa a mulher, são as lagrimas. Que ella chore, e todas as delicadas fibras da sua organização terão vibrações melodiosas; — o teclado dos sentimentos modulará todos os sons da ineffável musica que a natureza lhe poz na alma.

Clarinha ficou tão aturdida, e tanto á pressa desceu á grade, que não fizera reparo em si. Aparecera com o seu livro d'orações na mão — o seu doirado livro d'orações, a que servia de marca a folha de papel em que o primo, seis annos antes, escrevera uma prophesia — os versos.

Sacrilegio? Não. Instincto de adoração peculiar aos infelizes. Tão sagrada reputam a sua dôr, que com quanto ha sagrado a confundem.

João Vaz estava-a esperando impaciente para desabafar os jubilos que trazia n'alma, onde a saudade d'el-rei lh'os consentia, porque eram gemeos, saudade e jubilos, e não havia separal-os.

O coração de Alvaro tão violentamente batia, que o obrigou, por exausto de forças, a encostar-se á grade, e, tamanha foi a commoção quando viu a prima, bella d'aquella morbida belleza, com o seu livro d'orações na

mão, traíndo-se despercebida de que se traia, que apenas logrou vel-a, no primeiro momento, através d'uma neblina irisada, o que quer que fosse de nuvem e sol.

Só quando pela primeira vez avistara el-rei, no Paço das Necessidades, tivera egual impressão, que parecia resultar da refracção da luz n'um veu de lagrimas.

A voz de Clarinha soou como um canticô de infinita doçura, e assim como o sol vae rarefazendo as nevoas da manhã, ao subir no espaço, assim a imagem de Clarinha ia pouco a pouco recortando a nuvem que a principio a velava como gaze doirada que fluctuasse nos olhos do primo.

Nunca tão formosa lhe parecera, nem tão meigo o olhar! nem tão melodiosa a voz!

O livro das orações completava o quadro. Que de confusos pensamentos que elle accordou na alma de Alvaro Vaz! Ler! ella, a serrana gentil, entender, por amorosa e dedicada, os dulcissimos hymnos da egreja e da poesia christã, só para se nobilitar a seus olhos! deter as mariposas do espirito humano — que todos os dias nascem com novo colorido e adejando procuram a chamma da morte — e dizer-lhes, em vez de orgulhosa, humilde: «Parae, ó ideias aladas, ó fugitivas borbo letas da phantasia do homem, que já não sois para mim um mysterio. Toda a intelligencia é uma rosa fechada em botão; por esforço de vontade procurei o sol e eis-me flôr.» Orar! ella estava a orar, a chorar balsamos santos sobre o tumulto do rei, transportada a S. Vicente de Fóra, porque

a oração é uma aza, feita de plumas do céu, e leva a alma onde a alma quer ir. Esperar! ella esperava ainda, depois de longos seis annos e, como se sentisse desalentada, porque o tempo ia rolando veloz para a eternidade, arrasando crenças, flores e vidas, amparava-se á cruz, soccorria-se á oração!—pharol da fé na cerração da existencia.

Foi João Vaz, como era de prevêr, o primeiro que tentou falar.

Chorava e ria. As lagrimas e os sorrisos embargaram-lhe por algum tempo a voz.

Era todavia preciso que falasse, que deixasse irromper do peito o fogo estranho que n'essa hora lhe estava aquecendo o coração, e remoçando-lh'o, sem embargo das lagrimas que desciam vagarosamente pelas faces.

—Clarinha! filha! venho dizer-te — e com que felicidade t'ó digo! — que a alma d'el-rei já fez um milagre! Olha bem para teu primo, Clarinha. . .

—O primo está doente e commovido. Não estranho a sua dôr. Se tanto amava el-rei, e tanto lhe devia! Também eu lhe devia e o amava muito! Por isso o tenho chorado e chorarei. Não se constranja, primo.

—Todos devemos chorar, Clarinha. . . sim. . . mas não é agora. . . n'este momento. . . Nunca esperei vel-o, filha, e todas as noites cuidava que não teria vida para tanto! . . .

—Que diz, meu tio? perguntou anciosamente Clarinha, receiosa de estar sonhando.

—Digo que vaes sair d'este convento. . . e para sem-

pre... Entendes, filha? Para viveres sempre em Alcobça... na nossa querida Alcobça, por vontade de teu primo... Entendes-me bem, Clarinha?... E olha lá... trata de arranjar as tuas coisas... que eu vou a casa do procurador para tratar das licenças no Patriarchado... Depressa, filha, depressa... que os nossos pomares já estão com saudades de ti... e nem dão fructo que pres-te!... Bem, eu já desabafei... Vou tratar das licenças... Adeus, meus filhos... até já, até logo... Vou tratar das licenças... Isto foi milagre! milagre reconhecido!... Eu venho, eu venho...

E saiu, chorando e rindo, como entrara, doido de alegria, feliz de ter vivido até áquella hora de suprema felicidade.

Clarinha, offegante, alhejada, com os olhos humidos de lagrimas— as lagrimas das grandes commoções — escondia o rosto nas mãos convulsas.

Alvaro ouvia-lhe a respiração anciada, e não ousava levantar os olhos, porque receiava que um olhar da prima o accusasse.

Illusão!

Clarinha não sabia accusar; sabia soffrer.

Houve alguns momentos de ancioso silencio, até que Alvaro Vaz pôde dizer muito a medo:

—Clarinha!

E muito a medo respondeu Clarinha:

—Primo!

Os primeiros gorgeios de uma ave são timidos e soluçantes.

Eu já ouvi, ao anoitecer d'um dia de primavera, uma porfia de rouxinoes. Estavam-se espreitando d'entre os salgueiros como se um ao outro se temessem. O cartel de desafio foi um som ligeiro, tremulo e fraco. Respondeu-lhe outro som, emitido com difficuldade e timidez. As phrases que se succederam vacillavam no ar como espheras de sabão, mas a breve trecho, as duas aves, adestrada a garganta, desdobraram um prodigioso volume de voz, que encheu toda a viridente espessura do salgueiral.

Os dois primos estavam, no convento de Santa Joanna, como os rouxinoes no primeiro momento do seu repto amoroso.

Até que finalmente cobraram alento.

— Clarinha — disse Alvaro Vaz — a minha alma deve ter-lhe parecido ingrata, indigna da sua . . .

— Primo!

— Não, Clarinha, não nos enganemos n'esta hora em que nos devemos entender para sempre. Vivi a sonhar, não sei que estranha fada poz á roda do meu berço as doidas chimeras que durante tanto tempo me perseguiram! O que eu previa, o que eu sonhava, meu Deus! A terra era para mim o espinhal que rasga todas as azas, as dos anjos e dos homens, e Clarinha estava na terra, e eu, apesar da minha condição humana, sonhava ter azas e não queria rasgal-as. Subi, subi, onde fui eu? Não sei, Clarinha, não soube nunca. Batia as azas e voava para o mundo que imaginei. Não passava de miragem o termo da minha peregrinação. Estava no ar; não podia estar em mais parte alguma. E emquanto eu assim malbaratava

a vida mentindo a mim proprio, a prima sonhava e estimava-me deveras, oh! se estimava, com que dedicação! E chorava! Cada lagrima sua é hoje para mim um remorso. Perdôe-me, Clarinha, como se perdoa a um louco que recupera a razão.

— O' primo, pelo amor de Deus! Abençôo as lagrimas que chorei, porque me trouxeram esta hora de felicidade. Não se accuse, primo; condemne antes a minha dedicação.

— Não, não posso condemnal-a, Clarinha, porque, se não fôra ella, o meu pobre coração, ferido pela triste desillusão que a morte do rei, que o apagar-se d'aquella grande intelligencia, devia dar a quantos sonhavam ainda os sonhos mentirosos da mocidade, teria gelado agora, irremediavelmente. Lembra-se dos meus versos, Clarinha? Se lembra! Bem sei que os decorou, bem sei que para os ler a toda a hora foi que os aprendeu a ler. . . Ahi está o seu livro d'orações que, se eu já o não soubesse, trairia o seu segredo, prima.

Subito rubor afogueou as faces de Clarinha.

Achou-se surprehendida. Estava ali a denuncial-a o seu livro de orações. Desculpar-se era mentir. Affirmar era elogiar-se.

Córou e calou-se. Occasiões ha em que as faces dizem mais do que as palavras. Essa era uma. O rubor é a capa do poema que está na alma, e por via de regra a capa é tão transparente que deixa adivinhar o livro.

Alvaro Vaz comprehendeu o que se passava na alma de Clarinha.

— Ha seis annos — continuou elle para atalhar a perplexidade da prima — ha seis annos que eu escrevia uma prophesia, inconscientemente, ao sabor de uma imaginação exaltada, fogosa e louca. E no tropel dos meus desvairados pensamentos cheguei a esquecer os meus pobres versos! Mas o certo é, Clarinha, que eu disse a verdade:

Mas se eu cair como a folha
Na onda do vento inquieta,
— Que o vento tudo desfolha,
Olaya, rosa ou violeta --
Tal como a folha é guardada
Dentro d'um livro querido,
Guardae o coração ferido. . .
Se o não quereis dar ao nada.

Clarinha escutava em extasis.

Havia seis annos que ouvira aquella voz murmurando a mesma cadencia sob a ramada d'Alcobaça. Ella escutava, a occultas, na janella. Então passara nos seus ouvidos como fugaz melodia. Foi-lhe grata a melopea, mas não a entendeu. Pediu os versos ao primo — tanto a namoraram—e, animada da esperanza de os perceber, chegou a comprehendel-os. Agora ouvia-os e entendia-os, e de mais a mais estava realisada a prophesia que continham e que, sem ser a infelicidade do primo, era a sua felicidade.

As esperanças, por longo tempo enraizadas no coração, floriram todas n'essa hora. Impetuoso borbulhar de seiva nova que faz com que tudo seja verde, alegre, festivo! Clarinha contou as intimas impressões da sua vida,

os seus desalentos, os seus receios, as suas maguas, as suas crenças. Toda essa dolorosa narrativa foi atravessada por um raio de sol, que a doirou. Rasgaram-se as nuvens e desannuearam as estrellas. Cobrou animo, deixou vêr os arcanos da sua alma, como, aberto um cofre, patentea as perolas que contém. E o certo é que quasi tudo eram perolas, porque quasi tudo eram lagrimas.

Como os rouxinoes do salgueiral, os dois primos haviam perdido o receio que a principio os acobardara, e desdobravam as volatas argentinas, que só os namorados e os rouxinoes sabem modilhar.

— Que felicidade esta! — exclamou Alvaro Vaz depois de ouvir a expansiva narrativa da prima. — Que grande felicidade que eu desconhecia! Bem me dizia o rei, aquelle brilhante espirito que deixou um rasto de luz através dos nossos corações! Riqueza, a unica da terra, é a que as desillusões de todos os dias não diminuem. Para ella queria viver o rei. Não invejava outra. E, se a idéa da morte lhe sorria, é porque tinha a convicção de continuar no céu o poema d'amor que se interrompera na terra. Tudo mais são flôres d'um dia. A mocidade é a rosa: desfolha-se, perde-se. Ficam petalas dispersas — as recordações, e de recordações não se póde viver, porque ellas são a vida que já se viveu. O canteiro do lar é o unico que o outomno respeita. Uma só arvore, robusta, profunda, copada, lhe dá sombra — é a familia. Passam os temporaes da vida por ella, e ella resiste. Poderão agital-a, mas não a prostram. Quem me disse isto tudo, Clarinha, isto tudo que eu tão erradamente interpretava?

Foi o sino que convidava á oração, foi o cadaver do rei, mais que tudo isso, a alma de el-rei D. Pedro V. Não sei se ha milagres, Clarinha, não quero sabel-o n'esta hora; o que sei é que basta um dia para dissipar as chimeras de muitos annos. . .

— Foi milagre, primo! eu presenti-o. Quando o sino do convento chamou ao côro para orarmos pela vida do rei, á tristeza que todas sentimos veio juntar-se na minha alma não sei que vago pensamento de felicidade! Lembro-me bem da oração que estava lendo. Dobrei a pagina para marcar esse estranho lenitivo a que o destino me não havia habituado. Eu lhe passo o meu livro, primo, para que veja por seus proprios olhos a dobra da folha. . .

Durou o silencio o tempo preciso para o livro das orações passar na roda da grade, das mãos de Clarinha ás de Alvaro.

— Cá está! disse elle recebendo-o e beijando a pagina! Cá está! Como eu quero a este livro em que tudo é sagrado. . . até este papel, decerto. Consente que o veja, Clarinha?

— Para que ha de vel-o o primo! atalhou sobresaltada a menina. É mais uma oração. . .

— Quero conhecel-as todas. Clarinha, para um noivo não ha segredos.

— Não é segredo, primo. Póde ver. São. . .

— Os meus versos! escriptos pela sua mão na letra das cartas que eu recebia d'Alcobaça! Estes caracteres são os primeiros traços luminosos do seu espirito. Esti-

mo-os, adoro-os. Ha seis annos que a prima me pediu os versos que eu escrevi; agora lhe peço eu os versos que a prima copiou.

— Quem me dá a felicidade tem direito a pedir-me o que eu julgava minha unica esperanza, disse Clarinha n'um casto enleio de felicidade amorosa.

— E eu, peregrino da esperanza, tudo devo a quem me dá a felicidade! Confirme-a, Clarinha. Quero ouvir dos seus labios a ultima palavra do prologo do nosso poema do lar. De hoje em diante deixamos de ser primos para sermos noivos. Tratemo-nos como noivos. . . Comprehendes-me, Clarinha?

Houve um momento de silencio em que as faces de Clarinha de novo se abrasaram n'um sanguineo colorido, vivaz como o de Rubens. Quem de repente se vê na posse da felicidade que sonhava, fica tão surprehendido, que receia dar um passo por se lembrar de que sob os pés se lhe pode cavar ainda um abysmo.

Ia abrir-se a porta do locutorio. Clarinha, sentindo aproximar-se alguem, quiz dizer a palavra que tinha nos labios, mas tanta era a sua commoção, que só pôde dizel-a depois de aberta a porta:

— Alvaro!

Quem entrava era João Vaz. Ouviu e parou.

— Deus seja louvado, Clarinha! exclamou elle. Deus seja louvado! Já se não tornará a ouvir dizer na nossa casa d'Alcobaça: Primo d'ali, prima d'acolá! Agora é que lá se começa a viver! Deus louvado! Prohibo que se fale mais de tristezas e morte. Rasga o teu testamento, Clari-

nha. Tua prima, Alvaro, queria deixar-te todos os seus bens. Importa mais ser feliz do que rico, e tu agora és feliz. . . Metti-me n'uma carruagem—porque dei hoje em fidalgo—e fui a casa do procurador. Elle vae já tratar da licença para a saída de Clarinha e para o vosso casamento. Breve se conseguirá tudo. Gaste-se o que se gastar, mas que andem depressa, foi a ordem que eu lhe dei. No caminho passei por uma igreja. Entrava muita gente, sobretudo muitas senhoras. Eram missas por alma d'el-rei. Os noivos agora que esperem! disse eu com os meus botões. A alma do rei é que nos fez este milagre! Chorei, Clarinha, nem sei se chorava d'alegria, se de tristeza! Choravam todos, velhos e novos, senhoras e homens. Na igreja não cabia um alfinete. Custou-me a sair, porque havia á porta muita gente que queria entrar. Mas enfim lembrei-me de vocês e queria vir. . . que eu queria tambem ficar. . . Nem sei o que queria, nem sei o que hei de fazer!. . . O que sei é que sou feliz, muito feliz, porque vos vejo felizes. . .

Espalhada no convento de Santa Joanna a boa nova, logo a tomaram á conta de milagre que fizera a alma de el-rei.

Clarinha passou d'uns braços a outros. A noiva do moço brasileiro declarou que não queria esperar que elle completasse o curso.

—As nossas grinaldas hão de ser eguaes, sim, Clarinha?

—Sim, minha boa amiga.

Outra menina, que não tinha ainda noivo nem grinalda, disse do lado:

— Como as meninas são felizes! Isto só por milagre!

E saiu da cella de Clarinha, e foi tirar todas as flôres do seu oratorio para collocal-as á roda de um retrato de el-rei.



...partiram tio e sobrinhos para Alcobaça (pag. 275)



Epilogo

REQUERIDA e concedida a licença para o casamento, saíu Clarinha do convento de Santa Joanna e logo, por determinação de Alvaro, partiram tio e sobrinhos para Alcobaça.

A noticia da chegada tinha-a mandado adeante João Vaz .

Não lhe permittiu o coração demoral-a.

Acudiu a felicitar os noivos toda a gente boa da villa. João Vaz, alegre como umas Paschoas, arqueava os braços para apertar contra o peito um amigo ou um conhecido, e dizia:

—Nós agradecemos muito. Eu tambem penso que sou noivo !

João do Couto quiz recitar um discurso. João Vaz atalhou-o á segunda palavra e gritou:

— Eu não lhe dizia a você que o rapaz tinha bom coração? Olhe que nem maçõn se fez!

— Que me diz?!

— Digo-lhe isto.

— Pois muito folgo! muito folgo! Então agora ficam por cá de vez?

— Que lhe importa a você onde nós ficãmos, seu curioso?

— Não era curiosidade, amigo. Queria saber se teria ainda de lêr alguma d'aquellas cartas...

— Isso já acabou, homem! O rapaz não torna a escrever; agora não importa que os mestres de Lisboa lhe estragassem... o quê?...

— O cursivo. E é que estragaram!

— Bem estragada traz você essa cabeça!

O dia do casamento foi uma festa rija de provincia. Ao entrarem na egreja, sob nuvens de flôres desfolhadas e ao som de repiques nos campanarios do mosteiro, Alvaro Vaz comprimiu ternamente o braço de Clarinha e disse-lhe:

— Está-me a lembrar agora uma expressão do Dante, do poeta a quem el-rei mais queria: *la Porta di San Pietro*.

— O quê? perguntou do lado João Vaz, que não percebera o sobrinho.

— Queria eu dizer que vamos a entrar a PORTA DO PARAISO.

— Boa novidade me dás tu! replicou João Vaz. O senhor D. Pedro V era tão nosso amigo, que não quiz entrar n'um paraíso, sem nos permittir que entrássemos

n'outro ! Pois, louvado Deus e o rei, entremos todos trez a PORTA DO PARAISO.

Sahira da egreja o grupo dos noivos e convidados, caminhando em triumpho, n'um epithalamio em acção. O dia era de inverno claro e sereno na amenidade do valle, que as lindas terras dos coutos abrandam de paz campesina e retocam bucolicamente com o brilho de bastos arvoredos e rutilas aguas. A's janellas assomavam cabeças curiosas. Magotes de operarios das fabricas saudavam confraternizando. Os sinos do mosteiro repicavam ainda como n'uma festa publica, volteando ligeiros e cantantes. Houve um momento em que João Vaz, adeantando-se ao grupo involuntariamente, parecia ser o guia dos noivos; e, por acaso, o seu lenço vermelho de Alcobaça, que a antiga fabrica de tecidos produzia, desenrolara-se-lhe na mão como uma bandeira desfraldada depois da victoria. No azul do céu, na alegria das ruas e no fundo das consciencias parecia effectivamente soar aquelle trecho da *Divina Comedia* em que o Dante, implorando a coadjuvação de Virgílio, seu mestre, lhe pede que o encaminhe aos humbraes do paraíso :

... a graça me concede

De levar-me onde agora me disseste,
A porta de S. Pedro a vêr comtigo.

FIM

NOTAS

Notas á 4.^a edição

Como vaes a Lisboa assistir ás festas da acclamação do senhor D. Pedro V,..... (PAG. 2)

Além dos jornaes da epoca, são numerosissimas as publicações que podem dar uma impressão rapida e viva d'este reinado. Com o auxilio de algumas architectei A PORTA DO PARAISO. Citarei aquellas de que tenho conhecimento, e não são ainda todas :

El-rei D. Pedro Quinto no estrangeiro em 1854 e 1855.
Porto, Typ. de F. G. da Fonseca, 1855.

Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V, por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa, livraria de A. Maria Pereira, 1861.

Noticia da doença de que falleceu sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V e das que na mesma occasião atacaram suas altezas os senhores infantes D. Fernando, D. Augusto e D. João no anno de 1861, por Bernardino Antonio Gomes. Lisboa, Imprensa Nacional, 1862.

Funeral do senhor rei D. Pedro V e de SS. AA. serenissimas os senhores infantes D. João e D. Fernando, pela sociedade portugueza amante da monarchia e beneficente. Rio de Janeiro. Typographia de F. de Paula Brito, 1862.

Tributo portuguez no transito de sua magestade fidelissima o senhor D. Pedro V, por A. F. de Castilho. Lisboa, Typ. da Sociedade Franco-Portugueza, 1862.

As composições poeticas, que se contêem n'este opusculo, foram publicadas na *Revista Contemporanea* e reproduzidas no *Outono*, collecção de poesias de A. F. de Castilho, em 1863.

Tributo á memoria de sua magestade fidelissima o senhor D. Pedro V, o muito amado. Por Castilhos, Antonio e José. Rio de Janeiro, Typ. Laemmert, 1862.

Memorias para a historia de el-rey fidelissimo o senhor D. Pedro V e de seus augustos irmãos, por Francisco Antonio Martins Bastos, cavalleiro da ordem de Christo, mestre de suas magestades e altezas reaes. Lisboa, Typ. Universal, 1863.

Elogio historico de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, protector da academia real das sciencias de Lisboa, proferido na sessão publica de 26 de abril de 1863, pelo socio effectivo Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, Typographia da Academia, 1863.

Este elogio é seguido de algumas notas, entre as quaes se encontra a carta de el-rei D. Pedro V ao ministro da fazenda, Antonio José de Avila, sobre o pensamento que dictára a criação das primeiras trez cadeiras do curso superior de letras.

O rei e o soldado, facto historico do reinado do senhor D. Pedro V, precedido de um esboço biographico do mesmo monarcha, por Henrique Freire. Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 1868.

Este livrinho foi refundido e augmentado na 4.^a edição tomando o titulo de *D. Pedro V*.

Possuo a 5.^a edição (Lisboa, 1884, livraria Bertrand), que foi approvada pela junta consultiva de instrucção publica.

Palavras de D. Pedro V, por J. J. Ferreira Lobo. Lisboa, Typ. Lisbonense, 1870.

Elogio historico de D. Pedro V, recitado no dia 29 de setembro de 1873, na inauguração da estatua do mesmo rei em Castello de Vide e precedido de alguns apontamentos sobre o monumento e inauguração, por José Frederico Laranjo. Porto, Typ. Central, 1874.

Tentativas Dantescas, precedidas de uma carta de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, de saudosissima memoria, por Antonio José Viale. Coimbra, livraria central de J. Diogo Pires, 1884.

Foram muitas as poesias inspiradas pela morte de D. Pedro V e publicadas nos jornaes da epoca ou em opusculo. Estão n'este ultimo caso o *Canto saudoso*, de D. Antonia Pusich, o *Tributo saudoso*, do actor Braz Martins, etc.

Tambem são em numero avultado as orações funebres recitadas nas exequias do mallogrado rei e publicadas em folheto nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Evora, Guarda, Ponta Delgada, etc., bem como no Brazil.

Referencias: nos livros *Portugal Contemporaneo*, de Oliveira Martins; *Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas, ultimo volume; *Les Contemporains*, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, *Tome premier — Le Portugal et la maison de Bragançe*. Paris, 1859; no periodico *O Instituto* (vol. 46.^o, agosto de 1899); na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, retrato e biographia escripta por Mendes Leal, tomo 3.^o; no *Alma-*

nach historico, 1.^a publicação, anno de 1855 (descripção dos festejos publicos por occasião da acclamação de D. Pedro V); no folheto *Quebra dos escudos*, Porto, Typ. Popular de J. L. de Sousa (descripção do funeral), etc., etc.

Especialmente a respeito da rainha D. Estephania :

Apontamentos para uma biographia de Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Estephania, de saudosissima memoria. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859.

Este folheto, que sahi anonymo, foi escripto pelo conselheiro Antonio José Viale.

Anjo e cruz, canto elegiaco na infausta morte de S. M. F. a Rainha a Senhora Dona Stephania, por Jorge Hilario d'Almeida Blanco. Lisboa, Typ. de J. G. de Sousa Neves, 1859.

Oração funebre recitada nas reaes exequias de Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Estephania, no dia 20 d'agosto na sé patriarchal, em S. Vicente de Fóra, por D. José de Lacerda. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859.

Rainhas de Portugal, por Francisco da Fonseca Benevides. Lisboa, Typ. Castro Irmão, 1879. Tomo II, pag. 315. Com o retrato da rainha.

O principe revelava igual vocação para as letras e artes..... (Pag. 39)

El-rei D. Pedro V tinha a paixão das letras. D'elle se pode dizer que teria morrido escriptor se não houvesse nascido herdeiro d'um throno.

Aos quatorze annos de idade, em 1851, compunha umas *Reflexões sobre a historia romana*; dois annos depois, redigia outra memoria apreciando o character das instituições da Grecia e de Roma comparadas.

Ambos estes trabalhos de escolar eram offerecidos ao conde da Carreira.

Tambem el-rei colligia dia a dia as suas impressões, formando assim uma especie de «livro de lembranças» ou «diario», de que parece ter deixado muitos volumes.

Já mencionámos, no decurso d'esta novella, um *Tratado sobre a instrução e educação popular*, que ficou incompleto; e merece especial referencia, entre outras cartas de el-rei, que foram divulgadas pela imprensa, a que dirigiu ao conselheiro Viale sobre a *Divina Comedia*.

... á profunda sensação que o incidente da barca
negreira *Charles et George* causára em todo o
paiz..... (PAG. 232)

O ultrage que nos fez a França, mandando buscar ao Tejo a barca *Charles et George*, que tinhamos apresado, havendo os nossos tribunaes condemnado o respectivo capitão (Roussel) a dois annos de trabalhos publicos, constitue um dos acontecimentos mais dolorosos do reinado de el-rei D. Pedro V. Fomos esbofeteados á luz do sol, em pleno Tejo, pelos francezes — que em Portugal se deram melhor sobre a agua em 1858 do que, no principio do seculo, sobre a terra...

A alma nacional sentiu-se profundamente ferida e aviltada.

José Estevam, o grande orador político, trovejou do alto da tribuna parlamentar: «Não dissimulemos. Fomos aggravados, offendidos, humilhados, vilipendiados! Não nos resta senão uma arma, e esta arma é a palavra.»

Algumas passagens d'esse discurso famoso, que a indignação inspirára, ficaram por largos annos gravadas na memoria dos portuguezes, como o ecco resonante de uma desaffronta vibrada patrioticamente pela eloquencia tribunicia. Uma d'essas passagens foi a comparação entre as ondas, que se desfazem em espuma, e os heroes, que se desfazem em pó, destinada a amesquinhar a gloria de Napoleão I e, portanto, a da sua familia.

Mendes Leal, que tambem por essa occasião desaffrontou Portugal na tribuna do parlamento, compoz e publicou, sob o titulo de *O pavilhão negro*, um feixe de estrophes flammejantes como outros tantos raios de rábida colera despedidos pela mão de Jove.

A idéa do poema é a transformação degradante da bandeira tricolor, que presidira a gloriosas victorias, no pavilhão negro, que deshonorara a França negreira.

.....
Esta águia não é da França,
Negro é este pavilhão.
Negro--não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos, --
Negro da côr dos escravos
E da côr da escravidão.

Quando duas naus francezas, sob o commando do contra-almirante Lavaud, comboyavam Tejo abaixo a barca *Charles et George*, alguns francezes, hospedados no Hotel Central, ao Caes do Sodré, pediram champagne e brindaram pela França e pelo imperador.

Estava n'esse momento ali um commerciante do Porto, estabelecido com loja de mercearia na rua das Flores. Chamava-se José Braga, geralmente conhecido por «José Mano», e tinha vindo a negocios.

Indignado com o procedimento dos francezes, n'um impeto leonino de patriotismo ultrajado pegou n'uma faca de cima da mesa, avançou d'um salto para elles e cara a cara intimou-lhes silencio.

Pois calaram-se, tão certo é que os francezes, em Portugal, são mais fortes no mar do que na terra.

A enfermidade dos principes, attribuida á humidade do tempo durante uma excursão a Villa Viçosa..... (PAG. 237)

Segundo a opinião do doutor Bernardino Antonio Gomes, medico assistente de el-rei D. Pedro V, sua magestade foi victima de febre typhoide, n'uma das suas manifestações ataxo-dinamicas, das mais agudas e caracterisadas.

O mesmo illustre clinico não reputa essencialmente differente a doença que pela mesma epoca victimou, como um contagio de familia, os infantes D. Fernando e D. João, e poz em grave risco a vida do infante D. Augusto; mas reconhece que variou na forma da sua manifestação.

Quanto ao senhor D. Pedro V, faz notar que foi muito desfavoravel a disposição moral e affectiva do monarcha, dominado e preocupado sempre pela paixão do bem publico: estado psychico que é capaz só por si de produzir complicações pathologicas. Mas cresceu, accidentalmente, depois de certa demora em Villa Viçosa, a fadiga de uma viagem ao alto Alemtejo (Portalegre e Castello de Vide) durante a qual não faltou occasião de sua magestade receber a inoculação de agentes morbigenos.

O povo suspeitou de envenenamento, o que a autopsia repelliu, e, na commoção da sua dôr profunda, chegou a tumultuar nas praças publicas.

A morte prematura do rei, facta ainda avultado pelo fallecimento dos infantes D. Fernando e D. João em idênticas circumstancias, causou enorme impressão, não só em Portugal, mas na Europa toda.

N'essa catastrophe tremenda, o coração do paiz transformou-se n'uma lyra enorme, onde cada cidadão encontrava uma corda para chorar o rei: o povo em lastimas rudes e pranto desfeito; os poetas cultos em elegias maviosas e threnos lacrimaveis.

Pertence a esta ultima categoria o *Tributo portuguez* de Castilho, inegalavel como obra de arte e expressão de sentimento, o que é facil de julgar logo ás primeiras estrophes :

No monumento publico
lidaste o dia inteiro,
desd' alva até ao véspero,
joven, Real obreiro.

Limpa o suor da purpura
ao funebre lençol;
vai receber a féria;
descança; é posto o sol.

Aos do porvir artifices
dêste não visto exemplo:
juntaste um lanço amplissimo
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana asperrima;
prostrou-te; mas valor!
chegaste ao dia séptimo,
ao dia do Senhor.

Sóbe aos eternos jubilos,
ao throno verdadeiro;
no rosto melancolico
abre o sorrir primeiro.

Mal diria eu, quando pela primeira vez li esta encantadora elegia, que ainda havia de ver em papeis publicos, cynicamente estampada, a affirmação de que Antonio Feliciano de Castilho jamais havia sido um poeta.

... uma expressão do Dante, do poeta a quem
 el-rei mais queria..... (PAG. 276)

N'uma extensa carta, que precede as *Tentativas Dantescas* (Coimbra, 1884) do professor Viale, expoz o senhor D. Pedro V, com vasta copia de erudição e alto criterio litterario, os seus pontos de vista sobre a poesia em geral. E' um documento notavel, que poderia dar margem a larga discussão.

Vê-se ahí que sua magestade apreciava muito Victor Hugo, pelas referencias elogiosas que lhe faz. E Andrade Ferreira assevera que foi pela leitura das *Contemplações* que el-rei se familiarisou, não só com este poeta, mas com a poesia moderna, a qual não condemnava absolutamente. «Não odeio de todo — diz o senhor D. Pedro V — essa musa vagabunda e facil, que inspira a poesia, a que vulgarmente se chama frivola, e na qual pode existir, e mais ainda que na poesia que se chama grave, uma parcella d'essa vasta philosophia sem formulas philosophicas, que é a poesia mesma».

Quanto á poesia da idade-média, sua magestade confessa que o Dante o deixa assombrado como um colosso, visto á luz do sol, que permite medir-lhe a grandesa, ou embrulhado n'aquellas roçagantes sombras, que por vezes chegam a inspirar terror na *Divina Comedia* pela confusão e profundidade, também colossaes.

«Leio cantos e cantos da *Divina Comedia* — diz o monarcha — e em grande parte não os entendo; e comtudo, sem que eu esteja obedecendo a um preconceito, sem que eu deva incorrer na accusação de vaidoso, n'essa obscuridade mesma já existe para mim um certo goso. Não encontro ali a obscuridade que nas letras humanas costuma tomar-se por defeito; não é a obscuridade que se desvanece ao folhear de um dictionario, é essa escuridão quasi apocalyptica, que não cede senão

á triplice acção do conhecimento do livro, do auctor e da epocha.»

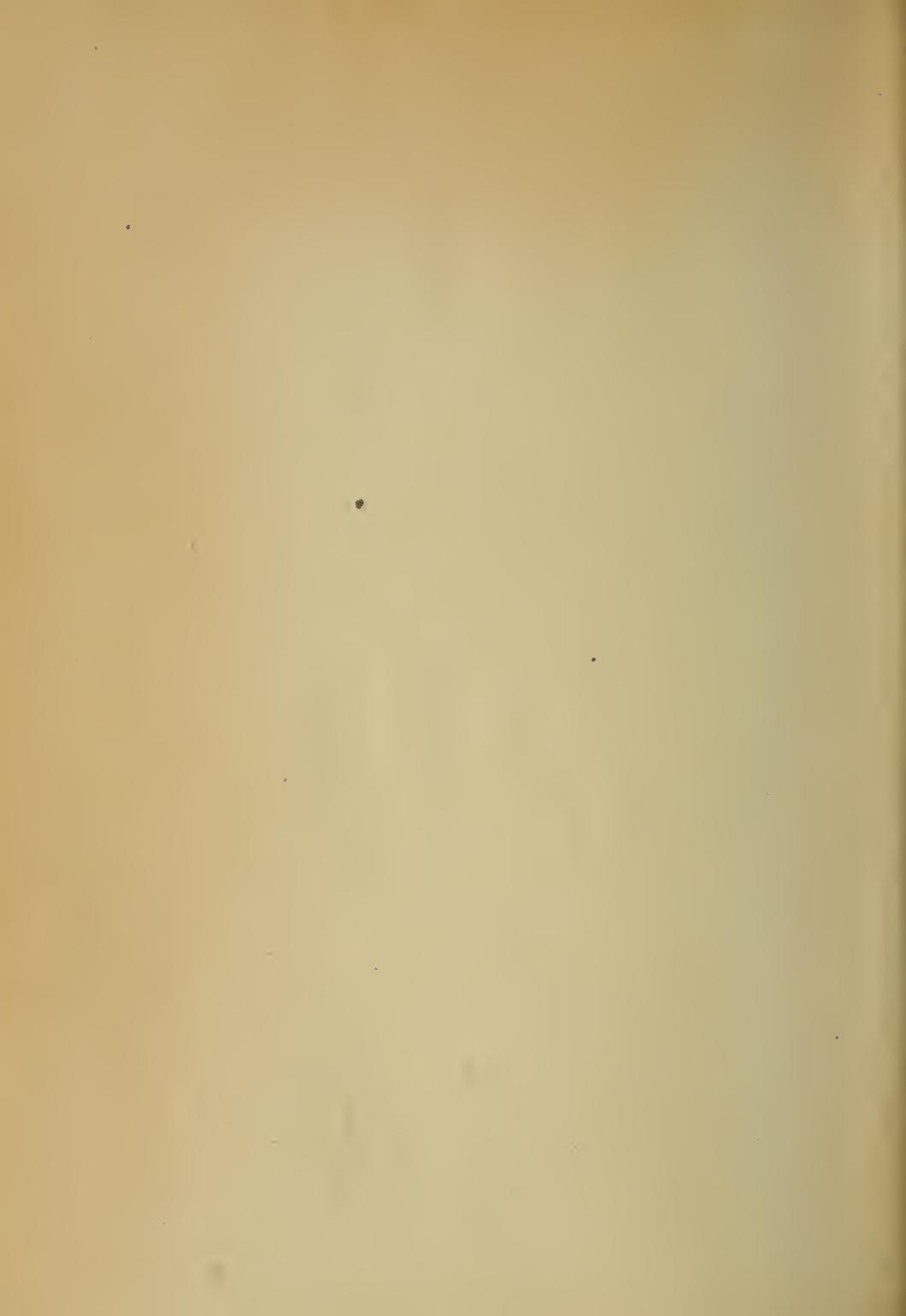
No delirio raciocinado que precedeu a morte, as recordações de Dante acodem ao espirito do rei, ligando-as com factos da sua propria existencia, vagamente esboçados entre os ultimos clarões da vida e as primeiras nevoas da eternidade.

INDICE

INDICE

	PAG.
Prologo da 4. ^a edição.....	IX
I — Um serão em Alcobaça.....	I
II — Tristezas do lar.....	15
III — Como a alma de Clarinha quer ter azas!.....	31
IV — Um coração que soffre emquanto um povo jubila	45
V — A leitura da primeira carta.....	67
VI — No Paço das Necessidades.....	83
VII — A magnanimidade d'el-rei.....	95
VIII — Maguas e receios.....	109
IX — A viagem d'Alvaro Vaz.....	123
X — Durante a epidemia da febre amarella.....	139
XI — O supplicio de Tantalo.....	155
XII — João Vaz no Sinai.....	173
XIII — Festa e luto.....	189
XIV — Como as flôres vacticinam!.....	207
XV — Na clausura.....	223
XVI — A lenda do rei santo.....	243
XVII — Realisação d'uma prophacia.....	259
Epilogo.....	275
Notas.....	281







PQ
9261
P46P7

Pimentel, Alberto
A porta do paraíso
4. ed., rev. e melhorada
pelo auctor

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 14 05 013 0